

# JACK HIGGINS

## O VOO DAS ÁGUIAS



UNIDOS PELO SANGUE E DIVIDIDOS PELA GUERRA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**JACK HIGGINS**

(1929)

**O Voo das  
Águias**

Título original inglês

**FLIGHT OF EAGLES**

1998

# Sinopse

O alemão Max von Halder e o americano Harry Kelso são irmãos gêmeos que as circunstâncias da vida separaram na infância. Quando, na Primeira Guerra Mundial, um deles se alista na Luftwaffe e o outro ingressa na RAF, seu destino é o confronto. Para complicar as coisas, veem-se envolvidos num plano que pode alterar o curso da guerra.

Uma guerra pode travar-se em campos de batalha muito diversos. Nos céus negros sobre o canal da Mancha, dois extraordinários pilotos — gêmeos ao serviço de potências inimigas — conseguem evitar-se um ao outro por algum tempo. Mas seu destino é se encontrar. E o conflito final e mais importante é o que se trava no mais íntimo de seus corações.

Neste livro Jack Higgins regressa à era da Primeira Guerra Mundial de *A Águia Pousou*, o best seller de 1975 que o tornou célebre.

# Prólogo

CANAL DA MANCHA

1997

QUANDO FICAMOS sem motor de estibordo, percebi que estávamos com problemas, mas também a viagem fora azarada desde o começo.

A minha mulher, Denise, e eu estávamos na nossa casa em Jersey, nas ilhas do Canal, quando recebemos uma mensagem por telefone informando-nos de que um grande produtor de Hollywood estava bastante interessado em adaptar um dos meus livros ao cinema. Por isso, tínhamos de ir a Inglaterra, passando rapidamente pela nossa casa, em Chichester, a caminho de Londres. Telefonei para a firma de táxis aéreos que costumava utilizar, mas só me conseguiram arranjar um Cessna 310 da Bretanha e um piloto já entradote chamado Dupont. Já que não tinha escolha, marquei o voo, pois o boletim meteorológico não era bom e nós tínhamos pressa. Sentei-me atrás, mas o 310 tinha comandos duplos, e a minha mulher, piloto experiente, decidiu ocupar o lugar da direita à frente. Graças a Deus que o fez.

O canal da Mancha é caracterizado por nevoeiros incrivelmente repentinos, que encobrem tudo num instante, e foi exatamente isso que aconteceu naquela manhã.

Decolar de Jersey foi fácil, mas passados dez minutos a ilha desapareceu no nevoeiro. Rumamos à costa sul de Inglaterra, a Southampton. Dupont tinha perto de sessenta anos pelo aspecto, cabelo grisalho e algum peso a mais. Ao observá-lo manobrando o avião, reparei que tinha o rosto coberto de suor.

Denise colocara os auscultadores, e, a certa altura, Dupont começou a conversar com o controlador de tráfego aéreo.

— Nevoeiro cerrado lá em baixo informou a minha mulher, virando-se para mim. — Southampton está fora de questão. Vamos tentar Bournemouth, mas as probabilidades são poucas.

Tendo evitado a morte no Exército, aprendi a viver a vida como ela se me oferece. Sorri, confiante nas capacidades da minha mulher, procurei a meia garrafa de champanhe que atenciosamente haviam colocado no compartimento do bar e deitei um pouco num copo de plástico.

Foi exatamente nesse instante que o motor de estibordo parou. Por uma ansiosa fração de segundo, viu-se uma coluna de fumo preto, que depois desapareceu.

Dupont enervou-se, debatendo-se com os comandos, fazendo ajustes freneticamente, mas em vão. Começamos a descer. Em pânico, ele gritou em francês para o controlador aéreo, mas a minha mulher fez-lhe sinal e assumiu o comando com uma calma e doce sensatez.

— Temos combustível para talvez uma hora — informou. — Tem alguma sugestão?

A voz do controlador aéreo foi igualmente calma: — A Cornualha é a melhor hipótese. O nevoeiro lá não está tão cerrado como aqui.

Cold Harbour, um pequeno porto piscatório. Há lá uma velha pista de aterrissagem da RAF da Segunda Guerra Mundial. Abandonada, mas utilizável. Vou transmitir os dados a todos os serviços de socorro. Boa sorte.

Voamos a três mil pés durante os vinte minutos que se seguiram. O nevoeiro rodopiava à nossa volta e depois começou a chover a potes. Dupont ficou mais agitado que nunca e suava as estopinhas. Falava de vez em quando, mas novamente em francês. O avião começou a abanar com a trovoadas que rebentou por cima de nós.

Denise falou pelo rádio, muito controlada, dando pormenores.

— Possível Mayday. Tentativa de aterrissagem em Cold Harbour.

Havia muita estática, que depois desapareceu, ecoando uma voz forte e precisa: — Instituto de Socorros a Náufragos de Cold Harbour. Daqui, Zec Acland. Não há hipótese de aterrissar aqui, moça. Não se vê um palmo à frente do nariz.

Para Dupont foi a última gota. Gemeu subitamente, teve uma convulsão e a cabeça tombou-lhe para o lado. O avião começou a descer, descontrolado, mas Denise tornou os comandos e acabou por nivelá-lo.

Inclinei-me para a frente para verificar a pulsação no pescoço do piloto.

— Tem pulso, mas fraco. Parece um ataque cardíaco. Tira o colete salva-vidas de baixo do banco e põe nele — disse ela, ainda calma. — Depois, faz tu o mesmo. — Ligou o piloto automático enquanto vestia o seu próprio colete.

Eu tratei de Dupont e enfiei-me no meu.

— Vamos ao banho?

— Não temos muita escolha. — Denise retomou o controle manual. Tentei fazer-me engraçado, uma fraqueza pessoal.

— Mas estamos em março. A água está fria demais para mim.

— Cala-te, sim? Isto é a sério — disse ela enquanto descíamos. Cold Harbour, vou ter de amerissar. Parece que o piloto teve um ataque cardíaco.

A voz forte novamente: — Sabe o que está fazendo, moça?

— Pode crer. Há mais um passageiro.

— O salva-vidas de Cold Harbour já está no mar, e eu estou a bordo. Dê-me a posição com a maior exatidão possível.

Felizmente, o avião estava equipado com o sistema de posicionamento global por satélite, que ela leu.

— Vou descer imediatamente — acrescentou.

— Caramba, você é corajosa, moça! Nós vamos buscá-la, não se aflija.

Denise reduziu a velocidade e descemos. Observei o altímetro. Mil pés, depois quinhentos. Não se via nada, e subitamente, aos duzentos pés, abriu-se o nevoeiro. Via-se o mar lá em baixo, e ela pousou contra o vento. Naqueles breves instantes, acho que Denise se comportou verdadeiramente como um piloto de exceção. Embatemos e ricocheteamos sobre as ondas até pararmos. O choque foi considerável, mas ela nem esperou para abrir a porta da cabina.

— Traz contigo — gritou, saindo para a asa. Soltei o cinto de Dupont, depois empurrei-o de cabeça pela porta. Ela agarrou-o, deslizou pela asa para a água e puxou-o atrás de si. Com o avião a afundar, deixei-me também escorregar para a asa, mas Denise gritou: — Oh, não! Tarquin está lá dentro!

Isto requer uma pequena explicação. Tarquin era um urso, mas um urso especial. Quando o encontramos numa prateleira numa loja de antiguidades em Brighton, usava um capacete de couro, de piloto, botas de piloto e macacão azul de piloto do Royal Flying Corps, da Primeira Guerra Mundial, assim como o emblema da Royal Air Force da época. Tinha um ar enigmático, o que, segundo o vendedor, não era para admirar, pois havia participado na Batalha da Inglaterra com um piloto de caça. Era uma história romântica, mas parecia verdadeira, pois ele tinha o aspecto de um urso viajado e aventureiro. Seja como for, acabou por se tornar mascote de Denise. De modo algum poderíamos abandoná-lo.

Alcancei o puxador da porta traseira, abri-a e tirei Tarquin.

— Anda lá, meu velho, vamos ao banho.

Ah, mas estava fria, como ácido a corroer os ossos, e o frio, eu sabia-o, é que era o assassino. Não se sobrevive muito tempo no canal da Mancha. Agarrei-me a Dupont e a Tarquin, e Denise agarrou-se a mim.

— Grande amerissagem — disse. — Muito impressionante.

— Vamos morrer? — interrogou Denise, engasgando-se com a água do mar.

— Acho que não — disse. — Olha para trás. E foi o que ela fez, vendo um salva-vidas a emergir do nevoeiro como um fantasma. A tripulação encontrava-se na amurada com oleados amarelos. Um homem velho, de cabelo grisalho e barba, destacou-se, e quando falou, tinha a mesma voz forte que ouvíamos no rádio: Zec Acland.

— Çaramba, conseguiu mesmo, moça.

— É o que parece — exclamou Denise. Içaram-nos para dentro do barco, e aí aconteceu uma coisa estranhíssima: Acland olhou para o urso ensopado nos meus braços com cara de espanto.

— Deus do céu, é Tarquin. Onde o encontrou?



DENISE E EU estávamos sentados num banco da cabina, enrolados em cobertores e bebendo chá de um termo, enquanto dois membros da tripulação ajoelhados tratavam de Dupont no chão, colocando-lhe uma máscara de oxigênio. Zec Acland encontrava-se sentado no banco à nossa frente.

Entrou um homem, uma versão mais jovem de Acland.

— Este é o meu filho, Simeon — disse Zec. — Mestre deste barco, o *Lady Carter*.

— Está um helicóptero da Marinha a aterrar neste momento em Cold Harbour. Leva-vos à civilização em menos de nada — disse Simeon.

Olhei de relance para Denise, que fez uma careta, por isso eu disse: — Para ser sincero, foi um dia e tanto. Há alguma chance de passarmos a noite aqui?

Simeon riu. — Bem, o meu pai aqui é o estalajadeiro do Enforcado. Normalmente, tem um ou dois quartos disponíveis. — Voltou-se e viu o urso ensopado ao lado do pai. — O que é isso?

— É Tarquin — disse Zec Acland.

Simeon fez uma expressão estranha.

— Quer dizer que ... então não estava mentindo... Todos estes anos, pensei que o pai tinha inventado tudo. — Agarrou Tarquin, que pingava. — Está encharcado.

— Não te preocupes — disse Zec Acland. — Já se molhou outras vezes.

Era tudo muito intrigante, e eu estava prestes a pedir esclarecimentos quando rondamos o promontório e vimos um molhe na baía mais adiante. O *Lady Carter* desacelerou na aproximação ao molhe e os motores pararam. Logo em seguida, ouviu-se um súbito fragor, e Simeon disse: — Deve ser o helicóptero. É melhor levá-lo para cima.

Levaram Dupont numa maca, e nós fomos atrás deles.

O PUB O Enforcado tinha janelas de vidrinhos e estrutura de madeira à vista. Zec entrou à nossa frente, e atrás do balcão do bar encontrava-se uma mulher de aspecto maternal que respondeu ao nome de Betsy e imediatamente levou Denise escada acima para

tomar um banho quente. Eu fiquei-me pelo velho bar com tecto de traves de madeira, saboreando com Zec um rápido uísque perto da lareira de lenha crepitante.

Zec sentou Tarquin num nicho perto do fogo.

— Deixemos que seque naturalmente.

— O urso é importante para você? — indaguei.

Ele assentiu com a cabeça.

— E para outra pessoa. Mais do que poderá suportar. Virou-se. — É hora de você também tomar um banho quente. Qual é o seu trabalho?

— Sou romancista — respondi.

— Será que o conhece?

Eu disse quem era, ele riu e comentou: — Bem, parece que sim. Já me ajudou a passar um par de noites más.

JANTAMOS NO CANTO do bar — robalo, batatas novas e salada — e partilhamos uma garrafa gelada de Chablis com Zec e Simeon. Denise e eu envergávamos calças de ganga e camisas providenciadas pela gerência. Estavam uns oito marinheiros ao balcão. O fogo na lareira cintilava, e Tarquin fumegava suavemente.

— O meu pai costumava falar-me de Tarquin, o urso voador, quando eu era miúdo disse Simeon. — Sempre pensei que fosse uma invenção.

— Então, agora ficaste finalmente a saber a verdade — disse Zec; depois, virou-se para Denise. — Onde é que o encontraram?

— Numa loja de antiguidades em Briglton. Fiquei intrigada pelo fato de ter insígnias de piloto tanto da Segunda como da Primeira Guerra Mundial.

— Sim, bem — disse Zec —, primeiro foi para a guerra com o pai dos miúdos. Fez-se silêncio.

— O pai dos miúdos? — perguntou Denise cautelosamente.

— Há muito tempo, em 1917, em França, mas eu vi Tarquin pela última vez em 1944, ia ele a caminho da França ocupada. Agora, passados todos estes anos, aparece numa loja de antiguidades em Briglton.

— Zec parecia meditar.

A minha mulher recostou-se na cadeira.

— Tarquin é um velho amigo, então?

— Pode crer. Já o pesquei do canal da Mancha uma outra vez, em 1943. Caiu com um Hurricane. Grandes caças, esses. Destruíram mais Luftwaffes do que os Spitfires. — As lágrimas vieram-lhe aos olhos. Com Harry, ou seria Max? Eram impossíveis de distinguir.

— Sente-se bem, pai ? — perguntou Simeon, servindo mais vinho.

— Vá lá, pai, beba. Não se aborreça.

— No meu quarto. A caixa vermelha na terceira gaveta. Vai buscá-Ia, filho.

Quando Simeon regressou com a caixa, Zec colocou-a na mesa e abriu-a, revelando papéis e fotografias. Passou as fotografias uma após outra a Denise: o molhe em Cold Harbour, um barco salva-vidas atracado — um modelo muito mais antigo. O pub tinha o mesmo aspecto. Havia uma fotografia de um oficial do Exército, feio mas com ar simpático, aparentando uns sessenta e cinco anos, com óculos de aros metálicos e cabelo branco.

— O brigadeiro Munro — disse Zec. — Dougal Munro, professor de Egiptologia em Oxford antes da guerra. Depois, foi para os serviços secretos, na altura Serviço de Operações Especiais (SOE). Foi Churchill quem inventou essa. Deitem fogo à Europa, disse, e eles deitaram. Introduziram agentes secretos em França e esse tipo de coisas. Transferiram a população de Cold Harbour para outro local e transformaram isto numa base secreta.

— Nunca me contou isso, pai — disse Simeon.

— Porque toda a gente aqui teve de assinar o Decreto de Sigilo Oficial. — Acenou com mais uma fotografia. — Esta era Julie Legrande. Dona do pub.

Havia uma fotografia de outro oficial, um capitão, de bengala na mão.

— Jack Carter, ajudante-de-campo de Munro. Perdeu uma perna em Dunquerque. — A seguir, surgiu um envelope grande castanho. Ele hesitou, mas acabou por abri-lo.

— Que se dane o Decreto de Sigilo Oficial. Tenho oitenta e oito anos.

Se as fotos anteriores tinham sido interessantes, aquelas eram espantosas. Uma delas era de uma pista com um caça noturno alemão Junkers 88S, de suástica na cauda. O mecânico envergava um macacão preto da Luftwaffe. Havia dois hangares mais atrás.

— Que raio é isto? — perguntei.

— A pista ali ao cimo da rua. Voos noturnos para França, esse tipo de coisas.

Enganava-se o inimigo, mascarando-se de inimigo.

— Não devia ser lá muito saudável para quem fosse apanhado observou Denise.

— Dava direito a pelotão de fuzilamento se descobrissem. É claro que também trabalhavam com material da RAF como este. — Passou-lhe uma fotografia. — Um Lysander. Muito feio, mas capaz de aterrar e decolar em terreno lavrado.

Uma outra fotografia mostrava o Lysander, um oficial e uma mulher jovem. Ele estava de uniforme americano com divisas de tenente-coronel e uma série de medalhas. Mas o mais fascinante era que do lado direito da farda de batalha ostentava as asas da RAF

— Quem era? — perguntei. Ele examinou a fotografia.

— Harry, acho eu, ou talvez Max. Era difícil distingui-los. Lá estava outra vez o mesmo comentário. Simeon parecia tão espantado como eu.

— E a moça? — perguntou Denise.

— Ah, essa é Molly, Molly Sobel, sobrinha de Munro. Era uma miúda esperta, médica. Voava de Londres para cá sempre que era preciso um médico. — Zec parecia ter partido para um qualquer lugar privado muito seu. Não dissemos nada. A lareira crepitava; a chuva batia na janela.

Denise inclinou-se para a frente, colocou a mão na de Zec e perguntou: O piloto, Harry ou Max, foi o que disse?

— Exato.

— Isso não faz sentido.

— Faz todo o sentido do Mundo, minha filha. — Inclinou-se para a frente a rir, depois abriu outro envelope que estava na caixa. — Estas são muito especiais.

Eram fotografias grandes. A primeira era de um tenente-aviador da RAF.

— Um ianque na RAF — disse Zec. — Esteve a serviço dos Finlandeses na guerra com a Rússia, e quando acabou Harry veio para a Inglaterra e alistou-se na RAF.

— Harry? — disse Denise baixinho.

— Harry Kelso. Era de Boston. — Pegou outra fotografia: Kelso de uniforme americano outra vez. — É de 1944, essa.

As medalhas eram impressionantes. Uma Distinguished Service Order com um galão, uma Distinguished Flying Cross com dois galões, a Cruz de Guerra e a Legião de Honra francesas, a Cruz de Ouro de Bravura finlandesa.

— Isto é incrível. Interesse-me especialmente pela Segunda Guerra Mundial e nunca ouvi falar dele — comentei.

— Claro que não. Como eu disse, o Decreto de Sigilo Oficial.

— Mas por quê? — quis saber Denise.

Zec Acland tirou outra fotografia do envelope e a deixou em cima da mesa: o ás do baralho.

— Por causa disto — disse. A fotografia era a cores e mostrava Kelso novamente de uniforme, só que desta vez da Luftwaffe: calças azul-cinza largas, com enormes bolsos para mapas, e camisa de aviador com galões dourados. Usava um crachá prateado de piloto, uma Cruz de Ferro de Primeira Classe e uma Cruz de Cavaleiro com folhas de carvalho.

— Não entendo — disse Denise.

— É muito simples. — Zec Acland explicou: — O ianque da RAF? Esse era Harry. Este é o ianque da Luftwaffe, o irmão gêmeo, Max. Pai americano e mãe alemã, uma baronesa. Por isso, Max, sendo o mais velho por dez minutos, era o barão Max von Halder. O Barão Negro, como o chamava a Luftwaffe. — Guardou as fotografias e sorriu. — Vou contar o que sei. É uma boa história. Embora ninguém vá acreditar.

Quando ele terminou, Simeon pareceu tão espantado como Denise e eu. Uma vez mais, foi Denise quem falou: — É tudo?

— Claro que não, moça. — Zec sorriu. — Faltam muitas peças no puzzle. Por exemplo, a parte final das coisas na Alemanha.

Ultrassecreto lá também. — Virou-se para mim. — De qualquer modo, um sujeito esperto como você saberá onde puxar os barbantes.

— É uma possibilidade — assenti.

A partir do que Zec me contou, um primo alemão descobriu e mais alguma pesquisa de minha parte, este relato é o que conseguimos saber da verdadeira e extraordinária história dos irmãos Kelso.

# 1

AGOSTO DE 1917

Voando dez mil pés acima das linhas da França, Jack Kelso sentia-se tão feliz como qualquer ser humano consegue ser. Aos vinte e dois anos, era o herdeiro de uma das melhores famílias de Boston; podia estar a terminar o curso em Harvard, mas, em vez disso, cumpria o seu segundo ano no Royal Flying Corps britânico.

A aeronave que pilotava era um caça Bristol de dois lugares, com um artilheiro-observador atrás. O sargento de Kelso, atingido por estilhaços num combate aéreo no dia anterior, fora hospitalizado, e Kelso, um piloto brilhante com quinze aviões alemães abatidos no currículo, decolara sozinho sem autorização. Bem, não completamente sozinho, pois no fundo do cockpit encontrava-se um urso chamado Tarquin, de capacete de couro e jaqueta de aviador.

Kelso deu-lhe uma palmadinha na cabeça.

— Lindo menino. Não me deixes ficar mal. Naquela altura, o Gabinete Britânico para os Assuntos da Guerra ainda bania o uso de paraquedas, com o argumento de que eles tornavam os pilotos cobardes. Jack Kelso, um jovem realista e de posses, ia sentado sobre o último modelo de paraquedas, sua propriedade particular.

Estava mau tempo, com vento e chuva, e no meio do barulho e da confusão, Kelso nem se apercebeu de que tipo de avião acabou com a sua sorte. Houve um estrondo, uma sombra a bombordo, tiros de metralhadora a rasgarem o Bristol, uma bala a furar-lhe a perna esquerda, e logo a seguir ele mergulhou para a segurança das nuvens carregadas.

Voltou para trás, na direção das linhas britânicas, apercebendo-se de um cheiro a queimado. Conseguiu descer para cinco mil pés, depois três mil, com as labaredas a lamberem o motor. Avistou por uma fração de segundo as trincheiras lá em baixo, os campos de batalha da Flandres. Altura de saltar. Soltou o cinto de segurança,

enfiou Tarquin dentro do seu forte jaqueta de couro, virou o Bristol de pernas para o ar e deixou-se cair. Puxou o fio e flutuou para o solo. Uma patrulha da infantaria britânica, de uniforme de caqui manchado de lama, alcançou-o numa questão de minutos.

O hospital de campo era num velho castelo francês que se erguia num vale esplendoroso. Jack Kelso ficara inconsciente graças à morfina que a patrulha de infantaria lhe havia administrado. Acordou num mundo de fantasia: um quarto pequeno, lençóis brancos, janelas de sacada abertas para um terraço. Tentou sentar-se e gemeu com a dor na perna. A porta abriu-se e entrou uma jovem enfermeira de uniforme da Cruz Vermelha. Tinha cabelo louro, cara séria, parecia ter vinte e poucos anos e era a coisa mais bonita que ele vira na vida. Jack Kelso apaixonou-se instantaneamente.

— Não, deite-se — disse ela, empurrando-o para as almofadas. Um coronel do Exército entrou no quarto.

— Problemas, baronesa?

— Não propriamente. Ele só está confuso.

— Isso não é bom — disse o coronel. — Tirei-lhe uma bala enorme da perna. Um pouco mais de morfina, diria. — Saiu.

Ela preparou uma seringa e agarrou-lhe no braço direito.

— A sua pronúncia — disse Jack. — Você é alemã. Ele chamou-lhe baronesa.

É muito útil quando lido com pilotos da Luftwaffe. Não me interessa o que você é

desde que prometa que casa comigo, baronesa — disse, entorpecido, começando a perder a força. Onde está Tarquin?

— Refere-se por acaso ao urso? — perguntou a enfermeira.

— Não é um urso qualquer, é a minha mascote.

— Bom, aqui o tem, na mesa. E lá estava ele. Jack Kelso olhou-o bem.

— Olá, velho amigo — saudou, adormecendo logo de seguida.

A BARONESA ELSA von Halder ficara retida em Paris no início da guerra. O pai, general, morrera no Somme. Tinha vinte e dois anos, era de excelente linhagem prussa, com um palácio decadente e falida. Com o passar dos dias, Kelso encheu-a com histórias da sua



vida privilegiada nos Estados Unidos e descobriram que tinham algo em comum: ambos haviam perdido as mães com cancro.

Três semanas depois de dar entrada no hospital, sentado numa espreguiçadeira no terraço a apanhar sol junto de muitos oficiais feridos, Kelso viu-a chegar com um embrulho, que lhe entregou.

— Não te importas de o abrir? — perguntou Jack, e ela assim fez. No interior, havia uma caixa de couro e uma carta.

— Olha, Jack, é do quartel-general. Atribuíram-te uma condecoração de mérito. Tirou-a para fora e exibiu-a. — Não estás contente?

— Claro. Mas eu já tenho uma medalha — disse. — Eu não te tenho é a ti. — Pegou-lhe na mão. — A Alemanha vai perder a guerra. Só te espera uma casa velha e falta de dinheiro. Casa comigo, Elsa. Confia em mim, eu tomo conta de ti. Sabes que vou continuar a pedir até cederes.

Ela aceitou, e casaram-se dois dias depois. Afinal, ele até tinha razão. Nada a esperava na Alemanha.

A lua-de-mel em Paris correu bem. Não foi o maior romance do Mundo, mas afinal ele sempre soube que ela não casara por amor. Ela engravidou rapidamente, e Kelso insistiu para que fosse para os Estados Unidos. Portanto, lá foi ela para a América, onde Abe Kelso, o pai de Jack, a recebeu com entusiasmo. Foi um êxito a nível social, e nada era bom demais para ela, principalmente quando entrou em trabalho de parto e deu à luz dois meninos gêmeos. Ao mais velho chamou Max, em honra de seu pai; ao outro, Harry, em honra de Abe.

Na frente ocidental, Jack Kelso recebeu a notícia por telégrafo. Por essa altura, já era tenente -coronel, um dos veteranos que ainda por lá andavam, pois as baixas naquele último ano haviam sido pavorosas. E, de repente, tudo acabou.

CADAVERÍCO, DESGASTADO, precocemente envelhecido, Jack Kelso, ainda de uniforme, estava no quarto dos rapazes a vê-los dormir. À porta, um pouco apreensiva, Elsa olhava para aquele desconhecido.

— Ótimos — disse ele. — Estão ótimos. Vamos lá para baixo. Abe Kelso encontrava-se à lareira na sala de estar. Era mais alto do que Jack, tinha cabelo mais escuro, mas os mesmos traços faciais.

— Sinceramente, Jack. — Pegou em duas taças de champanhe e entregou uma a cada um deles. — Nunca vi tantas medalhas.

— Um monte de lata. — O filho bebeu o champanhe de um só gole.

— Foi ruim este último ano? — indagou Abe enquanto voltava a encher-lhe a taça.

— Bem ruim, embora eu não tenha conseguido morrer. Todos, menos eu. — Jack Kelso fez um esgar terrível.

— Isso é horrível de se dizer — comentou a mulher.

— Porém, é a verdade. — Ele acendeu um cigarro. — Vejo que os meninos têm cabelo louro, quase branco. — Exalou o fumo.

— Eles são meio alemães.

— Não é culpa deles — disse ele. — A propósito, sabes a minha pontuação final? Abati quarenta e oito.

Foi então que ela percebeu como ele estava afetado, mas foi Abe quem falou com uma boa disposição forçada.

— E então, Jack, o que é que vais fazer agora à tua vida? Voltas para Harvard para terminar o curso de Direito?

— Deve estar a brincar. Tenho vinte e três anos e matei centenas de homens. Com a herança que a minha mãe me deixou, vou divertir-me.

— Esvaziou o copo e saiu a coxear.

Abe Kelso deitou um pouco mais de champanhe na taça de Elsa.

— Olha, querida, ele passou por muito. Temos de compreender.

— Não se desculpe por ele. Aquele não é o homem com quem casei. Ele ainda está naquela maldita guerra. Nunca de lá saiu.

O que não estava longe da verdade, pois nos anos que se seguiram Jack Kelso agiu como se lhe fosse indiferente estar vivo ou morto. As suas proezas nos circuitos de corridas de automóveis eram notáveis. Ainda voava e despenhou-se três vezes.

Tinha uma enorme capacidade para beber. Por seu lado, Elsa fazia o papel de boa esposa, distinta anfitriã e mãe carinhosa. Era sempre Mutti para Max e Harry, ensinava-lhes alemão e eles

adoravam-na. Porém, o seu afeto pelo pai bêbado e herói de guerra era ainda maior.

Ele conseguira adquirir um caça Bristol que tinha num pequeno clube de aviação nos arredores de Boston pertencente a outro antigo ás do RFC chamado Rocky Farson. Os miúdos tinham dez anos no dia em que Jack os prendeu no fundo do cockpit e os levou para um voo. Era a prenda de aniversário, como ele lhe chamou. Elsa ameaçou deixá-lo se voltasse a fazer aquilo. Abe, como habitualmente, foi o intermediário, tentando manter a paz, do lado da nora porque Jack estava bêbado.

Desiludida com o casamento, Elsa tinha apenas o apoio da amizade sincera de Abe e do amor dos filhos. Eram completamente idênticos: o cabelo louro-palha, os olhos verdes, as maçãs do rosto salientes, a voz, os modos. Não tinham qualquer marca de nascença que os distinguisse. Na maior parte das vezes, nem ela própria conseguia distingui-los. Era uma brincadeira constante para eles trocarem de papel e enganarem toda a gente. Eram muito ligados, e a única coisa que discutiam era a quem pertencia Tarquin. O fato de Max, o mais velho por dez minutos, ser legalmente o barão Von Halder nunca os incomodou.

Foi no Verão de 1.930 que se deu a tragédia. Jack morreu quando o seu Bentley se despistou depois de um pião numa estrada de montanha no Colorado e explodiu. O que restou dele foi trazido para Boston, onde Abe, agora congressista, presidiu ao funeral. Os gêmeos, de fato preto, um de cada lado da mãe, pareciam estranhamente silenciosos, quase paralisados e mais velhos do que os seus doze anos.

Mais tarde, na grande casa, depois de todos se terem ido embora, na sala de estar, elegantemente vestida de preto, Elsa bebia um brandy. Abe encontrava-se de pé junto à lareira e perguntou: — E agora? O futuro não parece risonho.

— Eu não tenho dúvidas — respondeu Elsa. — Já fiz o meu dever. Fui uma boa esposa, Abe, e aturei muita coisa. Quero regressar à Alemanha.

— E viver de quê? Ele estoirou a maior parte da fortuna que a mãe lhe deixou, Elsa, como bem sabes.

— Sim, eu sei — assentiu ela. — Mas o Abe tem milhões. Nem sabe o que fazer com eles. Podia ajudar-me. Deixe-me ir para casa. Eu recupero a propriedade.

Recupero o nome da família.

— E levavas os meus netos? Eu não suportaria isso.

— Mas eles também são meus filhos. Devem ficar junto da mãe. E Max, Max é o barão Von Halder. Não pode obrigá-lo a abdicar disso, Abe. Não seria certo. Por favor, imploro-lhe.

Abe Kelso ficou imóvel durante algum tempo naquela atmosfera impregnada de sofrimento e perda. Por fim, falou: — Tenho pensado muitas vezes nisso, sabes, no que iria acontecer quando Max tivesse idade para dar valor ao título. Será que ele partiria para o reclamar, deixando-nos a todos aqui? Mas sem Jack, e querendo tu ires-te embora, o "nos" fica muito reduzido, não é? — Sorriu com tristeza. — Tens razão, Elsa. Max merece essa oportunidade. Tal como tu, por teres aturado Jack todos estes anos. Por isso, vou dar-te o que precisas. Mas com uma condição: Harry fica comigo. Estamos de acordo?

Ela nem contestou.

— De acordo, Abe.

Mais tarde, antes do jantar, quando ela desceu para a sala de estar, Max e Harry estavam surpreendentemente calmos, mas afinal eles haviam sido sempre assim: sós, frios, desligados, a observarem do lado de fora.

Ela beijou-os.

— O avô já contou?

— Claro — disse Abe. — Parece que o único problema foi decidir quem ficaria com Tarquin, mas ele fica aqui. Esse urso estava sentado no fundo do cockpit em todos os voos do Jack. — Por um momento, pareceu perdido em seus pensamentos, depois endireitou-se. — Champanhe — disse. — Meio copo cada. Vocês já têm idade. Vamos brindar. Estaremos sempre juntos de uma maneira ou de outra.

Os rapazes nada disseram, beberam simplesmente o champanhe, parecendo mais velhos que a idade que tinham, como sempre tão enigmáticos como Tarquin, o urso.

## 2

A ALEMANHA para a qual Elsa von Halder regressou estava muito diferente daquilo de que ela se lembrava: desemprego, distúrbios nas ruas, o Partido Nazi, que começava a erguer a cabeça. Mas ela tinha o dinheiro de Abe, por isso pôs Max na escola e começou a regenerar o patrimônio Von Halder. Um dos amigos mais antigos do pai dela, Hermann Göring, o ás aviador de guerra, era um homem proeminente no Partido Nazita, amigo de Hitler. Todas as portas estavam abertas para ele. E Elsa, bela e rica, era um bem para o partido e uma estrela da sociedade berlinense.

Hitler assumiu o poder em 1933, e em 1934 Elsa permitiu que Max fosse à América passar seis meses. Abe, que já era senador nessa altura, ficou radiante de o ver, e quanto aos irmãos, foi como se nunca se tivessem separado. No aniversário deles, Abe deu-lhes um presente especial: levou-os ao aeródromo de onde o pai costumava decolar, e lá estava Rocky Farson, o velho ás da aviação.

— Rocky vai dar-vos umas lições — disse Abe. — Eu sei que vocês só têm dezesseis anos. Prometam-me que não dizem à sua mãe.

Rocky ensinou-os num velho biplano Gresham. Descobriu que eles eram pilotos natos, tal como o pai. E tal como o pai, qualquer deles que voasse levava sempre Tarquin no cockpit.

Rocky mostrou-lhes manobras muito para além de uma pilotagem normal. Deu-lhes lições sobre duelos aéreos. Procurem sempre o inimigo no sol. Nunca voem abaixo dos dez mil pés sozinhos. Nunca voem a direito e à mesma altitude durante mais de trinta \*segundos. Ensinou-lhes a famosa curva de Immelmann: picar sobre o adversário, nivelar num meio looping, rodar no topo e cair sobre ele a cinquenta pés. Quando Rocky acabou de lhes dar lições, os rapazes já eram peritos.

— São espantosos, verdadeiramente espantosos — disse Abe a Rocky na cantina do aeródromo.

— Isto é como os grandes desportistas — respondeu Rocky. — Ou se tem jeito ou não se tem, aquele toque de gênio, e os gêmeos têm.

— Acho que tens razão, mas para quê? Eu sei que há desentendimentos, mas não vai haver outra guerra. Nós não o permitiremos.

— Espero bem que não, senador — disse Rocky, mas isso acabou por não vir a afetá-lo. Rocky restaurou um velho Bristol, levantou para um voo de teste e perdeu o motor aos quinhentos pés.

No funeral, Abe olhou para os rapazes e recordou-se, com um arrepio, de que era assim que haviam estado no funeral do pai: enigmáticos, remotos, de pensamentos rigidamente controlados. Sentiu-se invadido por um estranho pressentimento. Mas não havia nada a fazer, e na semana seguinte levou Max para Nova Iorque e despediu-se dele, que regressava ao Terceiro Reich.

MAX ESTAVA sentado no terraço da casa de campo com a mãe e contou-lhe tudo: os voos, tudo.

— Eu vou voar, Mutti. É o que sei fazer bem. Observando-lhe o rosto, ela viu o marido, porém, de coração desfeito, fez a única coisa que podia.

— Dezesseis anos, Max. És muito novo.

— Podia inscrever-me no Clube de Aviação Berlinense. Göring podia puxar uns cordões.

O que até era verdade. Max apareceu à hora marcada, acompanhado de Göring e da baronesa, e arranjaram-lhe um biplano Heinkel. Estava lá um jovem tenente da Luftwaffe que viria a ser um dia general. Chamava-se Adolf Galland.

— Sabes manejar isto, rapaz?

— Acho que sou capaz. Galland deu uma gargalhada e meteu um cigarro entre os dentes.

— Vou atrás de ti. Vamos lá ver. A exibição que se seguiu deixou até Göring sem fôlego. Galland não foi capaz de escapar a Max nem por um só momento, e foi a curva de Immelmann que acabou com ele. Regressou a terra, com Max atrás de si.

Esperando junto ao Mercedes, Göring acenou a um criado, que lhes serviu caviar e champanhe.

— Isto recordou-me a minha juventude, baronesa. O miúdo é um gênio.

Galland e Max aproximaram-se. Via-se que Galland estava tremendamente entusiasmado.

— Fantástico. Onde aprendeste tudo isso, meu rapaz? Max contou-lhe, e Galland não parava de abanar a cabeça.

— Então, o que fazemos com este aqui? — perguntou Göring a Galland.

— Inscreva-o numa escola de cadetes de infantaria aqui em Berlim, só para tornar a coisa oficial — disse Galland. — Para o ano, aos dezessete, dê-lhe um posto de tenente na Luftwaffe.

— Isso agrada-me — assentiu Göring.

— Que pena o meu irmão gêmeo não estar aqui, tenente Galland. Fazíamos-lhe a vida negra — disse Max.

— Não — disse Galland. — Informação é experiência. O senhor é especial, barão, acredite. E, por favor, chame-me Dolfo.

Seria o princípio de uma amizade muito especial.

NA AMÉRICA, Harry foi para a Escola Preparatória Groton e teve problemas de disciplina, pois estava obcecado com a aviação e recusava-se a sacrificar os seus fins-de-semana no ar. A influência de Abe Kelso ajudava, claro, e Harry sobreviveu e seguiu para Harvard na altura em que o irmão se tornou tenente da Luftwaffe. Harry arrastava-se pela universidade; a Europa arrastava-se para o fascismo; o Terceiro Reich continuava a sua ascensão inexorável, enquanto o Mundo aguardava.

Durante a Guerra Civil Espanhola, Galland e Max pilotaram biplanos HE51 na frente, tendo Max cumprido duzentas e oitenta missões de combate. Regressou a casa em 1938 com a Cruz de Ferro de Segunda Classe e foi promovido a Oberstleutnant.

Durante algum tempo, trabalhou nos serviços em Berlim e era muito procurado no círculo social, onde era frequentemente visto a acompanhar a mãe e como preferido de Göring, que se tornara entretanto todo-poderoso. E depois veio a Polónia.

Durante os vinte e sete dias da Blitzkrieg que destruiu esse país Max consolidou a sua lenda, abatendo vinte aviões e recebendo a Cruz de Ferro de Primeira Classe; foi promovido a capitão.

Nesses dias eufóricos, Max manteve a sua imagem: nada de blusões brancos, nada de extravagante. Aparecia sempre em uniforme de combate: calças largas, jaqueta de aviador, boina e aquelas medalhas todas. Chegou a assistir a altas funções com Göring e até com Hitler, e sempre acompanhando a sua charmosa mãe.

Apelidaram-no de Barão Negro. Havia mulheres ocasionais na sua vida, nada mais que isso. Parecia estar à parte, com aquele rosto saturnino e o cabelo louro-claro, não tomava partidos, não era nazista. Era um piloto de caça, e nada mais.

Para Harry, acabado de se licenciar em Harvard, a vida era um aborrecimento. A guerra começara em Setembro de 1939. Certo dia, em Novembro, Harry entrou na sala de estar, onde encontrou Abe sentado à lareira a ler uma revista.

— Serve-te de uma bebida — disse Abe. — Vais precisar. Harry encheu um copo com uísque e água.

— Qual é o problema? Abe passou-lhe a revista; uma fotografia em grande plano de um rosto taciturno sob uma boina da Luftwaffe. Depois, passou-lhe uma cópia da Signal, a revista das forças armadas alemãs.

— O Barão Negro — disse. Max encontrava-se de pé ao lado de um ME109 com equipamento de piloto.

— Já tem medalhas — disse Harry. — Não é fantástico? É como o pai.

— Agradeço às minhas estrelas por lhe chamarem barão Von Halder, em vez de Max Kelso. Já viste bem? O meu neto um nazi?

— Ele não é nazi — disse Harry. — É piloto. Está lá e nós estamos cá. — Passou-lhe a revista.

— Harry, já é tempo de conversarmos a sério — disse Abe. Acabaste o curso na Primavera passada, e desde então a única coisa que fazes é voar e andar em corridas de automóveis, tal como o teu pai. O que é que pensas fazer? Que tal a Faculdade de Direito?

Harry sorriu e abanou a cabeça.



— Faculdade de Direito? Não soube que a Rússia invadiu a Finlândia esta manhã? Bebeu um longo gole. — Os Finlandeses precisam desesperadamente de pilotos. Já marquei um voo para a Suécia.

Abe ficou horrorizado.

— Diabos, Harry, essa guerra não é tua.

— Agora, é — respondeu Harry Kelso, terminando o uísque.

A GUERRA ENTRE Finlandeses e Russos não fez sentido desde o início. O clima era cruel, a terra coberta de neve. De ambos os lados, os caças estavam ultrapassados, mas Harry rapidamente alcançou fama a pilotar um Gloucester Gladiator, inglês, e, como sempre, Tarquin ia sentado no fundo do cockpit num saco impermeável que Harry comprara em Estocolmo.

Por fim, a Força Aérea Finlandesa conseguiu adquirir meia dúzia de caças Hurricane à Grã-Bretanha. Já um ás, Harry pilotou as novas aeronaves no meio de tempestades de neve e ventos ciclônicos, foi promovido a capitão e condecorado, aumentando velozmente a sua pontuação de alvos abatidos.

Apareceu um repórter fotográfico da revista Life, que ficou espantado ao descobrir o neto do senador Abe Kelso e ouvir falar das suas proezas. Abe tornara-se um homem proeminente, membro do gabinete que assessorava o governo de Franklin D. Roosevelt. Por isso, uma vez mais, Abe deparou com um neto na capa de uma revista: Harry, de uniforme de aviador acolchoado, junto de um dos aviões, com Tarquin nos braços.

A Finlândia rendeu-se em março de 1940, e Harry levantou ilegalmente voo para Estocolmo num Hurricane. Já ia num avião a caminho da Inglaterra quando as autoridades descobriram seu paradeiro.

Quando se apresentou ao Ministério da Aviação em Londres, um velho comandante de esquadrilha examinou as suas credenciais.

— Notável, meu jovem. Só há um problema: você é americano, o que significa que terá de ir para o Canadá e alistar-se na RCAF

— Abati vinte e oito russos, doze deles no comando de um Hurricane. Eu entendo do ofício. Vocês precisam de gente como eu.

— Um Hurricane? — Ele reexaminou as credenciais de Harry. — Vejo que os Finlandeses lhe deram a Cruz de Ouro de Bravura. Belo pedaço de lata.

— Como todas, não é verdade? — retorquiu Harry.

O homem puxou um impresso.

— Muito bem, preencha isto. País de origem: América. Suponho que regressou à Finlândia para defender a terra dos seus antepassados?

— Pode ser.

— Ah, bom, isso faz de você finlandês, e é isso que vamos pôr na ficha. Malditos empregados de escritório, sempre cometendo erros.

A UNIDADE OPERACIONAL de Treino era um lugar úmido e sórdido à beira de um pântano no Essex. O comandante da unidade era um oficial da Força Aérea chamado Teddy West, que examinou os documentos do piloto-aviador Kelso e ergueu os olhos.

— Muito bem, vamos ver de que é capaz. Os curiosos que se reuniram nunca haviam de esquecer aquilo: a cinco mil pés, West perseguia Harry Kelso, cada um num Hurricane. Subiram tão perto um do outro que alguns ficaram boquiabertos de susto, mas Harry escapou a West, fez um looping e posicionou-se na sua retaguarda. West inclinou o avião para bombordo e rolou. Harry, de novo com West na retaguarda, baixou os flaps e abrandou com uma força arrepiante. West puxou o manche e evitou-o por muito pouco. Assim, Harry ficou de novo na sua cauda.

As tripulações em terra até aplaudiram quando os dois regressaram a pé. O oficial de dia da estação pegou no paraquedas de West e, apontando na direção de Kelso, perguntou:

— Mas quem é este, meu comandante?

— Um amálgama de muitos homens que conheci no Flying Corps — replicou West.

— Vou destacá-lo imediatamente para a Esquadrilha 607 na França.

NA FRANÇA, a 607 ia apenas a meio caminho do seu programa de conversão para Hurricanes quando a Blitzkrieg rebentou na frente

ocidental a 10 de Maio de 1940. A violenta guerra aérea que se seguiu provocou muitas baixas.

Aos comandos de um Hurricane, Harry abateu dois ME109 sobre Abbeville, em França, e embora nenhum dos dois tivesse tido conhecimento do outro, o seu irmão abateu um Hurricane e um Spitfire no mesmo dia.

A 607, ou o que dela restava, foi recambiada para Inglaterra. Seguiu-se Dunquerque, com as tropas inglesas em retirada na Bélgica a sofrerem pesadas baixas. A França caiu, e Harry, a quem foi atribuída uma distinção e a promoção a oficial aviador, foi destacado para uma esquadrilha especial de perseguição no West Sussex com o nome de código Falcão; só que não havia nada para perseguir. O sol brilhava, o céu estava incrivelmente azul e todos se sentiam aborrecidos. Do outro lado do canal da Mancha, Max e os seus camaradas estavam igualmente enfadados.

E então, no início de Julho, começaram os ataques a comboios britânicos no Canal: bombardeios em profundidade efetuados por Stukas e Junkers, protegidos pelos melhores caças da Luftwaffe. O objetivo era fechar o canal da Mancha, e a RAF enfrentou o desafio.

Por isso, Harry Kelso e o seu irmão, o Barão Negro, foram para a guerra. As batalhas aéreas duraram todo o mês de Julho e depois surgiu a verdadeira Batalha de Inglaterra, que começou no Dia da Águia, 13 de Agosto.

A Esquadrilha Falcão tinha a sua base num clube de aviação de antes da guerra chamado Farley Field; estava calor, muito calor, e os pilotos encontravam-se em espreguiçadeiras no terraço na conversa ou a ler revistas quando ouviram um grande estrondo ali perto. Só Harry se levantou de imediato, com a mochila de Tarquin na mão, e precipitou-se para o avião quando os Stukas alemães, muito alto lá no céu, se inclinavam e mergulhavam quase a pique. Harry decolou, guinando para bombordo, ao mesmo tempo que as primeiras bombas atingiam a pista.

Guinando de novo, avistou um Stuka e abateu-o. Havia mais quatro que ele perseguiu, metralhando-os até caírem no mar. Quando regressou, deparou com um cenário de devastação e seis pilotos mortos. Fora o único a conseguir decolar.

No mesmo dia, Max e a sua esquadrilha, aos comandos de um ME109, protegeram os Stukas que atacavam uma estação de radar perto de Bognor Regis, no West Sussex.

Atacado por Spitfires, abateu um, mas quase todos os Stukas foram abatidos, assim como três 109. Muito a custo, Max atravessou a Mancha para se reabastecer, e estava de volta uma hora e meia mais tarde.

O padrão repetia-se dia após dia; era uma guerra de desgaste. Max e os seus camaradas voavam para dar cobertura aos bombardeiros Dornier, enquanto Harry e os seus amigos subiam ao encontro deles. De ambos os lados, morriam homens novos, mas a Luftwaffe tinha mais pilotos.

A 30 de agosto, Biggin Hill, o orgulho do Comando de Caças Britânico, foi atacada por uma grande esquadrilha de Dorniers. Sobre o mar, perto de Folkestone, Harry abateu dois, mas uma rajada de um dos artilheiros da retaguarda acertou-lhe no motor. Ele transmitiu um SOS e baixou os flaps. A costa inglesa estava a dez milhas de distância. Alcançou Tarquin na mochila, prendeu-a ao cinto com um clipe especial e de seguida saltou de paraquedas, caindo num mar razoavelmente calmo. Ouviu uma buzina e, ao virar-se, viu um salva-vidas da RAF a aproximar-se rapidamente.

Quando levaram Harry a Farley Field, um piloto-aviador disse-lhe que tinha um capitão à sua espera. Harry abriu a porta do seu gabinete e encontrou Teddy West à secretária.

— Que surpresa, meu capitão — disse Harry. — Parabéns pela promoção.

— Tem feito um ótimo trabalho, Kelso. Ficamos um bocado aflitos quando soubemos onde estava, mas está tudo bem quando acaba bem. Parabéns para si também. Foi promovido a tenente aviador.

— Estamos a ganhar, meu capitão? — perguntou Harry.

— De momento, não, mas havemos de acabar por ganhar. — West levantou-se. Preciso de si por um dia ou dois. Temos um ME109 alemão em Downfield, a norte de Londres. O piloto teve uma grave fuga de óleo e foi obrigado a aterrar. Tentou incendiar o aparelho, mas uma unidade local encontrava-se por perto.

— É um grande achado, meu capitão.

— Pois é. Seja bom rapaz, tome um duche rápido, mude de roupa e vamos embora.

Downfield estava cercado por arame farpado e tinha guardas ao portão. O 109 encontrava-se no estacionamento em frente a um dos hangares. Três oficiais da RAF e dois do Exército examinavam o avião. Um tenente da Luftwaffe, no máximo com vinte anos, encontrava-se por perto, de uniforme amarrotado. Dois guardas da RAF com espingardas vigiavam-no.

Harry dirigiu-se ao tenente e apertou-lhe a mão.

— Péssima sorte — disse em alemão. — Fico contente que tenha aterrado inteiro.

— Mein Gott, você é alemão?

— A minha mãe é. — Harry deu-lhe um cigarro e fogo.

O oficial do Exército mais velho era brigadeiro. Devia ter uns sessenta e cinco anos, tinha uma cara inesquecivelmente feia, cabelo branco e óculos de aros metálicos.

— Dougal Munro — disse, apresentando-se a Harry. — O seu alemão é excelente, tenente aviador.

— Bem, espero que sim — respondeu-lhe Harry. — Foi a minha mãe quem mo ensinou.

— O meu ajudante-de -campo, Jack Carter. — Munro apresentou o homem a seu lado.

Carter era capitão nos Green Howards. Apoiava-se numa bengala, pois, tal como Harry veio a saber mais tarde, deixara uma perna em Dunquerque.

O oficial superior da RAF, um capitão de esquadrilha, perguntou a West:

— Então, Teddy, porquê tanta demora? West virou-se para Harry:

— Mostra-lhes. Cinco minutos apenas, não queremos que sejas abatido.

Kelso subiu a três mil pés, guinou, fez um looping, disparou a metralhadora aos trezentos pés, virou-se contra o vento e aterrissou. Rolou até eles e desembarcou.

— Avião impecável — disse. — Quase tão bom como um Hurricane e certamente tão bom como um Spitfire.

O capitão da RAF virou-se e disse a West:

— Muito interessante, Teddy. Gostaria de uma avaliação escrita deste oficial.

— Considere-a feita.

O capitão e os seus dois oficiais dirigiram-se para o carro de serviço e arrancaram. Munro estendeu a mão a Harry.

— Você é um jovem muito interessante. — Acenou na direção de West. — Muito obrigado. — Foi para o carro, com Carter a coxear atrás. Depois de se instalarem no banco de trás, disse: — Quero tudo o que conseguires descobrir acerca dele, Jack.

— Deixe por minha conta, brigadeiro.

O carro de serviço arrancou. Harry acendeu um cigarro e virou-se para West.

— Perguntei-lhe se estávamos a ganhar, e o meu capitão disse que de momento não. De que precisamos?

— De um milagre.

— São difíceis de achar hoje em dia.

Mas então aconteceu. Londres foi acidentalmente bombardeada por um único Dornier, a RAF retaliou em Berlim, e, a partir de 7 de Setembro de 1940, Hitler ordenou que a Luftwaffe visasse Londres. Foi o início da blitz, que deu tempo à RAF para reparar as bases de caças destruídas no Sul de Inglaterra.

NUM CAFÉ NA FRANÇA, Dolfo Galland tocava Jazz num piano e fumava um charuto quando Max entrou e se sentou ao balcão.

— Acabou-se tudo, Dolfo. Tínhamos derrotado os Inglesinhos e o nosso glorioso Führer deitou tudo a perder. E agora o que é que vai acontecer?

— Embebedamo-nos — respondeu-lhe Galland. — E depois voltamos ao trabalho e jogamos até o fim.

### 3

A BLITZ SOBRE LONDRES, a carnificina que causou, foi tão terrível que o brilho vermelho era visto à noite pelos aviões da Luftwaffe que decolavam da França e de dia o céu parecia repleto de bombardeiros.

A Cruz de Cavaleiro era atribuída àqueles que abatiam mais de vinte aviões, e Galland já a tinha. Max conquistou uma a 10 de Setembro, embora por essa altura já tivesse abatido pelo menos trinta aviões.

Harry e a Esquadrilha Falcão tomaram parte em todas as batalhas, seis ou sete saídas diárias, sofrendo pesadas baixas, até sobrar apenas Harry de entre os membros da esquadrilha original. E depois vieram os grandes duelos finais de 15 de Setembro: quatrocentos caças da Luftwaffe sobre a Inglaterra contra trezentos Spitfires e Hurricanes.

Estranhamente, de certo modo ninguém ganhou. A Mancha ainda era território disputado, e a Blitz continuou. A Operação Leão-Marinho, o plano megalômico de Hitler para a invasão da Inglaterra, teve de ser cancelado, mas a Grã-Bretanha continuava isolada, e o Führer já podia desviar a sua atenção para a Rússia.

EM BERLIM, no início de Novembro, chovia torrencialmente quando Heinrich Himmler, de uniforme preto dos Serviços Secretos do Reichsführer, saiu do carro e entrou no quartel-general da Gestapo, na Prinz Albrechtstrasse. Um movimento agitado de guardas e funcionários seguiu-o a caminho do gabinete palaciano. Por detrás do pince-nez prateado, a sua expressão era enigmática, como sempre. Deu uma ordem à secretária, entrou no gabinete, pousou a pasta em cima da mesa, sentou-se e retirou uns papéis.

Bateram à porta, que logo se abriu.

— Ah, Sturmbannführer Hartmann.

— Reichsführer. Em que posso servi-lo? Hartmann usava um uniforme pouco comum, que consistia numa camisola da aviação ao

estilo da Luftwaffe e calças largas cinzentas. As divisas nos ombros eram de major das SS. Embora usasse o distintivo de piloto da Luftwaffe, na manga ostentava o do SD, Sicherheitsdienst: Serviço de Informação das SS. Tinha trinta anos, quase um metro e oitenta, uma atraente cara comprida e cabelo castanho-arruivado espesso. Piloto de caças da Luftwaffe, ficara gravemente ferido num despenhamento. Depois, fora destacado para o serviço de correio aéreo. Transportava Himmler quando o seu Fieseler fora violentamente atacado por um Spitfire. Hartmann resolvera a situação, e o resultado fora a sua transferência para as SS como piloto pessoal de Himmler e também seu adjunto pessoal nos Serviços de Informação das SS.

— A Blitz em Londres continua — declarou Himmler. — Já estive com o Führer.

Acabaremos por vencer, é claro. Ainda hão-de avançar Panzers sobre o Palácio de Buckingham.

Com algumas reservas, Hartmann assentiu: — Sem dúvida, Reichsführer.

— No entanto — acrescentou Himmler —, já falei com o almirante Canaris sobre o estado da espionagem militar em Inglaterra e, francamente, não é lá muito bom.

Todos os agentes dele lá foram detidos.

— Nem é bem assim, Reichsführer. O nosso Departamento Treze, do qual assumi o comando, recrutou alguns agentes ultra-secretos antes da guerra.

— A sério? Quem são essas pessoas?

— Principalmente irlandeses insatisfeitos com o regime britânico. E alguns neutrais: diplomatas portugueses e espanhóis.

Himmler levantou-se.

— Está a dizer-me que temos agentes infiltrados de que os Serviços de Informação Militar não têm conhecimento?

— Exatamente. Himmler acenou a cabeça.

— Certifique-se de que continuam em posição.

— As ordens, Reichsführer. Hartmann regressou ao seu próprio gabinete, onde a secretária, Trudi Braun, quarenta anos, viúva de guerra, o observou da sua mesa.



Era uma fervorosa admiradora de Hartmann — tão heróico e simultaneamente uma figura trágica, cuja mulher morrera no primeiro ataque súbito da RAF a Berlim.

— Problemas, major? — perguntou.

— Bem pode dizê-lo, Trudi. Entre e traga um café. Deixou-se ficar sentado à secretária, e ela veio ter com ele momentos depois com uma chávena para cada um.

Sentou-se na cadeira disponível.

— Trudi, o nosso estimado Reichsführer ainda acredita que a Operação Leão-Marinho vai acontecer. Você trabalhou no Departamento Treze, por isso dê-me uma descrição completa daquela lista de que me falou, principalmente dos espanhóis e dos portugueses que constavam da folha de pagamentos.

— Há um português chamado Fernando Rodrigues que até já nos passou informação de baixo nível de tempos a tempos. Trabalha na embaixada em Londres.

— Ai sim? — comentou Hartmann. — E quem mais?

— Uma mulher chamada Dixon, Sarah Dixon. É empregada de escritório no Gabinete para os Assuntos de Guerra em Londres.

Hartmann endireitou-se na cadeira.

— Não me diga! Traga-me as fichas deles. Fernando Rodrigues era adido comercial na Embaixada Portuguesa em Londres. O irmão, Joel, era adido comercial na embaixada em Berlim. Hartmann leu as fichas e percebeu o que ambos eram: homens gananciosos, sempre prontos a aceitar mais. Sarah Dixon era diferente. Tinha quarenta e cinco anos e era viúva de um empregado bancário que morrera de ferimentos em combate na guerra em 1917. Nascida em Londres, de pai inglês e mãe irlandesa, o seu avô era ativista do IRA, que na chamada Revolta da Páscoa contra os Britânicos em Dublin fora morto a tiro. Sarah Dixon vivia sozinha e já trabalhava no Gabinete para os Assuntos da Guerra desde 1938. Fora originalmente angariada por outro agente que acabara por morrer num tiroteio com polícias do Corpo de Intervenção Britânico.

Hartmann ergueu a cabeça.

— Então, ela continua à espera?

— É o que parece, meu major.

— ótimo. Chame cá esse tal Joel Rodrigues. Diga-lhe que contate o irmão em Londres através da mala diplomática. Ele deve contatar Mrs. Dixon e confirmar se ela ainda continua disponível, caso precisemos dela.

— Muito bem, meu major.

NESSA NOITE, Hartmann acompanhou Himmler a uma recepção no salão de baile do Hotel Adlon. O Führer era o centro das atenções. O seu séquito andava de um lado para o outro. Estavam lá Goebbels, o almirante Canaris, Von Ribbentrop.

— O único que falta é aquele tonto do Göring — disse Himmler acidamente, fazendo sinal a um criado com taças de champanhe num tabuleiro para que se fosse embora, para grande desgosto de Hartmann.

— Devia ter vergonha de mostrar o rosto depois do fracasso dos caças dele na Grã-Bretanha.

Verdadeiramente furioso, Hartmann conteve-se acendendo um cigarro, pois sabia que Himmler não suportava tabaco. Antes de Himmler poder dizer o que quer que fosse, Göring entrou.

— A mulher que vem de braço dado com ele não é a baronesa Von Halder? perguntou Himmler.

— Creio que sim — disse Hartmann.

— Será amante dele?

— Segundo as minhas informações, não é, Reichsführer.

— Ela foi casada com um americano, não foi?

— Morreu há anos.

— Que interessante. E os diamantes dela não são menos interessantes. Como é que ela sobrevive?

— O pai do falecido marido é um senador americano milionário que lhe instituiu um fundo na Suécia. Temos a ficha dela.

— E quem são os dois oficiais da Luftwaffe?

— O de casaco branco é o major Adolf Galland, o piloto de maior sucesso na Batalha de Inglaterra. O capitão é o barão Von Halder, filho da baronesa. Chamam-lhe o Barão Negro.

— Muito teatral.

— Um piloto brilhante. voamos juntos durante algum tempo. Tem um irmão gêmeo que é da RAF

Himmler franziu o sobrolho.

— A sério? — Olhou para o fundo da sala. — Não archive a ficha dos Von Halder. Cheira a queimado aqui.

Nesse instante, Göring pediu silêncio e virou-se para Hitler.

— Meu Führer, o número de aviões inimigos abatidos pelo barão Von Halder já atinge os sessenta, e por isso foram-lhe atribuídas as folhas de carvalho para a sua Cruz de Cavaleiro. — Estendeu-lhe uma caixa de courol vermelha. — Peço-lhe, meu Führer, que honre este destemido oficial pessoalmente.

Hitler olhou, espantado, para Max, com aquele olhar estranho e penetrante, depois acenou a cabeça gravemente.

— Está enganado, Reichsmarschall. A honra é minha.

Göring entregou-lhe a medalha, e Hitler, por sua vez, apresentou-a a Max.

— O Reich orgulha-se de si, barão. — E virando-se para Elsa: — E a senhora, baronesa, como todas as mães, honra o Reich.

A multidão inteira explodiu num aplauso. O Führer acenou com a cabeça e depois, vendo Himmler, fez-lhe sinal, e o Reichsführer foi ter com ele.

— BEM, CORREU TUDO muito bem — comentou Elsa von Halder.

— Sim, deve estar muito orgulhosa do seu filho — disse-lhe Göring. Deu uma palmadinha no ombro de Max e depois viu Hitler fazer-lhe sinal também. — O dever me chama.

Hartmann apareceu.

— Dolfo ... Max — disse.

— Meu Deus, é Bubi. — Galland deu uma gargalhada. Max apertou a mão de Hartmann.

— Velho matreiro. Pensamos que tivesses ficado acabado depois da queda.

— Himmler nomeou-me piloto particular, só que fez questão que eu fosse transferido para as SS.

— Bem, não se pode ter tudo. — Max virou-se para a mãe e apresentou: — Mutti, um velho camarada, Bubi Hartmann.

— Sturmbannführer — cumprimentou ela. — Que belo uniforme.  
— Eu não passo de um simples peão, baronesa. — Beijou-lhe a mão. — Posso acrescentar algo ao seu orgulho neste seu filho? Ouvi dizer que o seu outro filho também foi condecorado na semana passada.

— Céus! — exclamou Elsa.

— Como vê, as nossas fontes são muito boas. — Virou-se para Max. — O ataque a Biggin Hill a 30 de Agosto! Ele foi abatido e teve que saltar de paraquedas perto de Folkestone.

Elsa olhou para Max.

— É tão mau como tu, tão mau como o pai. Têm todos os mesmos instintos suicidas.

— Deixe lá, Mutti. — Max fez sinal ao criado. — Champanhe para todos e vamos beber à saúde de Harry.

TINHA CHOVIDO em Londres. Harry e o capitão Teddy West estavam sentados ao canto do balcão no Garrick Club a saborear um uísque quando o brigadeiro Dougal Munro entrou.

— Dougal — chamou West —, junte-se a nós. — Munro aproximou-se, e West acrescentou: — Harry, lembra-se do brigadeiro Munro?

— Sorriu. — Esteve em Downfield quando o 109 foi testado.

Munro sentou-se e ofereceu um cigarro a Harry.

— Na verdade, podia fazer-me um favor, meu caro.

— E o que é, meu brigadeiro?

— Oh, não me trate por brigadeiro. Eu era um simples professor de Arqueologia antes da guerra — disse. — É o mesmo favor da outra vez, só que agora é um avião Fieseler Storch. Amanhã de manhã? Em Downfield novamente?

— O prazer é meu.

— Ótimo. Tenho uma surpresa para si. A minha sobrinha vem ter connosco. Molly, Molly Sobel. Meio americana. O pai é um major-general do Departamento de Guerra Americano. Uma moça brilhante, cirurgiã no Hospital Guy presentemente. É pena que a mãe tenha morrido nos bombardeios há dois meses.

— Lamento — disse Harry Kelso.

— Não lamentamos todos? — disse Dougal Munro, e foi então que Molly Sobel entrou no bar, hesitante, pois este era, tradicionalmente, reservado a homens.

— Molly, minha querida, vamos para a sala de jantar. Tinha vinte e três anos, uns meses mais velha que Harry: não era alta, cerca de um metro e sessenta ou menos, cabelo louro, olhos azuis, um rosto decidido e até mesmo obstinado. Foram feitas as apresentações e comeram todos empadão à pastor e beberam uma garrafa de vinho branco.

— Um vinho alemão. Que ironia — comentou Molly.

— Não há nada de mau num bom vinho alemão — disse Harry.

— Pensava que Harry era um ianque a serviço da RAF — replicou Molly.

— Sem dúvida. Mas também tenho um irmão gêmeo que é capitão da Luftwaffe. Sorriu abertamente quando viu que a deixara sem palavras.

— E a sair-se muito bem — disse Munro. — Já abateu sessenta.

— Como é que sabe isso? — perguntou Harry.

— Ah, o meu departamento tem esse tipo de informações. Levantou-se. — Tenho que ir. Tem onde ficar esta noite?

Harry abanou a cabeça.

— Tenho um apartamento na Haston Place, perto do meu gabinete no quartel-general do SOE. Molly fica lá, mas tem muito espaço. Munro deu-lhe uma palmadinha no ombro. — Toma conta dele, minha querida.

Saiu, e West acendeu um cigarro.

— Ouça. Como há cada vez mais ianques a chegar, já é possível formar a Esquadrilha Águia: os ianques todos. Vai querer pedir a transferência, imagino.

— Nem por isso. — Harry levantou-se e disse a Molly: — Deve ter muito que fazer.

Se me der a morada, apareço lá logo à noite.

— Não paro há quarenta e oito horas, por isso tenho folga o resto do dia. O que quer fazer?

— Gostaria apenas de ir passear — disse-lhe. Virou-se para West. — Até de manhã, capitão — e saiu com Molly.

Passearam pela cidade, com o ar impregnado de fumaça dos bombardeios.

— Deve ter sido duro para vocês tudo isto — disse Harry. — Milhares de vítimas, morte, destruição. O seu hospital deve estar a abarrotar.

— A maioria das noites é muito dura, mas vamos aguentando.

— Munro disse que seu pai é major-general.

— É verdade. Piloto-aviador, como você. De bombardeiros.

— E sua mãe morreu na Blitz. Isso foi duro.

— Nem tive tempo para me recompor. Trabalho demais nas urgências.

Chegaram ao Embankment e olharam para o rio. Passavam barcos para cima e para baixo.

— Que história é essa de o seu irmão estar na Luftwaffe? — perguntou ela.

— O meu irmão Max. O nosso pai era americano. Tenho a certeza de que Munro já

lhe contou todos os pormenores terríveis acerca da minha mãe, a baronesa.

— E do seu irmão, o barão.

— O Barão Negro. Max é um verdadeiro ás.

— Tal como você. Isso não o incomoda?

— Max lá e eu aqui? Não faz diferença. Se eu tivesse nascido dez minutos mais cedo, estaria eu lá e ele cá.

— Não, não é o mesmo. O seu irmão estava na Alemanha. Não pôde escolher de que lado lutar, mas você pôde. Você escolheu estar aqui.

— Não evoque motivos nobres. Eu voo. É apenas isso. Voei para os Finlandeses, agora voo para os Britânicos. Aviadores são aviadores. Virou-se. — Vamos.

Ela deu-lhe o braço.

— Parece cansado.

— Cansado? — Deu uma gargalhada. — Estou exausto. Estamos todos. Pelo menos, os que sobraram. Está a passear com um fantasma, doutora.

Ainda era cedo quando chegaram à Haston Place, um agradável largo antigo com um jardim no centro. O edifício era de estilo georgiano, o apartamento, espaçoso e simpático. A lareira estava acesa na sala. Havia muitas antiguidades em exposição, a maioria egípcias.

— Deixe-me oferecer-lhe uma bebida. — Ela serviu uísque para dois copos e fizeram um brinde. — Gostaria de dizer uma coisa. Disse que o seu irmão era um ás. Bem, você também é, e de um meio ianque para outro meio ianque, estou muito orgulhosa de si. — Deu um gole no uísque, de lágrimas nos olhos, e Harry pôs-lhe as mãos nos ombros.

— Molly, minha querida, não deixe que se quebre essa carapaça que a tem mantido inteira. A morte, noite após noite, depois a sua querida mãe. Você já esteve no inferno e voltou.

— Ainda lá estou.

— Não. É filha de um soldado e uma verdadeira combatente. Há-de sobreviver.

Agora, será que posso ver o meu quarto? Adorava tomar um duche.

MOLLY ESTAVA SENTADA à lareira a ler o Times quando Munro apareceu com o seu ajudante-de-campo, Jack Carter, a coxear atrás.

— Ah, estás aí, minha querida. Tiveste uma tarde interessante?

— Pode dizer-se que sim. — Dobrou o jornal. — Como está, Jack?

— Beijou-lhe a face ternamente. — Algum problema com a perna?

— Bem, dói-me que se farta de vez em quando, mas o que é que se há-de fazer?

— Você é um homem encantador, Jack Carter.

— Chega desse jogo de erotismo vagamente disfarçado. Descobriste alguma coisa que não soubéssemos, Molly? — perguntou Munro.

— Pouca coisa, e preferia que não me arranjasse estes esquemas tortuosos, tio Dougal. Conversamos sobre o passado, o irmão. Se

quer a minha opinião médica, ele adora o irmão, admira-o; um verdadeiro ás, como ele lhe chamou.

Harry, que ouvira nas escadas parte da conversa, entrou a sorrir.

— Ora aqui estamos. Que delícias nos reservou para esta noite, brigadeiro?

— Jantar no River Room do Savoy.

O jantar estava soberbo: salmão fumado, linguado de Dover, salada, champanhe.

Havia uma banda a tocar: Carrol Gibbons e os Orfeus.

— Então, ninguém me convida para dançar? — perguntou Molly

— Eu estou velho demais, e o Jack já não está para isso. É a sua vez, tenente aviador — disse Munro.

Portanto, Harry conduziu-a à pista e dançaram ao som de "Um Dia de Nevoeiro na Cidade de Londres".

— Muito adequado, se substituirmos o nevoeiro por fumo — disse Harry.

— Ah, mas isto é agradável — disse Molly. — Sinto-me viva pela primeira vez desde há várias semanas. Sente-se vivo, Kelso?

Antes de ele ter tempo de responder, o chefe de mesa dirigiu-se a Molly por entre os dançarinos.

— Desculpe, Dra. Sobel. Telefonaram do Guy. Querem-na de volta o mais rapidamente possível.

Voltaram para a mesa.

— O hospital? — perguntou Munro.

— Receio bem que sim. Munro fez sinal a Carter.

— Mande-a no meu carro de serviço. Ela pegou na carteira, e Carter ajudou-a a vestir o casaco. Molly sorriu e disse: — Tome cuidado consigo, Kelso. Ele não respondeu, e ela saiu, com Carter a coxear atrás.

FOI DOIS DIAS depois que Sarah Dixon saiu do Gabinete para os Assuntos da Guerra e caminhou à pressa sob o granizo de Inverno. Não faltava muito para o Natal, embora isso não tivesse muito significado nos dias que corriam. Apanhou o metro na estação mais próxima. Estava superlotado, todos pareciam cansados e molhados, e ela não se apercebeu de que estava a ser seguida.



Fernando Rodrigues era misteriosamente atraente, tinha trinta e cinco anos, estatura mediana e usava chapéu de feltro e gabardina. Os detalhes que o seu irmão enviara pela mala diplomática incluíam uma fotografia. Verificou a morada dela: um apartamento em Westbourne Grove.

Sarah não se apercebera da presença dele quando tirou a chave da porta da rua.

Ele apareceu-lhe por trás, e ela virou-se, surpreendida.

— Mrs. Dixon? — perguntou ele.

— Sim. O que deseja?

— Tenho uma mensagem para si. O dia do juízo final chegou. Era o código que lhe haviam dado em 1938, e a resposta dela foi de surpresa: — Meu Deus! Levou tempo a chegar. Entre. Ele seguiu-a para dentro de casa. O

apartamento era muito pequeno. Tinha apenas casa de banho, cozinha, sala e um quarto. Ela despiu o casaco.

— Quem é você?

— Antes de responder, diga-me uma coisa. Continua antibritânica?

— É claro. Mataram o meu avô como um cão, e eu hei-de vingarme. Rodrigues ficou espantado com o controle dela e também estranhamente excitado. Tão classe média, tão aprumadinha no seu fato de lã.

— Então, de que é que se trata?

— Olhe, deve haver restaurantes aqui perto. Deixe-me convidá-la para jantar.

Encontraram um italiano tipo familiar em Westbourne Grove e sentaram-se num recanto. Ele pediu uma garrafa de vinho tinto e lasanha para dois. Era incrível como ele se entusiasmou com ela, acabando por lhe contar tudo.

— Chamo-me Fernando Rodrigues. Sou adido comercial na Embaixada Portuguesa. Comunico através de mala diplomática, o que, é claro, é inviolável, com o meu irmão Joel, que tem uma posição semelhante na nossa embaixada em Berlim. É tudo muito conveniente e perfeitamente seguro.

— E lucrativo. Belo fato esse que traz vestido.

- Deve-se gozar a vida, minha senhora. — Sorriu.
- Acho que você é um malandro, Mr. Rodrigues, mas gosto de si.
- Fernando, por favor. Diga-me, você alinha ou não?
- E claro que alinho. Sou funcionária administrativa na contabilidade do Gabinete para os Assuntos da Guerra. Não tenho acesso a nada de interessante.
- Quem sabe? As coisas mudam. — Tirou um cartão da carteira.
- Aqui tem a minha morada e número de telefone.

NO NORTE DA ÁFRICA, os Italianos tinham-se saído mal no seu ataque ao Egito, e por isso, em Fevereiro de 1941, Hitler colocou o general Rommel no comando do recentemente criado Afrika Corps, que em breve levou tudo à sua frente. Depois, os Britânicos enviaram o general Montgomery para comandar as forças britânicas no deserto, e Harry foi destacado para uma das duas esquadrilhas de Hurricanes britânicos no Egito.

A linha de batalha avançava e recuava continuamente, Mas Montgomery começou a virar os resultados. Em Setembro de 1942, Harry recebeu a sua terceira Distinguished Flying Cross. Poucos dias depois, seguiu-se El Alamein, o ponto de viragem da guerra no Norte de Africa. Harry foi transferido para os bombardeiros Halifax, ocupados em voos sobre o Mediterrâneo até Itália. Em Janeiro de 1943, ele deveria ter atacado instalações em Tarento, mas o mau tempo dispersara a esquadrilha. Descendo em dificuldades através de nevoeiro, avistara o cruzador italiano Orsini e atacara-o, acertando-lhe em cheio por duas vezes. O navio partiu-se ao meio e afundou-se. Com o avião gravemente atingido, um dos motores parado e dois tripulantes mortos, Harry conseguiu fazer uma aterrissagem de emergência na costa egípcia. Recebeu a Distinguished Service Order e foi promovido a comandante de esquadrilha.

Quanto a Max, fora promovido a maior e transferido para a frente russa depois de a Alemanha invadir a Rússia em Junho de 1941. A princípio, as vitórias sucederam-se na Rússia. Depois, veio o Inverno e começaram as derrotas. Embora os exércitos alemães tivessem

ficado penosamente retidos na neve, no geral os pilotos russos não estavam à altura dos seus adversários da Luftwaffe. A pontuação de Max subiu rapidamente, até chegar aos sessenta abates na frente oriental, tendo-lhe sido atribuídas as espadas para a Cruz de Cavalaria pelo seu trabalho em Estalinegrado, de onde saiu por fim uma semana antes da rendição da Alemanha, em Fevereiro de 1943.

DE VOLTA A Berlim, Göring achou que Max já fizera o suficiente e tirou-o da Rússia. Elsa esperava-o na sua suite no Adlon. Ela estava muito bem, nem um dia mais velha, mas ficou chocada com o aspecto dele.

— Max, que horror!

— Não é para admirar, Mutti. A Rússia é um lugar terrível, o pior de tudo. Nunca hei-de perceber para que quer Hitler aquilo.

Bateram à porta, e entrou a criada particular de Elsa, Rosa Stein.

— Um recado, baronesa. O general Galland vem encontrar-se com a senhora às sete horas. — Galland fora promovido a major-general em Novembro de 1942 e comandava agora toda a frota aérea.

— Vamos encontrar-nos com Dolfo? — perguntou Max. — Isso é ótimo.

— Precisas de um bom jantar — disse Elsa. — Por isso, vamos divertir-nos e esquecer o nosso amado Führer e o seu maldito Partido Nazi.

— A mãe mudou mesmo — observou Max. — Houve uma altura em que achava que estavam a rejuvenescer a Alemanha.

— Esse tempo já passou há muito, Max. Conheces aquela velha anedota de quem é que dirige o asilo de lunáticos? Eu acho que sei.

— Não diga isso muito alto, Mutti. Vá lá, vamos ter com Dolfo. Enquanto desciam as escadas, acrescentou: — Rosa estava com ar de preocupada.

— Tem razões para isso. O marido, Heini, é judeu. Ainda não o mandaram para um desses campos porque é um gênio em eletrônica. Mas ultimamente as SS têm andado inquietas.

— Será que isto nunca vai acabar? — disse Max com ar exausto. Entraram no bar e sentaram-se num sofá ao canto.

— Notícias de Harry? — perguntou Max.

— Nada de especial. Afundou aquele cruzador italiano em Janeiro. Göring contou-me, claro, mas tu também já sabes.

— Como estará ele? Adorava vê-lo — comentou Max. Um momento depois, entrou Galland. Max levantou-se de um salto e deu-lhe um abraço.

— Portaste-te bem, Dolfo. — Tocou na Cruz de Cavaleiro.

— Eu portei-me bem? — Galland manteve-o à distância de um braço. — Estás com péssimo aspecto. Uns tempos atrás de uma secretária, coronel, é só o que precisas.

— Coronel? — interrogou Elsa.

— Para começar, basta tenente-coronel. Ofereceram-lhe a nomeação na Rússia, e ele rasgou o documento.

— A minha vida é voar, Dolfo — disse Max. — Não posso pilotar uma secretária.

— Está bem. Uns tempos nos serviços administrativos e depois logo te deixo voar.

França, se quiseres, a Mancha, como nos velhos tempos.

— Ótimo — disse Elsa. — Agora que isso está resolvido, vamos jantar?

EM LONDRES, nessa noite, Sarah Dixon entrou no pequeno restaurante italiano em Westbourne Grove onde ela e Rodrigues haviam jantado pela primeira vez. Sentado a uma mesa, ele levantou-se para ir ao encontro dela.

— Como está?

— Tenho uma novidade surpreendente: vou ser transferida para o Executivo de Operações Especiais, na Baker Street — disse ela ao sentar-se.

— Isso é material escaldante — comentou Rodrigues. — O SOE lida com todo o tipo de serviço secreto na Europa, introduzindo agentes de paraquedas, e por aí adiante.

— É o que parece. Mas, ouça, não fui destacada para nada de especial. É a mesma rotina chata de escritório, mas pagam-me mais.

— As possibilidades são ilimitadas.

— Bom, seria agradável descobrir alguma coisa importante depois de todas as insignificâncias dos últimos dois anos. — Apertou-lhe o braço. — Estou tão entusiasmada, Fernando.

— Não é para menos. — Ele inclinou-se e beijou-a.

EM AGOSTO DE 1943, a Sicília estava ocupada e, em Setembro, tropas aliadas aterraram na Itália continental. No Cairo, Harry apresentou-se a um oficial de transportes baseado no Hotel Shepherd.

— Inglaterra para si, tenente — disse o oficial. — Um Dakota até Malta para reabastecer e depois Gibraltar. O que se passa é que um dos pilotos está doente. Importa-se de fazer de copiloto?

— Com muito gosto — respondeu-lhe Harry. No aeroporto, encontrou-se na sala das tripulações com o piloto, um oficial aviador chamado Johnson, que ficou entusiasmado.

— Ora, foi você que afundou o Orsini. Isso foi obra! Harry ignorou o cumprimento.

— Prevê alguns problemas?

— Agora, a Luftwaffe estabeleceu-se no lado alemão da Itália continental. Vai ser canja. Meia dúzia de passageiros.

— Alguém em especial?

— Ah, um brigadeiro qualquer. Estão todos no átrio.

Harry foi ao átrio e encontrou Dougal Munro.

— Haverá alguma coisa de obscuro por trás deste nosso encontro, brigadeiro? indagou Harry.

— Então, eu pareço-lhe esse tipo de pessoa? — replicou Munro.

— Sinceramente, parece.

— Bem, está enganado. Você tem-se coberto de glória desde a última vez que nos encontramos, tal como o seu irmão.

— Max? Não me diga.

— Abateu sabe-se lá quantos aviões russos. Está nos serviços administrativos em Berlim. Subiu um degrau: tenente-coronel.

— Que bom para Max.

— Sabia que Teddy West agora é vice-marechal da Aviação?

— Não. — Harry ficou genuinamente satisfeito. — Como está a sua sobrinha, a bela doutora?

— Molly? Farta de trabalhar. Ela gostou de si, Harry.

— Não sirvo para ela, brigadeiro. Eu não sirvo para ninguém. É um milagre ainda estar vivo, e isso não vai durar para sempre.

— Está bem, Harry, deixe lá isso agora — disse Munro entusiasticamente. Acabei de me encontrar com Eisenhower. O seu nome veio à baila.

— Ai sim? — fez Harry, hesitante.

— Ele está admirado de você ainda não se ter passado para o lado da sua gente.

— E qual é o lado da minha gente?

— Há três Esquadrilhas Águia na RAF, Harry. Em Setembro de 42, foram transferidas para a Oitava Força Aérea Americana.

— Eu sei disso — disse Harry. — E os que se transferiram foram para a América como instrutores. Quem precisa disso?

— A Força Aérea Americana está cheia de novatos, Harry. Não sabem nada.

— E que é que eu tenho a ver com isso? — respondeu Harry. Onde estavam eles quando travamos a Batalha de Inglaterra? A brincarem enquanto a Grã-Bretanha resistia?

— Eisenhower parece ser da opinião de que você está a deixar ficar mal o seu país.

— Azar — disse Harry. — Comecei na RAF e vou acabar na RAF. Foi o que o meu pai fez na Primeira Guerra.

— Em Setembro último, todos os americanos tiveram de ser transferidos, Harry.

— Veremos o que Teddy West tem a dizer — disse Harry, pensativo.

NA INGLATERRA, Harry teve dois dias de licença e foi para uma casinha de campo que comprara perto de Farley Field. Aí, passeou pela praia de cascalho recordando as batalhas aéreas sobre a Mancha. Quando tinha fome, ia até a Estalagem dos Contrabandistas, não longe de casa, nunca fardado, sempre de camisola e calças.

Num dia de chuva fria no final de Setembro, estava ele a atirar pedrinhas ao mar quando ouviu o barulho de um veículo a parar no

cimo da praia. Virou-se e viu um carro de serviço da RAF, de onde saiu um sargento que puxou de um guarda-chuva e abriu a porta de trás.

Teddy West surgiu, resplandecente com o uniforme de vice-marechal.

— Harry! — acenou-lhe. — Que bom ver-te. Harry correu na direção dele e apertou-lhe a mão.

— Prazer em vê-lo, vice-marechal.

— Munro disse que estás um bocado para baixo. Parece ótimo.

— Ar do mar, comidinha do pub, muito descanso.

— Ótimo. Entra e vamos até tua casa. Temos muito que conversar.

Harry sentou-se ao lado dele no banco de trás.

— Trabalho, vice-marechal?

— Digamos que sim. Os Americanos continuam a querer agarrar-te, Harry. Já tentei fazer desaparecer a tua ficha. Ainda és oficialmente finlandês, é claro, mas não isso pode durar para sempre. No entanto, tenho uma sugestão.

— E que sugestão é essa, vice-marechal?

— Munro tem uma base secreta num lugar chamado Cold Harbour, na Cornualha.

Infiltram agentes em França, vão lá buscar pessoas e por aí fora.

— Gostaria que me juntasse a eles?

— Podias ser útil.

— E quais seriam as minhas funções?

— Umas idas noturnas a França. Mais testes em aviões capturados. Inúmeras tarefas. Uma espécie de meu ajudante-de-campo, e isso significa o posto apropriado para quando precisares de mais poderes. Abriu uma mala que trouxera e retirou um uniforme novo. — Desculpa, Harry, mas fui ao teu alfaiate de Savile Row. Ele pôs o novo uniforme na tua conta. A partir de agora, és comandante de aviação. Isso torna-te no equivalente do teu irmão: tenente-coronel, segundo ouvi dizer.

— Meu Deus! — exclamou Harry. — Não sei o que dizer.

DURANTE O MÊS DE Outubro, Harry trabalhou para West, visitando esquadrilhas e avaliando a preparação para aquilo que se sabia viria a acontecer durante 1944: a invasão da Europa. Era um trabalho aborrecido, mas necessário. Por estranho que pudesse parecer, Max andava a fazer coisas semelhantes para Galland em França, embora passasse algum tempo em Berlim. Tal como Harry, aborrecia-se com a tarefa, mas Galland pedia-lhe que fosse paciente.

Uma pessoa que não era paciente era a baronesa Von Halder. No início do ano, a Gestapo prendera judeus casados com alemães. Soldados das SS e agentes da Gestapo fizeram rusgas em laboratórios, escritórios e fábricas e prenderam judeus no local. Mais de trezentas mulheres alemãs juntaram-se em protesto defronte das instalações da Gestapo, e, mesmo à frente, encontrava-se Elsa, ao lado da sua criada, Rosa Stein, cujo marido, Heini, tinha sido preso. Himmler, olhando pela janela com Bubi Hartmann, não ficou satisfeito.

— Mulheres alemãs decentes em manifestações destas e apoiadas por uma baronesa de uma das nossas mais antigas famílias. Que vergonha! Uma vergonha ainda maior do que terem casado com judeus.

Bubi Hartmann não tinha absolutamente nada contra os Judeus. De fato, o seu maior segredo era que a sua bisavó materna era judia. Felizmente, era um parentesco tão afastado que nunca fora divulgado.

— É claro que os industriais protestaram todos contra as prisões disse Bubi. — Eram todos altamente especializados, constituíam um valor para o Reich. Lembro-me de o senhor ter recentemente salientado a utilidade deles ao Führer.

Himmler acenou gravemente.

— É uma grande pena — continuou Bubi — que o ministro da Propaganda não o tenha escutado. Isto foi o resultado da ordem dele.

— Aquele imbecil do Goebbels! Sempre foi burro.

— O Führer não vai ficar satisfeito. Se me permite a sugestão, Reichsführer, uma palavra sua. Bom senso, como habitualmente?



Deixaria Goebbels com cara de parvo.

— Tem razão, Hartmann, e é uma desculpa para me encontrar com o Führer. Tenho outros assuntos para tratar.

Quando Hartmann se virou para sair, Himmler acrescentou:

— Mais uma coisa. A baronesa Von Halder anda em más companhias.

NESSA MESMA NOITE, na Casa Branca, a Sala Oval estava meio às escuras, apenas com um candeeiro aceso na secretária. Havia papéis por todo o lado e o ar estava carregado de fumo. Roosevelt estava sentado à secretária na sua cadeira de rodas, segurando um cigarro na habitual boquilha.

— Sr. Presidente, mandou chamar-me? — perguntou Abe Kelso.

— Sim, senhor, Abe. Como acha que vai a guerra?

— Com altos e baixos. Pior na Itália.

— Bem, Abe, isto é ultra-secreto, mas os Aliados vão aterrar em Anzio, a sul de Roma, em Janeiro.

— O destacamento alemão em Itália é um dos melhores que eles têm. Pode ser difícil.

— Conto com isso. Eisenhower e Montgomery mudam-se para Londres em Janeiro para se prepararem para a invasão da França. Quero que vá para lá, Abe, como meu relator pessoal dos fatos.

— As suas ordens, como sempre, Sr. Presidente.

— Ótimo. E em relação aos seus netos? Como estão eles?

— Bem, aquele de que não falamos é agora tenente-coronel na Luftwaffe. Tem medalhas até o pescoço.

— E o outro? Harry, não é?

— Comandante aviador. Também com medalhas até o pescoço. Roosevelt franziu a testa.

— Quer dizer que ainda pertence à RAF? Abe, não acha que ele devia estar nas nossas fileiras?

— Ele não vê as coisas assim.

— Então, penso que vai ter de fazê-lo mudar de ideias, Abe. Fale com ele quando lá estiver. Diga-lhe que é o desejo do presidente.

— Às suas ordens, Sr. Presidente.

— Excelente. Agora, leve-me até a sala de estar que eu preparo-lhe um dos meus célebres martinis antes de ir embora.

SARAH DIXON achou a vida consideravelmente mais interessante no SOE, na Baker Street, do que no Gabinete para os Assuntos da Guerra. Para já, porque, apesar de os seus serviços serem administrativos, tinha oportunidade de saber quem era quem: Munro, por exemplo, Jack Carter e outros. Um dia, apareceu West com Harry Kelso.

— Ouvi falar aquele comandante aviador — comentou ela com uma mulher chamada Madge Smith na cantina — e pareceu-me americano, mas os distintivos no uniforme são finlandeses.

— Ah, é Harry Kelso. Um verdadeiro ás. Afundou o Orsini. E tens razão, ele é ianque. E ajudante do vice-marechal West e faz de intermediário para Munro.

— Intermediário?

— Voos de serviços especiais saídos de Cold Harbour, na Cornualha.

— Que interessante — comentou Sarah. Ainda mais interessante foram os acontecimentos do dia seguinte. Madge pediu-lhe: — Sê um amor e leva-me este dossier a NeIly, à reprografia. Tira cinco cópias. O mais rápido possível.

Pelo caminho, ao descer as escadas, Sarah deu uma espreitadela rápida. Havia uma carta dirigida ao Gabinete para os Assuntos da Guerra, um mapa de Cold Harbour, pormenores sobre os aviões geralmente lá estacionados, largadas em França, voos do Aeroporto de Croydon, em Londres, para Cold Harbour com uma lista de pilotos.

Incluindo Harry Kelso.

Nem podia acreditar. Entrou na reprografia e encontrou NeIly, uma mulher de meia-idade e cabelo grisalho, a empilhar folhas.

— Eles querem isto depressa, NeIly. Cinco cópias.

— Que manhã esta! Têm-me dado cabo dos pés. Ainda nem tive tempo para ir à casinha.

— Então, vai agora. Eu começo este monte por ti.

— És um amor! Saiu à pressa, e Sarah copiou rapidamente as folhas, dobrou-as e pô-las no bolso. Depois, começou a tirar as cinco cópias. Já tinha quase acabado quando apareceu Nelly.

— Abençoada. Aproveitei para fumar um cigarrinho enquanto pude. — NeIly pôs cliques nas cópias. — Já está, querida, e beijinhos à Madge.

Foi quatro dias depois que Joel Rodrigues entregou o relatório à secretária de Bubi Hartmann, Trudi, que o levou logo ao seu chefe.

— Encontramos ouro — disse Bubi. — Leia isso.

— Reparou no nome de um desses pilotos? — perguntou ela, depois de ler rapidamente.

— Harry Kelso, o outro filho da baronesa Von Halder.

— Vai contar ao barão?

— É claro que não, mas a Himmler, sim, nem que seja para lhe mostrar como trabalhamos bem. Diga a Rodrigues que informe Mrs. Dixon de que precisamos de toda a informação possível. E aumente os irmãos Rodrigues para o dobro.

## 4

MAX PILOTAVA SOZINHO um Junkers MS de Berlim para uma base costeira chamada Fermanville, em França. Às duas da madrugada, atravessou a costa no meio de nuvens dispersas e com meia-lua. A visibilidade era razoável quando contactou Fermanville e deu a sua posição.

— Quem é o senhor? — perguntou a voz do controlador de terra.

— Coronel Von Halder, venho entregar um novo pássaro negro.

— Traz um artilheiro?

— Não.

— É pena, barão. Tenho um alvo.

— Dê-me a posição que eu dou uma espreitadela.

— Rume a zero seis sete. Distância do alvo, cinco quilômetros.

O Junkers saiu das nuvens, e Max avistou a presa, um bombardeiro Lancaster com fumo a sair do motor de bombordo.

— Tenho contato visual — comunicou, e depois aproximou-se.

O outro apresentava grandes estragos: tantos que a torre da metralhadora de ré havia desaparecido. Max desceu quinhentos pés através das nuvens e apareceu por baixo. O JU 88S tinha um par de canhões de vinte milímetros montados para apontar para cima. Se Max disparasse, rasgaria a barriga do bombardeiro.

Olhou para cima e pensou na carnificina que causaria: o vento frio a soprar pelos furos da fuselagem, os mortos e os moribundos. E por uma razão qualquer que o surpreendeu a si próprio pensou: "Não. Basta." Deu meia volta, consciente do outro piloto ali mesmo perto de si, na claridade do luar, ergueu a mão em saudação e afastou-se.

aterrissou em Fermanville, rolou até parar e desceu ao mesmo tempo que a tripulação de terra se aproximava. Afastou-se, deprimido, cansado e perturbado. Um alvo fácil e tinha-o deixado escapar. Porquê? Nunca fizera uma coisa daquelas. Entrara sempre a matar.

— O que é que está a passar-se contigo, meu velho? — murmurou para consigo.

A PRIMEIRA VEZ que Munro pediu a Harry para levá-lo e a Carter a Cold Harbour num Lysander foi um mau voo. Começara um novo ano e caía granizo por toda a Cornualha. Começaram a aproximação a mil pés, e por baixo estava a baía de Cold Harbour e o cais com um navio de guerra atracado.

— Aquilo não é um barco-E alemão? — perguntou Harry.

— Exatamente — respondeu Munro alegremente. — Não tem nada que ver contigo. Este é um lugar do tipo cuide-de-sua-vida, Harry. Vais ver.

— E os aldeões? — perguntou Harry, iniciando a descida.

— Foram todos evacuados, meu caro — respondeu-lhe Carter. — Ainda usamos O Enforcado, que é o pub, para o pessoal da base. Uma mulher chamada Julie Legrande o gerencia para nós. Ah, ali está a Abadia de Grancester.

Pedras cinzentas, duas torres, tudo muito imponente, com um jardim murado até o rio. Um lago.

— Simpático — disse Harry.

— Colocamos ali os agentes que levamos para França para passarem a noite.

Harry planou sobre a abadia e pousou numa pista de erva. Havia dois hangares, várias tendas e dois aviões no pátio, ambos caças alemães. Harry desligou, abriu a porta e desceram todos.

— Para saciar a sua curiosidade, meu caro, ocasionalmente é útil, na nossa atividade, usar aparelhos inimigos — disse Munro.

Surgiu um jipe conduzido por uma mulher de trinta e poucos anos.

Vestia um casaco de pele de ovelha e tinha o cabelo louro apanhado atrás. Tinha um rosto calmo e doce.

— Ora cá está o nosso brigadeiro — constatou ela a sorrir.

— Julie Legrande ... Harry Kelso, ajudante-de-campo do vice-marechal West, da Aviação.

— Ah, a sua reputação precede-o.

— Basta. Nós levamos o jipe. — Munro virou-se para Harry. Você regressa diretamente a Londres. Arranje-lhe uma sanduíche ou qualquer coisa na cantina, Julie, depois mande-o embora.

A cantina era bastante simples: algumas mesas e cadeiras, um balcão, uma cozinha. Estava vazia.

— Café? — perguntou ela.

— Não. Habituei-me ao chá — respondeu Harry. — Os Ingleses fazem o pior café do Mundo.

Sentou-se e esperou. Ela reapareceu com um bule de chá e um prato de sanduíches.

Enquanto ele comia, ela acendeu um cigarro e observou-o.

— O grande Harry Kelso. Aquele cruzador italiano foi obra.

— Sorte — disse Harry. — Uma das poucas vezes que pilotei um bombardeiro. Eu sou piloto de caça.

— Mas o que é que isso quer dizer? — perguntou Julie. — Pilotar aviões de caça é

um trabalho temporário. As guerras vão e vêm, mas acabam sempre. O que é que acontece depois?

— Filosofia numa manhã molhada na Cornualha? Acho que não tenho vontade. — Acabou o último sanduíche. — Tenho de ir andando.

— Eu o acompanho.

Ao caminharem para o Lysander, ele disse:

— Conhece Molly, a sobrinha de Munro? É médica.

— Conheço. Ela vem de Londres quando há uma emergência. Às vezes, as pessoas chegam do lado de lá em mau estado.

— Compreendo. — Estendeu-lhe a mão. — Prazer em conhecê-la.

— Espero que nos encontremos mais frequentemente no futuro acrescentou Julie.

Harry subiu para o Lysander, ligou-o e afastou-se. Quando subia através de nuvens carregadas, apercebeu-se de repente, chocado, que ela tinha razão: nunca tinha pensado que aquilo fosse mesmo acabar, pelo menos não no seu íntimo.

EISENHOWER E MONTGOMERY chegaram a Inglaterra em Janeiro de 1944. Nesse mês, a Luftwaffe recomeçou a bombardear Londres. A Pequena Blitz, como lhe chamaram, não foi tão má como da primeira vez, mas suficientemente má. Batedores JU88S, decolando de Chartres e Rennes, marcavam os alvos, e Max pilotava um deles. Mas os bombardeios duraram pouco.

Certo dia, Max apresentou-se a Galland no quartel-general da Luftwaffe, em Berlim, e encontrou-o na cantina a comer sanduíches e a beber cerveja.

— Que bom ver-te, Max.

— Achei que devíamos conversar. — Max sentou-se. — Parece que a nossa última surtida sobre Londres já deu o que tinha a dar. Eu gostava de voltar para os 109. Os Junkers não fazem o meu gênero.

Galland franziu a testa e depois assentiu com a cabeça.

— Faço-te meu ajudante -de -campo na costa francesa. Terás o teu próprio MEI019.

O que fazes com ele nas minhas costas não é da minha conta. Que tal'?

— Perfeito.

— ótimo. Tenho de ir andando. A propósito, ouvi dizer que a Gestapo deitou a mão aos generais Prien e Krebs no outro dia, assim como a algum pessoal mais baixo. Corre o boato de que houve um atentado à bomba falhado contra o Führer.

Eram todos membros daquele clube de bridge do Hotel Adlon.

— E então? — perguntou Max.

— A tua mãe não joga lá?

Max ficou atordoado.

— Não tenho a certeza.

— Acho que era melhor ela ir a outro clube — disse Galland. — Os tempos estão complicados. — Virou-se e saiu.

Max telefonou para o gabinete de Bubi Hartmann, mas ele tinha saído, segundo Trudi Braun. Max disse-lhe que queria encontrar-se com ele no bar do Adlon às 6.

Ela desligou o telefone, e Bubi pousou a extensão.

— Isto é mau — disse. — Pode ser acerca do clube de bridge. A mãe joga com eles.

— Mas Max é teu amigo.

— E que queres que faça? Que arrisque a minha cabeça? Trudi abanou a cabeça.

— És um homem bom, Bubi, na função completamente errada.

— Muito bem. — Bubi alinhou o uniforme. — Dá-me aquele relatório acerca da atividade da Resistência Francesa. Será uma desculpa para falar com Himmler.

O REICHSFÜHRER HIMMLER examinou o relatório e acenou com a cabeça.

— Muito detalhado. Estes terroristas serão todos detidos e fuzilados.

— Com certeza, Reichsführer.

— E agora tenho de ir ter com o Führer ao Bunker.

— Alguma coisa em especial? — perguntou Bubi Hartmann.

— Não tenho a certeza, embora ele não esteja nada satisfeito com aquele atentado no outro dia. Naturalmente, prendemos todos os envolvidos. Um clube de bridge, quem iria acreditar? Foram todos executados imediatamente: Prien, Krebs, alguns oficiais subalternos e duas mulheres.

Bubi empalideceu. — Fuzilados, Reichsführer?

— Seria um fim honroso demais para tal escumalha. Não. As ordens do Führer foram claras: execução com arame de piano. E não, coronel, a mãe do seu amigo, a boa baronesa, não se encontrava entre eles. De momento, não há provas suficientes.

— Compreendo, Reichsführer. Bubi dirigiu-se para a porta, e Himmler chamou-o:

— Aconselho-o a reconsiderar a sua amizade com o barão, Hartmann. Você tem valor para mim, mas ninguém é indispensável.

Sentado no bar do AdIon, Max tomava um conhaque para acalmar os nervos. Estava receoso, mas não por si, apenas pela mãe. Que estúpida tinha sido, quão incrivelmente estúpida. Hartmann entrou.

— Bubi, graças a Deus que vieste — disse Max.



— Só desta vez, Max. Não posso arriscar-me. Isto está muito mau.

— Conta-me. E foi o que Bubi fez em pormenor.

— Agora, já sabes.

— Deus misericordioso! Como é que eles podem fazer estas coisas?

— Podem, acredita. A tua mãe tem que se acautelar. — Levantou-se. — Não voltaremos a encontrar-nos, Max. O próprio Himmler assim mo aconselhou.

ELSA ESTAVA na sua suite, sentada no sofá junto à lareira a saborear uma bebida, quando Max entrou.

— Meu querido, que bom. Mesmo a tempo de um cocktail.

— Esqueça isso. Tenho novidades para si. Os seus amigos generais Prien e Krebs e os outros, incluindo duas mulheres, todos membros do seu clube de bridge? Isso diz-lhe alguma coisa?

— Ouvi dizer que tinha havido um problema.

— E uma maneira de falar. O problema foi um atentado falhado para atirar o Führer pelos ares. Os seus amigos foram todos mortos, Mutti, enforcados com arame de piano.

Ela ficou visivelmente abalada.

— Isso não pode ser verdade.

— Hartmann arriscou o próprio pescoço para me avisar. A única razão pela qual Himmler ainda não mandou prendê-la a si é a falta de provas concretas.

— Maldito! — exclamou Elsa, com lágrimas de raiva nos olhos. Não podem fazer-me isto.

A porta do quarto escancarou-se, e apareceu Rosa, com os olhos inchados de tanto chorar.

— Que aconteceu? — perguntou Max.

— Mandaram Heini para Auschwitz — disse Elsa.

— Como pôde isso acontecer, Mutti? Acabou de dizer "Eles não podem fazer-me isto". Não foram estas as suas palavras?

— Bolas, Max. — Bateu-lhe no peito, e Max agarrou-lhe nos punhos.

— Acha que ser baronesa Von Halder interessa alguma coisa? No Terceiro Reich?

Acha que Göring vai ajudá-la numa embrulhada destas? A mãe sempre foi um bibelô para ele, tal como eu.

— Max, por favor.

— Estou farto. Continue neste caminho e arrasta todos consigo. Virou-se para Rosa. — Então, levaram Heini? Não ligue. Pela maneira como a minha mãe se anda a portar, não tarda muito levam-na a si também. Talvez até a mim. Dirigiu-se para a porta.

— Max, escuta — chamou-o Elsa. Ele voltou-se.

— E foi para isto que deixamos Boston? Foi para suportar a arrogância de uma Von Halder que perdi o meu irmão?

Saiu porta fora, e Elsa caiu no sofá lavada em lágrimas.

O MERCEDES DE HIMMLER virou para a Vösstrasse e dirigiu-se para a Chancelaria do Reich e o Bunker do Führer: o seu quartel-general subterrâneo. Era protegido por uma espessura de trinta metros de betão, à prova de qualquer bombardeio que os Aliados pudessem fazer sobre Berlim.

O Mercedes entrou numa rampa, e uma sentinela das SS fez continência. Himmler desceu e foi para baixo. Passando por corredores infindáveis, mal iluminados, chegou por fim a uma porta onde se encontrava outra sentinela das SS. Entrou e deparou com Goebbels, Von Ribbentrop, o secretário pessoal de Hitler, Martin Bormann, e o almirante Canaris junto à mesa do mapa geral. Ouviase o tom zangado da voz do Führer vindo do seu gabinete particular.

— O que é que se passa? — perguntou Himmler a Bormann.

— Não está satisfeito. A porta abriu-se, e os marechais-de-campo Von Rudstedt, Rommel e Von Kluge surgiram; o Führer vinha atrás.

— Vá, desapareçam. Tragam-me bom senso ou então não venham.

— Saíram todos num tropel, Rommel com ar grave, e Hitler virou-se para os outros. — Este mapa — disse —, a Mancha, França. Só sabem falar sobre onde o inimigo vai aterrar, em Calais ou na Normandia. Que é que isso interessa? Vamos esmagá-lo nas praias.

— Naturalmente, meu Führer — assentiu Bormann.

— Então, porque não inventam alguma coisa de jeito estes palhaços? — Bateu na anca e deu uma gargalhada. — Sabem o que dava jeito, senhores, mesmo muito jeito?

Fixaram-no todos nervosamente. Foi Himmler quem perguntou:

— E o que seria, meu Führer?

— Que caísse uma bomba em cima de Eisenhower! Ele é o chefe, o cérebro. Sem ele, ficaríamos todos desorientados.

— Tem razão, como sempre — disse Himmler. — É claro que há muitas maneiras de esfolar um gato. Um simples assassinato.

Hitler voltou-se para Himmler.

— Que perspectiva agradável, Reichsführer. Fico animado só de pensar nisso.

Mais tarde, no seu gabinete, Himmler perguntou a Bubi Hartmann:

— Há alguém de entre os nossos agentes capaz de concretizar tal tarefa?

— Lamento, mas não vejo quem, Reichsführer. Imagina a segurança à volta de Eisenhower?

— Mesmo assim — continuou Himmler —, pense nisso, coronel.

## 5

FOI UM DIA DEPOIS que o senador Abe Kelso atravessou o Atlântico numa fortaleza-voadora e se instalou numa suite no Savoy, em Londres. Uma das primeiras coisas que fez foi descobrir o paradeiro de Harry, o que o levou a uma conversa telefônica com Teddy West.

— Soube que o meu neto é seu ajudante-de-campo — disse Abe.

— De certo modo, senador, mas é mais complicado do que isso. Ele opera num esquema de funções especiais.

— Está a dizer-me que não posso vê-lo? — indagou Abe.

— Não é isso. O fato é que ele não está aqui, está na Escócia a supervisionar a inspeção de um avião alemão que foi capturado. Gostaria de ter sido informado que o senhor vinha.

— Confidencial. O problema é que tenho de estar de volta dentro de seis dias. Há muito que fazer, mas Harry era uma prioridade. A última vez que o vi foi em 1939.

— Eu falo com ele e vou ver se consigo apressar as coisas.

Abe encontrou-se com Churchill e Eisenhower, escutando pacientemente. Até quando os generais Patton e Bradley discordavam, valia a pena escutá-los. Teve um almoço desconfortável com Montgomery, durante o qual o marechal-de-campo não fez segredo de que devia ser ele, e não que, o comandante supremo.

NA MANHÃ SEGUINTE, Harry pilotou um JU88S até Londres. Ao aterrar, um carro de serviço da RAF aproximou-se, e West desceu.

— Pensei vir buscar-te, Harry.

— Muita gentileza da sua parte. — Harry seguiu-o para dentro do carro.

— O teu avô está no Savoy. Deixo-te lá. — West ofereceu um cigarro a Harry. — A propósito, tenho um voo para ti amanhã.

— E o que é?

E West contou-lhe, deixando-o depois no hotel. Abe saboreava um cigarro junto à janela da sala da sua suite e observava o Tamisa quando bateram à porta.

— É o mensageiro, senador.

— Entre, não está trancada — respondeu Abe.

A porta abriu-se, e o mensageiro entrou com duas malas.

— O que é isto? — perguntou Abe, mas logo a seguir entrou Harry.

— Olá, Abe — disse ele, e foi como se os anos se desvanecessem.

Tomado pela emoção, Abe abraçou Harry e chorou. Uns minutos depois, sentado à janela, disse: — Meu Deus, Harry, isto é inacreditável. Olha só para essas medalhas todas.

— Lembra-se do que o pai costumava dizer? Um belo monte de lata. Alguma notícia de Max e da Mutti?

— Não, as minhas fontes secaram.

— Talvez eu consiga descobrir alguma coisa.

— Como?

— Estou ao serviço de um tal brigadeiro Munro, da área da informação.

— Já ouvi falar dele. Está altamente envolvido com Ike.

— Parece que sim — assentiu Harry. — Vou ver o que posso fazer.

— Temos um problema, Harry. O presidente quer-te na Força Aérea Americana e Ike também.

— Oh, pelo amor de Deus! — explodiu Harry. — Já chega! O que é que eles vão fazer? Levar-me a tribunal militar?

— Harry, estás a ser tolo.

— Por quê? Isto é, acham que Max deveria transferir-se da Luftwaffe? — Levantou-se e respirou fundo. — Basta. Preciso de um banho. O que é que vai fazer esta noite?

— Reservei uma mesa no River Room.

— Excelente. — Harry abriu a mochila e colocou Tarquin em cima da mesa. — Aí tem, Abe. Isso não lhe traz recordações? Em todos os voos que fiz ele esteve presente. — Pegou a outra mala. — Fico no

quarto de hóspedes. — Ao abrir a porta, acrescentou: — Ouvi dizer que vai para Southwick House com Ike amanhã.

— Como é que sabes isso?

— Porque sou o piloto.

O River Room estava movimentado desde cedo, mas também por todo o lado em Londres era assim naqueles dias.

Abe e Harry estavam sentados numa mesa para quatro. Abe pediu cocktails de champanhe, e Harry perguntou:

— Quem são os outros?

— Ah, decidi convidar o teu brigadeiro Munro enquanto estavas no banho. Quando pedi que nos fizesse companhia, sugeriu trazer a sobrinha, uma tal Dra. Sobel. Parece que a conheces.

— Sim, já nos encontramos, mas há muito tempo.

Nesse momento, chegou Munro com Molly. Ele vinha de uniforme. Ela trazia um traje de noite em tons marrons. Tinha o cabelo preso atrás com um laço marrom de veludo.

Harry e Abe levantaram-se, e Munro apresentou:

— A minha sobrinha, Molly.

Abe olhou-a com aprovação evidente. — Parece que conhece o meu neto.

Ela sorriu a Harry e apertou-lhe a mão.

— Da última vez que a vi, estava com um ar cansado — disse Harry.

— E agora?

— Parece-me suficientemente bem para ir dançar comigo — disse. — Deixemos a geração mais velha a conversar.

A orquestra tocava um fox-trot lento, "Night and Day", e ela passou para os braços dele.

— Cá estamos nós outra vez — disse Harry.

— E aqui está você, coberto de glória como habitualmente.

— E você, continua no Hospital Guy?

— Agora, sou cirurgiã-chefe.

— Isso é fantástico. Ainda trabalha para Munro? Como médica ambulante de Cold Harbour?

— De vez em quando. — Ela franziu a testa. — Mas não era só a isso que estava a referir-se.

— Daquela vez que fomos passear depois do almoço no Garrick ouvi Dougal perguntar-lhe o que tinha conseguido saber de mim.

— Ora bolas — exclamou ela —, eu daria uma péssima espiã.

— Não tem importância, eu gostei do passeio. Está a espiar-me hoje?

— Se quer mesmo saber, o meu tio disse que vinha encontrá-lo com o seu avô e eu perguntei se podia vir.

— Ai sim? E por quê?

— Não seja bobo, Harry Kelso, sabe bem por quê. — Por um momento, Molly ficou à beira das lágrimas, e ele arrependeu-se imediatamente.

— Pronto, desculpe.

A orquestra começou a tocar "A Foggy Day in London Town", e Molly chegou-se um pouco mais a Harry.

— Há algum homem na sua vida? — perguntou ele.

— Há, mas não está a fazer muito por isso.

Ele apertou-a ainda mais contra si, e, na mesa, Munro comentou: — Já agora, devo dizer-lhe, senador, que a pobre moça caiu nas garras do lobo.

— E já agora também lhe devo dizer que isso me satisfaz bastante — disse Abe.

Molly e Harry sentaram-se, e o garçom sugeriu o prato do dia: uma tarte de peixe. Escolheram todos.

— Aí têm a sua guerra: comida a sério. — Munro ergueu o copo.

— À nossa e que Hitler vá para o inferno.

— Falando no Führer — disse Harry. — Há notícias de Max?

— Nada que gostasses de ouvir. Durante a Pequena Blitz, andou num batedor. Acho que fez quinze ou dezesseis incursões.

— Deve ter sido duro — disse Harry calmamente. — O Sul da Inglaterra não é lugar para a Luftwaffe nos tempos que correm.

Houve uma breve pausa, e Molly disse:

— Duro? Harry, ele andou a bombardear Londres. Só numa estação de metro, morreram cem pessoas.

— O cruzador Orsini levava uma tripulação de oitocentos e vinte homens observou Harry calmamente. — Só sobreviveram setenta e dois. — Encolheu os ombros. — Como se costuma dizer: a guerra é

um inferno. Uma estação de metro, um cruzador ... As pessoas morrem, Molly. Nós matamo-las, é a nossa função.

O silêncio imperou durante uns desconfortáveis minutos, até que Munro mudou de assunto.

— Vai para Southwick amanhã com Ike? — perguntou a Abe.

— Exatamente. E Harry é o nosso piloto.

— Já conhece Ike, Harry? — perguntou Munro.

Nesse instante, apareceu o garçom.

— Lamento, mas é do hospital, doutora. Querem-na lá imediatamente.

— Oh, meu Deus. Cá vamos nós outra vez. Posso ir no seu carro, tio?

— É claro.

— Acompanho-a à porta — disse Harry. Saíram do átrio e ficaram no passeio enquanto o porteiro ia chamar o motorista. Quando o carro chegou, Harry abriu-lhe a porta.

— Gostei muito de tornar a vê-la.

— Oh, seu idiota. — Esticou-se e beijou-o na boca. — Acho que vais para o inferno à tua maneira. — E entrou no carro.

HARRY foi encontrar Munro e Abe numa grande conversa.

— Que estão os dois a tramar? — perguntou ao sentar-se. — A ganhar a guerra?

— A guerra está ganha, Harry — disse Abe. — E só uma questão de tempo.

— Ainda estão para vir batalhas sangrentas tanto na Rússia como no resto da Europa — disse Munro. — Mas no fim espera-nos a vitória. Mais champanhe, Harry?

— É melhor não. Vou voar amanhã.

— O brigadeiro Munro mencionou uma novidade de Berlim que não é muito reconfortante — disse Abe. — Houve um atentado fracassado contra Hitler. Uns quantos oficiais e duas mulheres foram executados. Eram todos membros do clube de bridge de Elsa.

Harry empalideceu; seu rosto parecia de pedra.



O AEROPORTO DE CROYDON estava coberto de neblina e caía uma forte chuvada enquanto Abe esperava num pré-fabricado quase vazio e bebia um café péssimo. O Lysander, um monoplane atarracado e feio de asa alta, encontrava-se no pátio a ser verificado por dois mecânicos. Surgiu um carro de serviço, e o respectivo motorista saiu e abriu a porta a Eisenhower, que se dirigiu para o pré-fabricado.

— Bom dia, Abe — cumprimentou. — Isso é café?

— O pior do mundo, mas está quente.

— Então, serve. — Pegou numa chávena que o sargento lhe ofereceu. — Acha que vamos a algum lado com toda esta neblina e chuva, Abe?

— Não tenho certeza. É melhor perguntar ao piloto. Harry saiu da sala das cartas nesse momento e virou-se para Ike.

— Não há problema. A chuva é forte, mas, por outro lado, está limpo na área de Southwick House. Ponho-os lá em quarenta minutos. Tirou um jaqueta de aviador de um cabide.

— Você é americano? — perguntou Ike.

— Harry Kelso, general.

Ike estendeu a mão: — Até que enfim que nos conhecemos, comandante aviador, e é um privilégio.

CUMPRINDO A SUA PALAVRA, Harry aterrisou na pista na hora prevista. Esperava-os um carro de serviço. Ike insistiu para que Harry os acompanhasse a Southwick House a comer qualquer coisa.

O Forte Southwick era uma construção do século XIX com um labirinto de túneis, atualmente utilizado como quartel-general das operações secretas conjuntas para a Operação Overlord, a invasão da França. Todo o tráfego de mensagens respeitante à invasão passava por ali, e no seu centro estava a Sala de Planeamento Naval, um dos segredos mais bem guardados da guerra. Southwick House fora escolhida como quartel-general da Operação Overlord devido à sua proximidade do forte.

Durante o almoço de carne assada e pudim Yorkshire, Eisenhower disse:

— Comandante, tenho que ser franco consigo. Chegou a altura de se mudar para a nossa Força Aérea.

Harry reprimiu a sua impaciência. Afinal de contas, tratava-se de Eisenhower.

— Estou bem assim, meu general. Gostaria de acabar o que comecei.

— Creio que o seu avô já lhe disse que é o desejo do presidente e também o meu, na qualidade de seu comandante supremo. Agora, terminemos a nossa refeição em harmonia. A carne é mesmo excelente.

Mais tarde, nessa noite, Munro telefonou a Harry, já no Savoy.

— Como correu tudo com Ike?

— Para usar uma famosa expressão, ele encostou-me à parede. Deu-me uma semana para tomar uma decisão. Depois disso, não tenho escolha. Sabe se Teddy West anda por aí?

— Vou ver, mas posso dizer-lhe uma coisa para o fazer esquecer o assunto nos próximos dois dias.

— Qualquer coisa. O que é?

— Um homem importante da organização de De Gaulle, um coronel Jobert, precisa de ser recolhido em França num Lysander a partir de Cold Harbour. Preciso que proteja a missão num Hurricane. Está disposto a aceitar?

— Com certeza.

— Isto significa que começará um turno operacional com a minha esquadrilha de operações especiais, e, como sabe, esses turnos chegam a incluir sessenta missões. Posso ter acabado de lhe salvar a pele. Munro desligou.

— Está tudo bem? — perguntou Abe.

— Regresso ao serviço amanhã. Lamento, mas as coisas são assim.

— Vai ser difícil?

— Vou voar sobre território inimigo, mas já faço isso há anos. De qualquer modo, o avô já se vai embora depois de amanhã.

— É verdade. Não consigo exprimir o que significou para mim ver-te. — Estava muito emocionado.

Depois de Abe se ir deitar, Harry apagou as luzes. Acendeu um cigarro e ficou a olhar para o Tamisa à meia-luz, depois virou-se e viu Tarquin a observá-lo no escuro.

— Bem, cá vamos nós outra vez — disse.

HARRY APRESENTOU-SE em Croydon às 10 horas da manhã seguinte e encontrou um Hurricane à sua espera, estacionado no outro lado do Lysander. Ao entrar na sala de operações para verificar a situação, viu um carro de serviço aproximar-se lá fora. Munro e Jack Carter saíram lá de dentro. A surpresa foi Molly Sobel.

Entraram, e Munro disse animadamente: — Ah, cá está você.

— Vens connosco a Cold Harbour? — perguntou Harry a Molly.

— Parece que sim.

— É só uma precaução — disse Munro. — É uma missão arriscada. E melhor ter Molly à mão.

— Já é major? — perguntou Harry, virando-se para Carter. — Parabéns!

— E para si também. — Apertaram as mãos. Nesse momento, entrou o piloto do Lysander.

— Tenente aviador Grant — apresentou Munro. — Já me fez numerosos voos. Sabe bem o que anda a fazer.

Grant tinha vinte e dois ou vinte e três anos e um bigode ruivo.

— Caramba, é uma honra, coronel — disse ele a Harry, e depois saiu para a sala de operações.

O sargento de serviço serviu chá, e Harry puxou de um maço de cigarros. A mochila estava em cima da mesa.

— O famoso Tarquin está aqui dentro? — perguntou Molly.

— Oh, já ouviste falar dele?

— É claro. Posso vê-lo?

— Se quiseres. — Acendeu um cigarro enquanto ela abriu o fecho da mochila e tirou Tarquin. Munro e Jack interromperam a conversa.

— Caramba — disse Jack.

— Ah, é maravilhoso. — Molly abraçou Tarquin.

— Fez todos os voos sobre Flandres com meu pai. É por isso que tem as asas do RFC. As asas da RAF vêm de mim.

— Todos os voos? — perguntou Munro.

— Todos os voos.

Molly voltou a colocar Tarquin na mochila e fechou-a.

— Ora bem, vamos lá então a despachar. — Munro virou-se para Harry. — Até Cold Harbour.

A CHUVA vinda do mar já começara a cair quando Harry aterrissou no Hurricane e o levou em direção aos hangares. Uma equipa de mecânicos veio ao seu encontro.

Ele saiu e espreguiçou-se. Quando acendia um cigarro, apareceu Julie Legrande de jipe.

— Olá. Salte cá para dentro — disse. — O Lysander só chega daqui a uma hora.

Tenho a certeza de que gostava de comer qualquer coisa.

— Vem mesmo a calhar. No Enforcado, Julie entrou à frente. A lenha ardia, luminosa, na lareira aberta. Estavam lá oito homens, a tripulação de um barco salva-vidas: quatro jogavam às cartas perto da lareira, um lia o jornal, os outros bebiam cerveja ao balcão.

— Vá lá, Julie, estamos esfomeados! — exclamou alguém.

— Acalmem-se. Os empadões estão no forno.

— Não se metam com ela ou levam com o cinto — avisou o homem que lia o jornal.

A tripulação riu-se. Alguém disse:

— Diz-lhe como é, Zec. Olhavam todos para Harry com curiosidade. Julie levou-o até a lareira.

— Patrão Zec Acland ... Comandante aviador Harry Kelso. Acland tinha trinta e quatro anos, era extremamente atraente, cheio de energia e um rosto bronzeado de marinheiro. Tinha o aspecto daquilo que de fato era: um pescador criado no mar desde a infância.

— Ah, o piloto do Hurricane. — Zec estendeu-lhe uma mão rija como pedra. — Ora, ora, meu rapaz, há alguma medalha que ainda não tenha?

— Comprei-as todas em saldo no mercado de Caiden — disse Harry.

A tripulação riu, e Harry colocou a mochila cuidadosamente em cima da mesa e sentou-se. Zec ficou imediatamente curioso.

— Traz alguma coisa especial aí dentro?

— Um urso — respondeu Harry, acendendo um cigarro. Todos pararam de conversar; depois, houve alguém que riu.

— Um urso?

— Compreendo. Uma mascote? — perguntou Zec.

— Não, é mais do que isso. Voou comigo em todas as missões. De novo alguém riu. Julie foi atrás do balcão e tirou duas cervejas.

— Já fui da Marinha — disse Zec. — Não há lugar para mascotes nos torpedeiros.

Julie colocou as cervejas em cima do balcão.

— O comandante afundou o Orsini.

A sala ficou em silêncio, e todos olharam para Harry.

— Foi você? — perguntou Zec. — Morreram muitos marinheiros nesse naufrágio.

— Setecentos e quarenta e oito.

Harry provou uma cerveja. — Há algum problema? Marinheiros são marinheiros, comandante. Independentemente da nacionalidade, o mar sempre foi o inimigo comum.

— A guerra, a guerra, a maldita guerra — disse Julie.

— E mais ou menos isso. A culpa não é sua, comandante. Mas sim da guerra.

— Mostre lá então.

Harry retirou Tarquin da mochila, levantou-se e colocou-o no balcão. Ninguém riu. Fez-se silêncio, e depois um dos marinheiros, forte como uma parede de tijolo, com cabelos e barba emaranhados, falou: — Olhem só, é formidável. Admito que nunca vi nada assim.

Juntaram-se à volta dele, e Julie inclinou-se por cima do balcão.

— Que querido. Podemos deixá-lo aqui um tempo?

— Claro — respondeu Harry. — Desde que esteja de volta na mochila para o voo desta noite. — Nesse momento, a porta abriu-se e entraram Munro, Molly, Carter e Grant, o piloto do Lysander.

— Que cheirinho maravilhoso, Julie, minha querida — disse Munro. — Mesmo a tempo dos empadões, não?

AO FIM DA TARDE, juntaram-se à volta da mesa das cartas na biblioteca, com um grande mapa à sua frente.

— Ah está o alvo, Grant — disse Munro —, a três quilômetros desta aldeia: Grouville. Uma recolha: o coronel Jobert. Um voo de quarenta e cinco minutos até lá. Está lua cheia, que desaparece pela madrugada. — Virou-se para Harry. — Está bem assim?

— Com certeza — disse Harry. — Mas gostaria de salientar que vai ser madrugada, o que significa que estaremos altamente visíveis.

— É para isso que você vai — comentou Munro. No aeródromo, Grant decolou primeiro, o Lysander elevou-se nos ares e virou na direção do mar. Desarmado, iria voar abaixo da altitude de radar. Harry deu quinze minutos de avanço a Grant, depois decolou, nivelou o Hurricane a dois mil pés, aproximou-se do Lysander rapidamente e fixou a sua posição.

Passaram a costa francesa, seguiram para o interior e avistaram o alvo: luzes de aviso espalhadas pelo chão em forma de L. Harry voou em círculos enquanto Grant aterrava, a madrugada já a clarear.

NO AERÓDROMO em Fermanville, a trinta quilômetros dali, Max e dois outros pilotos de serviço no turno da noite jogavam cartas quando o alarme soou.

— Temos movimento: dois alvos — disse o controlador calmamente. — Decolem já e darei as coordenadas.

Max e os colegas saíram porta afora e correram pelo campo, onde os esperavam os ME09. Pouco depois, Max, como comandante de voo, decolou primeiro, e os outros seguiram-no rapidamente.

O AMANHECER TROUXE nuvens cinzentas, e a chuva martelava a carlinga do Hurricane. A dois mil pés, Harry voava através de nuvens esporádicas, descrevendo círculos largos, consciente de Grant ao longe, lá muito em baixo.

Depois, a pouca distância, surgiu um ME109 das nuvens baixas e precipitou-se sobre o Lysander.

Harry desceu. O Hurricane fazia quinhentos à hora em voo picado. Aproximou-se por detrás do ME, os quatro canhões Hispano ribombaram, desfazendo a maior parte da cauda do inimigo. Ao

mesmo tempo, um segundo ME surgiu de estibordo e crivou o Hurricane de balas de um lado ao outro. O cockpit e a capota desintegraram-se parcialmente e um estilhaço rasgou o rosto de Harry. Ele deu uma guinada e fez um tonneau, enquanto o segundo ME passava por ele num relâmpago; Harry disparou o canhão instintivamente, e o avião da Luftwaffe simplesmente explodiu.

A costa da Cornualha estava a mais de vinte quilômetros, o Lysander, a oitocentos pés, seguia em direção a casa. Grant, olhando para cima, viu tudo.

O Hurricane fumegava quando apareceu um terceiro ME.

— Um milagre! — gritava o coronel Jobert. — Nunca vi ninguém voar assim.

— Ele vai precisar de mais que um milagre — respondeu Grant, comunicando em seguida com Cold Harbour pelo rádio.

MAX, NA POSIÇÃO EXTERIOR DA LINHA, viu a ação de longe e sabia reconhecer uma grande pilotagem. Observou um, dois a cair. Depois, girou e entrou a matar.

Quando o Hurricane fumegante abrandou, Max desacelerou e colocou-se a bombordo.

Tinha um canal secundário com o objetivo de escutar a frequência da RAF e resolveu usá-lo.

— Hey, Tommy, travaste uma grande luta, mas chegou a altura de saltares ou acabas esturricado.

Harry, tentando aguentar-se, não precisou reconhecer a voz. Todos os seus instintos lhe diziam quem era.

— Olá, Max. Há quanto tempo!

— Harry! És tu! — disse Max, ao mesmo tempo em que o Hurricane começava a cair. Achas que consegues chegar à costa?

— É pouco provável, mas vou tentar. Como está a Mutti?

— Por amor de Deus, Harry.

— Diz-lhe que tome cuidado. Himmler só está à espera de uma oportunidade.

— Cuidado, Harry! Cuidado! A fuselagem está a desfazer-se. Vejo chamas.

A voz de Zec Acland ouviu-se no rádio de Harry: — Daqui é o salva-vidas Lively Jane. Vamos a caminho, Kelso. Dê-nos a sua posição.

O rádio de Harry começou a fumar e expirou. Ele prendeu a mochila ao cinto, puxou a capota e desapertou o cinto de segurança. O cheiro de queimado era terrível e o fogo lambia-lhe as botas. Virou o Hurricane ao contrário e deixou-se cair.

A voz de Zec Acland ouviu-se de novo no canal do rádio: — Comandante? Pode dar-me a sua posição?

— Ouça-me — interrompeu Max. — Daqui é o seu simpático piloto da Luftwaffe. Ele acabou de saltar. — Deu-lhes a posição e iniciou uma descida picada, seguindo o paraquedas que descia a bombordo.

O tapete ondulante de vagas e espuma tinha um aspecto terrível. "Está acabado", pensou Max. "Nunca mais vão encontrá-lo." E então lembrou-se da única hipótese e pegou no saco de linho junto ao joelho esquerdo, que continha um colorante que, quando caía na água, se espalhava numa enorme mancha amarela. Soltou o saco, depois deu um puxão na capota para trás e desceu.

HARRY MERGULHOU nas ondas, submergiu, insuflou o seu colete Mae West, voltou à superfície e lutou por se livrar do paraquedas. Deslizou para a cava de uma onda, tão alta que ele ficou sem ver nada, depois ergueu-se numa crista e viu o ME à esquerda. Questionou-se sobre o que estaria o irmão tramando, e então Max abrandou até quase entrar em perda e aproximou-se incrivelmente a cem pés, esticando-se para fora da carlinga e atirando o saco de colorante, que caiu ao lado de Harry. A mancha amarela começou a espalhar-se.

Harry esforçou-se por nadar até lá, e Max aumentou a velocidade, puxou o manche, subiu aos mil pés, de onde, a apenas meia milha para norte, avistou o Lively Jane.

Alguns membros da tripulação gritaram em desalento enquanto o avião preto com as cruces da Luftwaffe e a suástica os sobrevoava. Max chamou-os pelo rádio: — Lively Jane, ele está a meia milha para sul. Joguei um saco de colorante, procurem uma mancha



amarela. Vou voar em círculos em volta dele até que cheguem, e façam um bom trabalho, senão arrebento com vocês.

— Está bem, seu diabo. Não sei o que é que está tramando, mas nós iremos — respondeu Zec.

Estava tão concentrado na busca que foi preciso algum tempo para perceber: aquele piloto da Luftwaffe falara em inglês?

FRIO. ESTAVA UM FRIO terrível. Harry afundava nas ondas, balançava como uma rolha, seguido pela mochila presa à correia.

— Isto é mau, meu caro, é mesmo muito mau — disse, puxando a mochila. Então percebeu o barulho de um motor e olhou.

Max voava baixinho, em círculos, abanando as asas.

— Retardado mental — murmurou Harry. — Vai, vai embora, Max, enquanto tens combustível.

A mancha amarela tomara-se enorme, e Harry flutuava mesmo seu centro. Ao ser erguido uma vez mais, viu o Lively Jane quinhentos metros à sua esquerda. Submergiu, emergiu e apareceu o barco salva-vidas.

Ah, como estava cansado. Lutou para se manter à tona e o barco surgiu acima dele. Mãos o alcançaram e içaram-no sobre a amurada. No momento seguinte, estava de joelhos vomitando água salgada.

Molly estava lá, acocorada ao lado.

— Teu rosto está mal. Vamos lá para baixo.

Uma voz soou no rádio: — Ei, já o pegaram?

— Sim, graças a você. Quem quer que seja — disse Zec.

Harry ergueu uma mão trémula.

— Dê-me o microfone. — Agarrou-o. — Max, sou eu.

— Eu te adoro, Harry.

— E eu a ti. Lembra-te, diz à mãe para ter cuidado.

O ME109 deu meia volta, subiu alto no céu sombrio e desapareceu como um espírito no ar.

Um dos tripulantes pegou Harry, e Molly pôs-lhe um braço à volta dos ombros.

— Quem era? — quis saber Zec. — Parecia americano. — Franziu a testa. — De fato, parecia a sua voz.

— Bem, é natural. Era o meu irmão Max, meu irmão gêmeo.

NA ENFERMARIA DA ABADIA, Harry, de roupão, recostou-se, enquanto a injeção de morfina que Molly lhe dera começou a fazer efeito e ela examinava a sua face esquerda.

— Tens de ficar quieto enquanto te costuro. Dez pontos devem bastar. Vais ficar com uma cicatriz interessante, Harry. As meninas vão adorar.

— Vai passear — disse Harry.

— Não faço questão de ir passear. Agora, cala-te e fica quieto.

A porta abriu-se, e Munro espreitou.

— Posso fazer-vos companhia?

— Veja e aprenda — disse Harry. — Grant e o coronel Jobert conseguiram voltar?

— Claro, e já seguiram para Londres.

— O coronel ficou pasmo. Disse que você era um herói *extraordinaire* e pretende pedir a De Gaulle que o faça Cavaleiro da Legião de Honra.

— Ai, não — resmungou Harry.

— Prepare-se. Acabei de falar com Teddy West e forneci-lhe todos os detalhes. Ele disse que vai propor que lhe seja atribuída de imediato uma faixa para a sua DSO. Está orgulhoso de ti, Harry. — Munro dirigiu-se à porta e abriu-a. — E eu também. Estamos do seu lado. Nós nos vemos tarde.

— Vês? — disse Molly enquanto terminava o último ponto. — Ages sempre como se estivesses sozinho, mas não é verdade. Hoje, tiveste Max e Zec, Munro e West.

— E a ti.

Antes que ela pudesse responder, a porta abriu-se e entrou Julie.

— Como está o menino maravilha?

— Dez pontos e está como novo. Exceto o uniforme.

— Vamos ver o que há na despensa — disse Julie.

Harry e Molly seguiram-na. Ao fundo do corredor, Julie abriu a porta e entrou. Era uma gruta de Aladim: pistolas, armas automáticas expostas em fila numa enorme mesa, uniformes britânicos e alemães, trajes civis franceses.

— Dá-lhe só uma camisa bonita e confortável e umas calças largas — disse Molly. — Uma refeição decente. Depois, vou aconchegá-lo na cama.

Julie encolheu os ombros.

— Serve-te, Harry. Há de tudo: roupa interior, camisas, sapatos e meias.

— Vejo-o na biblioteca.

Molly seguiu Julie. Desceram até a cozinha, onde Julie começou a tratar da refeição.

— Posso ajudar? — perguntou Molly.

— Não precisa. — Julie foi ver o frango no forno. — Ele não é para ti, chérie — comentou sem se virar.

— Ele não é para ninguém — assentiu Molly.

— Então, para que perder tempo? Ele já devia ter morrido há muito.

— Estamos em guerra, Julie. Aproveita-se o que se pode. Só que eu não tenho muita escolha.

MAIS TARDE, NA CAMA, de cortinas fechadas, Harry estava recostado numa almofada a fumar um cigarro. A porta abriu-se silenciosamente, e, momentos depois, Molly enfiou-se na cama ao lado dele.

— Grant vai voltar com o Lysander ao fim da tarde.

— Ótimo. — Harry colocou um braço à volta dela.

— O que é que nos vai acontecer, Harry?

— Quem sabe? — respondeu, apertando-a na escuridão silenciosa.

EM LONDRES, dois dias depois, novamente alojado no apartamento de Munro, na Haston Place, Harry apanhou um táxi para o Hospital Guy para uma consulta marcada por Molly. Apresentou-se na recepção, e a enfermeira conduziu-o a uma sala de operações onde se encontrava Molly de bata branca. Ora cá está ele. — Arrancou-lhe a fita adesiva do rosto num movimento ágil e examinou-lhe atentamente o ferimento. Estava cicatrizando bem,

por isso não lhe fez outro curativo, limitou-se a aplicar um antisséptico.

— E agora? Tens tempo para almoçar? — perguntou Harry.

— Na verdade, estou disponível, mas tive um telefonema do meu tio a dizer-me que te quer no apartamento. West, o vice-marechal da Aviação, quer falar contigo.

Na Haston Place, subiram as escadas até o apartamento, e quando Molly tocou à campainha, foi Jack Carter quem abriu a porta e deu um aperto de mão a Harry.

— É agradável vê-lo inteiro.

Ouviram-se gargalhadas na sala, e Carter conduziu-os até lá, onde depararam com Munro e West e um major-general americano. A grande surpresa era o general Eisenhower, sentado no banco da janela.

Molly dirigiu-se ao major-general e deu-lhe um beijo.

— Olá, pai.

Eisenhower levantou-se e estendeu a mão.

— Comandante, o senhor é extraordinário. Já conhece o pai de Molly, Tom Sobel?

Sobel era de estatura média, com bigode e cabelo pretos. Tinha um aperto de mão firme.

— É uma honra conhecê-lo, meu caro.

— Muito bem, agora que acabaram as apresentações, vamos ao serviço. Eu lhe dei uma semana — disse Eisenhower a Harry.

— Eu já lhe disse o que penso, general.

— Escute-me — disse Sobel a Harry. — Você tem servido a RAF magnificamente, mas chegou a hora de vestir o uniforme do seu país.

Fez-se silêncio. Depois, Ike insistiu: — Posso transformar meu pedido numa ordem direta.

Foi West quem interrompeu delicadamente: — O acordo é que quem quer que começasse um turno operacional com a RAF acabaria esse turno. Creio que o comandante Kelso ainda está muito longe do fim do seu turno.

Eisenhower olhou-o penetrantemente.

— Muito bem, diga-me o pior.

— O comandante Kelso começou recentemente um turno junto da nossa mais importante esquadrilha de operações especiais. Faltam-lhe cinquenta e nove missões. Algumas delas, meu general, incluem transportar o senhor de avião nos seus deslocamentos.

Eisenhower olhou fixamente para West durante um longo momento. Depois, desatou a rir, e até Sobel sorriu.

— Sua raposa manhosa — disse Ike. — E o senhor, brigadeiro. Muito bem, ganharam, mas quero-o de uniforme americano hoje. Virou-se para Harry. — É uma ordem, coronel.

— Na verdade, já está tudo tratado, meu general — riu-se Munro.

— O vice-marechal West e eu conversamos com o alfaiate do comandante Kelso em Savile Row ontem. Concordaram em apressar o trabalho. Como sabe, ele tem que estar no Hotel Connaught às três para receber a Legião de Honra das mãos do general De Gaulle.

— Oh, não — gemeu Harry.

— Depois, amanhã de manhã, às onze, no Palácio de Buckingham para a sua segunda DSO.

Eisenhower sorriu e disse a Harry: — Pelo que lhe toca, parece-me que é tudo.

— Se tens tempo — pediu Munro a Molly —, vai com ele a Savile Row. Nós o queremos impecável para o general De Gaulle. Ele é muito esquisito.

— Podem ir todos se jogar no mar — disse Harry, e saiu com Molly à perna.

— Tome conta dele, doutora — gritou Ike.

QUANDO HARRY saiu de Savile Row, vestia calça bege e túnica de campanha marrom, como muitos oficiais da Força Aérea Americana, com as asas de prata de piloto no peito à esquerda, sobre as medalhas. Do lado direito, ostentava as asas da RAF

— Estás uma beleza — disse Molly. — Terrivelmente elegante. Olhou o relógio e deu-lhe o braço. — Temos de nos apressar.

Chegaram ao Hotel Connaught e esperaram na recepção por um jovem capitão francês.

— Coronel Kelso? — Olhou, incerto, para Molly. — A moça está com o senhor?

— Está, por ordens do general Eisenhower. Esta é a Dra. Molly Sobel.

— Ah, compreendo. — O capitão fez-lhe o seu sorriso mais encantador. — Tenham a gentileza de me seguir. — Enquanto subiam as escadas, acrescentou: — O coronel Jobert espera-o na suíte para lhe agradecer pessoalmente.

Quando chegaram à suíte, o capitão abriu a porta e guiou-os. De Gaulle estava sentado ao lado de uma mesinha de café junto à janela, e havia uma caixa de couro em cima da mesa.

Jobert, de uniforme, encontrava-se ao lado dele e avançou rapidamente, abraçando Harry.

— Hei de lembrar-me toda a vida do seu heroísmo, pois salvou-me a vida.

— Deixe-me apresentar-lhe a Dra. Molly Sobel. Ela está aqui a pedido do comandante supremo.

— Excelente. — Jobert virou-se para De Gaulle, que acendia um cigarro e parecia indiferente a todo o processo. — Com a sua permissão, meu general!

O general De Gaulle acenou com a cabeça, e Jobert abriu a caixa, retirou a insígnia de Cavaleiro da Legião de Honra e prendeu-a na lapela de Harry. Beijou-lhe ambas as faces, deu um passo atrás e fez continência.

— A República lhe agradece, coronel, mas agora vai dar-nos licença — disse De Gaulle. — Temos muito que fazer.

Harry fez-lhe uma continência breve. O capitão abriu a porta, Molly e Harry saíram, dirigiram-se às escadas e desataram a rir às gargalhadas.

— A República lhe agradece — disse Molly com voz grave. — Aquele homem não gosta de ninguém. Nem sequer ficou agradecido.

Harry tentava retirar a medalha.

— Esta coisa está presa.

— Deixa que eu faço isso. É muito bonita. Dá-me a caixa. — Voltou a colocá-la dentro, fechou a caixa e deu a Kelso.

— Fica com ela — disse Harry. — Como souvenir. Afinal, vou receber outra no palácio amanhã. Vem comigo? Posso levar convidados.

— Adoraria, Harry. Mas vou deixar-te. — Deu-lhe o braço ao chegarem ao passeio.

Um táxi encostou para uma pessoa sair, e ela fez-lhe sinal. — Estão à minha espera no hospital, e o turno da noite costuma arrastar-se até tarde. — Deu-lhe um beijo na face, entrou no táxi e partiu.

NA MANHÃ seguinte, na Haston Place, Harry entrou na sala perfeitamente fardado para a ocasião.

— Ora, estás muito bonito — disse Munro. — Mas há más notícias na frente médica. Molly não pôde vir.

— Ai não? — Harry encolheu os ombros. — É bem feito por me apaixonar por uma médica. O melhor é ir andando.

Vestiu uma capa e saiu. Fumou um cigarro e passeou ao acaso, consciente da sua solidão, o que o fez pensar em Max e no duelo sobre o mar. Max já devia ter contado à mãe àquela altura. Com certeza que o teria feito, e isso o fez pensar em Elsa. Ela adoraria ir ao palácio. Fez sinal para um táxi.

— Palácio de Buckingham — disse.

CHOVIA TORRENCIALMENTE quando saiu pelos portões do palácio. O guarda de serviço fez-lhe continência, que Harry retribuiu, e nesse momento apareceu um carro de serviço. Era Munro. Harry jogou-se lá dentro e fechou a porta.

— Tentei vir mais cedo — disse Munro. — Mas fiquei preso no Gabinete para os Assuntos da Guerra. Então, mostre lá.

Harry puxou a caixa e abriu-a.

— O mesmo de sempre.

— Nunca é o mesmo, Harry. O que é que disse o rei?

— Disse: "Isto está se tornando um hábito", e depois a rainha comentou: "Vejo que mudou de lado."

— Bem, isso foi bonito.

— Quantas pessoas sabem como o Max me salvou?

— Só o meu pessoal, meu caro. Prefiro assim. Nem sequer está mencionado no meu relatório oficial. Saltou de paraquedas, e o Lively Jane salvou-lhe o couro. Fim da história.

A DESTRUIÇÃO dos dois ME109 por Harry no Hurricane fora tão instantânea que o controlador aéreo em Fermanville nem percebeu o que acontecera, e o canal secundário não era controlado, o que significava que a conversa de Max com Harry e Zec Acland não fora gravada. No regresso, a sua história foi simples. Tinham feito uma busca de limpeza; seus dois camaradas haviam feito o primeiro contato. Ele os viu caírem, assim como o Hurricane. Não fez qualquer menção ao Lysander.

A história foi aceita. Afinal, quem pensaria em questionar o Barão Negro?

De regresso a Berlim, descobriu que Elsa estava na casa de campo e foi até lá de carro. Como habitualmente, ela ficou radiante por vê-lo e fez um grande espalhafato.

— Não, Mutti. Por favor, escute só: tenho uma coisa para lhe contar.

Quando terminou, ela ficou ali sentada, estupefata.

— Oh, meu Deus, que milagre!

— Sim. Ele sobreviveu, e é só isso que importa, mas o que ele disse sobre Himmler... o que acha?

— Como ele podia saber?

— Só posso tentar adivinhar. Ele estava protegendo um avião Lysander, que recolhe e larga agentes aliados na França. Isso significa que está destacado numa esquadrilha de operações especiais, o que quer dizer espionagem.

Pela primeira vez, ela mostrou realmente pânico.

— O que é que eu faço?

— Tenha cuidado, Mutti, muito cuidado. Converse com Göring, trate bem os outros, e se o Führer falar contigo em qualquer situação, mostre-se deslumbrada pela grandeza dele. É tão simples quanto isso.

— Lamento, Max, lamento muito — disse ela, de lágrimas nos olhos.



— Não faz mal, Mutti. Todos nos enganamos. Ajudamos a criar o monstro que agora ameaça devorar-nos.

À NOITE, três dias depois, Bubi Hartmann voou para Wewelsburg num Storch pilotado por si próprio. Um Mercedes com motorista esperava-o. Não sabia por que razão Himmler queria falar com ele. O Reichsführer estava retirado em Wewelsburg há já quase uma semana.

Mandara transformar o castelo num centro para todos os verdadeiros valores das SS. Era igualmente um centro de pesquisa racial. Quando o Mercedes se aproximou, descortinaram -se as torres e a muralha. Brilhavam luzes nas janelas e cintilavam tochas na ponte levadiça. Parecia o cenário de um filme histórico. Aquilo repugnava Bubi.

No hall de entrada, o sargento da guarda pegou o casaco e aliviou-o da sua pistola Walther.

— O Reichsführer está na sala de estar, meu coronel. Precisa que o acompanhe?

Bubi abanou a cabeça e subiu as escadas. O edifício estava todo decorado com bandeiras nazis; até havia suásticas nos tectos. Chegou à sala, bateu e entrou.

Havia uma lareira a lenha, mais bandeiras. Himmler estava sentado atrás da secretária e ergueu o olhar.

— Então, finalmente chegou?

— Nevoeiro em Berlim, Reichsführer. Em que posso ser útil?

— Estive a ver o correio que enviou ontem. O relatório sobre Londres foi o mais interessante.

— Sim, Reichsführer.

— A informação sobre o irmão do barão Von Halder ter abatido dois dos nossos aviões enquanto seguia em missão secreta a serviço de Munro, depois ter saltado de paraquedas e ser convenientemente salvo é um melodrama da melhor qualidade.

— Concordo. — Bubi não conseguiu pensar em mais nada para dizer.

— E agora Kelso é nomeado tenente-coronel da Força Aérea Americana como piloto de operações especiais transportando Eisenhower. Bizarro, não é?

— Penso que sim — disse Bubi, pouco à vontade.

— Mais bizarro ainda: descobri algo que lhe escapou, coronel. O terceiro avião, o que sobreviveu. Estaria interessado em saber quem era o piloto?

Bubi sentiu frio, muito frio, e engoliu em seco.

— Reichsführer?

— Era o barão Von Halder, uma coincidência impressionante. Mas dizem que a vida está cheia delas.

Bubi conseguiu controlar a respiração. — Que deseja o meu Reichsführer que eu faça?

— Ora, nada, coronel, nada mesmo. Há outro assunto que desejo discutir. Recorda-se de que o Führer levantou a questão de um possível assassinato de Eisenhower. Não haveria a hipótese de infiltrarmos um dos nossos? Um especialista treinado?

— Acho que não, Reichsführer. Tenho algumas pessoas na Inglaterra, mas não constituem uma rede. Largar um agente desses de paraquedas seria muito arriscado. Não daria certo.

— Sério? Bem, tente pensar em alguma coisa, coronel. Não quero desapontar o Führer.

## 6

PARA HARRY, as coisas entraram numa espécie de rotina. Fazia transporte geral e pilotava para Eisenhower frequentemente no percurso Londres-Southwick. Com a mesma frequência, voava para Cold Harbour com Munro e Jack Carter, e às vezes também com Molly. As coisas começaram a aquecer quando tudo convergia em direção ao Dia D, com Munro a colocar cada vez mais operacionais em França.

O tempo estava bom, e quando Molly se encontrava em Cold Harbour, ela e Harry passeavam na praia, comiam no Enforcado e divertiam-se com Zec Acland e a tripulação do salva-vidas.

Aquilo não podia durar, claro, e um dia, ao aterrar em Croydon depois de trazer dois agentes de regresso a Londres, Harry encontrou uma mensagem que lhe pedia para se apresentar no quartel-general do SOE, na Baker Street. Quando lá chegou, Munro tinha um mapa de grande escala da Mancha em cima da mesa.

— O que há? — perguntou Harry.

— Morlaix, trinta quilômetros para o interior da costa francesa. Uns quarenta e cinco minutos no Lysander. Concordas?

Harry deu uma olhadela rápida.

— Depende do tempo.

— Tenho um agente importante para largar lá à meia-noite. Um trabalho de ida e volta, ninguém para trazer. Vitalmente importante. Um francês chamado Jacaud, chefe da Resistência da região. Está a acontecer muita coisa, e ele tem que lá estar.

— Então, qual é o problema?

— Harry, com tão pouco tempo de aviso, é preciso alguém do teu calibre.

— Não é preciso estar com cerimônias, brigadeiro. Quando parto?

JACAUD não era nada do que Harry esperava. Não media mais de um metro e sessenta, tinha óculos redondos de aros metálicos,

terno de lã e boné; parecia um mestre-escola. Em Croydon conversaram em francês.

— Esta história do senhor e do seu irmão, coronel, se me permite, parece tirada de um romance — disse Jacaud.

— Acho que foi Oscar Wilde que disse que a mais extraordinária das vidas se assemelha a um mau romance — disse Harry.

— Termos como o bem e o mal significam muito pouco no meu tipo de vida. — Jacaud acendeu um cigarro Gitanes. — O tempo vai estar bom segundo as previsões de Cold Harbour?

— Excelente.

Nesse momento, um carro de serviço encostou, e Munro e Jack Carter desceram.

— Ali, aí estão vocês — cumprimentou Munro. — Desculpem a demora, decolamos já, se estiver de acordo, Harry.

— Com certeza, brigadeiro. Pronto para partir.

— Mensagem de Molly — disse Carter. — Ela queria despedir-se, mas há as habituais emergências no Guy. Sabe como é.

— Ela se preocupa demais — disse Harry. — Vou levá-la ao River Room amanhã à noite. Uma boa refeição, a música certa, quem pode pedir mais?

— Molly, talvez — disse Carter.

— Sim, bem, as mulheres são um mistério. Vamos andando.

HAVIA NUVENS dispersas, um quarto crescente, excelentes condições para voo a baixa altitude. A viagem para França a quatrocentos pés, abaixo da altitude de radar, não trouxe problemas — com Tarquin, como habitualmente, no fundo do cockpit —, até que aconteceu o inesperado.

Subitamente, a bombordo, surgiram duas lanchas-torpedeiras da Marinha Real Holandesa que operavam da Base Naval de Falmouth. Abriram fogo cerrado imediatamente, à metralhadora e canhão.

Harry subiu para o meio das nuvens dispersas e despistou-os. Virou-se para Jacaud e gritou: — Lamento aquilo. Os Holandeses parecem não saber de que lado estão. Hora de chegada prevista dentro de quinze minutos.

Em Fermanville, o controle de tráfego aéreo apanhou Harry na altitude mais elevada, e o controlador alertou a patrulha noturna. Max gozava a sua licença de três dias em St.-Malo quando os três ME09 se elevaram nos céus em busca do seu irmão.

Em Morlaix, a pista de aterrissagem estava claramente demarcada na grama. Harry fez uma aterrissagem perfeita. Jacaud saiu para ir ao encontro das pessoas que corriam na sua direção e bateu com a porta. Harry roncou pela pista e começou a subir; nessa altura, deu-se o desastre.

Surgiram dois MEs e dispararam na pista, onde as luzes continuavam visíveis, e quando Harry ia levantar, o terceiro ME foi atrás dele, metralhando-lhe as asas.

O nariz apontou para baixo, e ele começou a cair. No limite da pista, havia árvores. Harry puxou o manche para trás, mas as rodas bateram nas árvores e instantes depois irrompeu o clarão de chamas na noite.

Jacaud e os seus homens correram em direção ao fogo. Chegaram ao bosque, onde, delineados pelas chamas, viram dois blindados. Um dos homens, um agricultor local chamado Jules, agarrou no braço de Jacaud.

— Unidade Panzer das SS. Não podemos fazer nada.

— Está bem — assentiu Jacaud. Rastejou até o limite do bosque com os outros e ficou a observar.

Harry conseguiu abrir a porta, estendeu a mão para agarrar Tarquin na mochila e, com a jaqueta queimando, engatinhou para o chão. Quando tentou levantar-se, o tornozelo esquerdo recusou-se a aguentar seu peso. Começou a rastejar, arrastando a mochila. Mas a dor no tornozelo era tão intensa que perdeu o controle. E depois apareceram soldados ao seu lado que arrancavam sua jaqueta em chamas.

Os SS levaram Harry para um blindado de transporte de tropas, atiraram-no lá dentro e arrancaram. A essa altura já pouco restava do avião, rapidamente consumido pelas chamas. Quando estas se extinguíram, os homens do grupo de Jacaud se aproximaram.

Jacaud acendeu um cigarro e disse a Jules: — Que homem! Um tipo, Legião de Honra e tudo.

Um dos homens voltou com uma mochila.

— Encontrei isto perto do avião. Uma coisa de doido: é um urso vestido de aviador.

— A sério? — disse Jacaud. — Bem, leva para o moinho.

No velho moinho, havia sacos de grão armazenados por todo lado, e na galeria elevada, uma porta secreta na parede de madeira abria para um quarto nos fundos, o centro de controle da Resistência na área de Morlaix.

Uma jovem aquecia café no fogão.

— O que eu preciso é falar com Cold Harbour, Marie. Deixa isso — disse Jacaud.

— Só posso contatá-los daqui a trinta minutos — respondeu ela. — Temos horário fixo. Até lá, um café fará bem.

— Tens razão, como sempre. — Pegou a caneca que ela lhe estendeu. — Para onde levariam os Alemães um prisioneiro?

— Para o Château Morlaix, bem na saída da aldeia. Os SS apropriaram-se dele para quartel-general.

— Há maneira de entrar lá?

— Só se se pretender cometer suicídio.

Ele acenou com a cabeça. Jules entrou com a mochila, abriu-a e sentou Tarquin na mesa.

— Tem uma etiqueta. Diz: "Mochila de Tarquin."

— Devia ser algum mascote — disse Jacaud.

— Bobagem, é o que eu chamo — disse Jules. — Um urso aviador.

Marie pegou Tarquin.

— É especial. Vê-se logo. Jacaud, posso ficar com ele? A minha filha vai se apaixonar de imediato.

— Por que não? — Jacaud olhou para o relógio. — Mas agora, Cold Harbour.

MUNRO SAIU da sala do rádio, entrou no jipe e foi até o Enforcado. Jack Carter e a tripulação do salva-vidas estavam lá, Julie, atrás do balcão. Munro deteve-se na soleira da porta, mas a sua expressão era reveladora. À medida que iam olhando para ele, deixavam de conversar um a um. Foi Julie quem perguntou: — O

que é que se passa, brigadeiro? Mais tarde, sentado à lareira com Jack e Zec, ele comentou: — Pelo menos, Jacaud se safou. Sei que parece frieza, mas são as regras do jogo. Jacaud é de primordial importância. Concorda, Jack?

— Acho que sim — disse Jack. — Mas, para ser franco, o que me parece de importância primordial é saber quem vai dar a notícia a Molly.

Munro respirou fundo.

— Deixem isso comigo. — Levantou-se e saiu.

NA SALA de estar dos médicos no Hospital Guy, Molly segurava um café e uma sanduíche. Bateram à porta, ela levantou-se e foi abrir, deparando com o pai.

Sorriu.

— Ora, pai, o que o traz por aqui? — E depois o seu sorriso desvaneceu-se. — Diga-me o pior. Não disfarce.

Sentada ali, minutos mais tarde, a fumar um cigarro, expressão perturbada, perguntou: — Então, ele pode estar vivo?

— Pelo que disse Jacaud, o líder da Resistência Francesa, pode, mas, para todos os efeitos, foi uma grande queda.

— Mas ele sobreviveu. — Ela acenou com a cabeça e sorriu, um sorriso estranho e frio. — Se Harry Kelso estivesse morto, eu saberia, pai.

NO CHÂTEAU MORLAIX, Kelso estava bem vivo, deitado numa cama num quarto que os SS haviam transformado em sala de operações, recostado em almofadas a fumar um cigarro. Não tinha qualquer queimadura: isso era o mais incrível, embora o rosto estivesse ferido e o tornozelo doesse terrivelmente. O guarda das SS usava um uniforme Panzer.

A porta abriu-se e um jovem Hauptsturmführer das SS chamado Schroeder, médico da unidade, entrou segurando uma radiografia.

— Tal como eu receava, coronel. Tem uma fratura do tornozelo, mas é uma fratura limpa. O comandante, major Muller, vem a caminho.

— Obrigado, capitão — disse Harry. — O seu inglês é perfeito.

Nesse momento, entrou na sala um Sturmbannführer de uniforme preto carregado de condecorações.

Schroeder pôs-se em sentido.

— Major Muller.

— O que é que se passa aqui? — perguntou Muller em alemão.

— Este é o coronel Kelso, da Força Aérea Americana. Tem o tornozelo quebrado.

— Sim, mas o que é que ele estava fazendo?

— Pilotava um daqueles Lysander que os Ingleses usam para infiltração de agentes. Os nossos ME109 abateram-no quando tentava levantar voo.

— O que significa que largou alguém. Terá que traduzir o que digo.

Talvez fosse mais sensato ficar calado, mas Harry disse em alemão: — Não é preciso, major, o que é mesmo necessário é que me dê uma injeção de morfina e faça alguma coisa com este tornozelo.

Ambos os oficiais das SS ficaram espantados.

— Dou-lhe os parabéns pelo modo como fala a nossa língua, coronel — disse Muller.

— Obrigado, e quanto ao tornozelo? Agi de acordo com a Convenção de Genebra: nome, posto e número de série.

Muller franziu o sobrolho, depois dirigiu-se à cadeira onde se encontrava pendurado o sobretudo de Harry, reparando nas medalhas.

— Meu Deus, coronel. Você tem tido uma guerra interessante.

Pegou uma cigareira de prata, ofereceu um cigarro a Harry e deu-lhe fogo.

— O capitão Schroeder vai tratá-lo imediatamente. Afinal, aqui somos todos soldados. Conversamos mais tarde.

Fez sinal a Schroeder e saíram os dois.

— É um ferimento grave, mas posso tratar — disse Schroeder.

— Tudo o que ele precisar — assentiu Muller.

— Só uma coisa, major — interrompeu Schroeder. — Ainda não informamos o quartel-general da Luftwaffe em St.-Malo de que ele sobreviveu.



— E não o faremos. — Muller estava entusiasmado. — As medalhas do coronel são extraordinárias. Este homem é um grande achado, Schroeder, muito grande.

— Mas, meu major, os regulamentos da Luftwaffe...

— Que se lixem — disse Muller. — Vou enviar uma mensagem ao quartel-general do SD, em Berlim, imediatamente. Vou diretamente ao topo. — Deu uma palmada nas costas de Schroeder. — Trate-o o melhor que puder. — E apressou-se a sair.

TAL COMO muitas pessoas naqueles tempos, no quartel-general da Gestapo, na Prinz Albrechtstrasse, Bubi Hartmann não se dava ao trabalho de ir para casa por causa da regularidade dos ataques da RAF. Tinha uma cama de campanha montada a um canto do seu gabinete. Dormira bem até as 3 da manhã, altura em que a RAF atacou. Meia hora de inferno e depois desapareceram. Levantou-se, salpicou o rosto com água fria e depois foi para a mesa. Começou a ver uns papéis, e um momento depois Trudi entrou. Trazia na mão uma mensagem telegráfica.

— Não sei bem como vais reagir a isto. Avisaste-me para tomar atenção a tudo o que pudesse relacionar-se com o tenente-coronel Harry Kelso. — Mostrou-lhe o papel. — O centro de telegrafia acabou de receber isto. — Depois de ele o ler, ela perguntou: — Vai comunicar ao barão?

— Não posso me dar a esse luxo, Trudi — respondeu ele, abanando a cabeça. — Isto vai para o Reichsführer. Vai chamar uma ordenança.

Depois de ela sair, Hartmann escreveu uma breve nota, colocou-a num envelope com a mensagem e selou-o.

Eram 9 horas da manhã quando Himmler o convocou. O Reichsführer estava junto à janela a olhar lá para fora.

— Outra noite de bombardeio aterrador, coronel, e aquele louco obeso do Göring jurou que se uma única bomba caísse em Berlim comeria o chapéu. Lá se vai a ajuda da Luftwaffe para ganhar a guerra. — Virou-se. — Portanto, cabe-nos ajudar o Führer a realizar a sua gloriosa missão. — Foi até a secretária e pegou o pequeno bilhete. — E isto, coronel, é a nossa oportunidade.

Bubi estava completamente estupefato.

— Reichsführer?

— Às vezes, Deus olha através das nuvens, coronel, e o fez esta manhã. Acabei de encontrar seu assassino.

— Receio não compreender.

— É muito simples. Temos nas nossas mãos um tenente-coronel Kelso, da Força Aérea Americana, gravemente ferido. De acordo com os seus relatórios, ele faz voos especiais para Eisenhower. Por isso, vamos deixá-lo fugir e voar de regresso à Inglaterra, onde na primeira oportunidade se desfaz de Eisenhower.

Por momentos, Bubi ficou convencido de que ele tinha enlouquecido.

— Mas, Reichsführer, por que o faria ele? Além do mais, tem um tornozelo quebrado.

— Mas o irmão não tem — sorriu Himmler. — É impossível distingui-los, ou, pelo menos, foi isso que me disseram. Uma simples mudança de uniforme é tudo o que é necessário. Arranjamos maneira de ele escapar convenientemente de Château Morlaix e de roubar um avião. Volta para casa, e mesmo que não tenha que pilotar para Eisenhower, o bom general há de querer vê-lo.

Bubi Hartmann esforçou-se por compreender tudo isto.

— Mas Reichsführer, para que o barão Von Halder personifique o irmão, terá de saber tudo sobre ele, o que pressupõe que o coronel Kelso e o barão concordariam com o plano.

— Ah, mas vão concordar. Ambos vão concordar, especialmente depois de você prender a mãe deles, o que fará esta manhã. Discretamente, é claro.

Bubi sentia-se agoniado.

— Parece perturbado — comentou Himmler. — Eu pensei que aceitaria de bom grado esta oportunidade de servir o Reich, coronel, pois este tem-no servido bem. De fato, até lhe deu boas oportunidades, para uma pessoa com antecedentes judeus... — Bubi ficou mudo de terror, e Himmler sorriu. — Como pôde imaginar que eu não saberia? A mancha afeta toda a família. Seu pai ainda está vivo, creio, e a irmã dele. E há, é claro, a questão da sua secretária, Frau Braun, uma relação íntima.

Bubi respirou fundo.

— O que deseja de mim?

— Ótimo, sempre admirei o seu pragmatismo. O homem da Embaixada Portuguesa em Berlim, Joel Rodrigues, será transferido para Lisboa hoje, juntando-se ao serviço de correio, transportando malas diplomáticas para Londres. Você encontra-se com ele esta manhã; escreva um relatório para o irmão dele e para Dixon explicando a operação e dizendo-lhes para esperarem o barão numa questão de dias. Amanhã, Rodrigues segue de avião para Londres com a habitual mala diplomática. Não vejo como podemos falhar. E você?

A boca de Bubi estava seca. Tossiu.

Concordo, Reichsführer.

A PRIMEIRA COISA que Hartmann fez foi dizer a Trudi para contatar Joel Rodrigues e o mandar chamar imediatamente. Depois, disse-lhe que se apresentasse com o bloco de estenografia. Ditou uma carta de instruções para Fernando Rodrigues e Sarah Dixon, o projeto em pormenor, como Himmler o havia descrito.

Quando terminou, Trudi ficou sentada ali, rosto pálido.

— Que suíno! E vais para a frente com isto?

— Não tenho outra hipótese. Há sangue judeu na minha família. Pensei que ninguém soubesse, mas ele sabe. O meu pai está sob ameaça, a minha velha tia também. Até tu, como minha secretária.

Ela ficou ali sentada a olhá-lo fixamente.

— Passa a carta à máquina — prosseguiu Bubi. — Depressa. Depois, descobre onde está Max e manda preparar um avião para mim. Pilotá-lo-ei eu próprio.

No Adlon, Elsa estava sentada à lareira a ler uma revista quando Rosa conduziu Bubi Hartmann à suite. Elsa deu-lhe a mão a beijar.

— Que surpresa, coronel.

— Trago-lhe notícias muito sérias, baronesa. O seu filho, o coronel Kelso, foi abatido numa missão na noite passada. Encontra-se agora nas nossas mãos.

— Ele está bem? — perguntou ela calmamente

— Tem um tornozelo partido. Está num sítio chamado Château Morlaix, na Bretanha.

Tenho ordens para ir até lá interrogá-lo.

— Max sabe disso?

— Não, mas será informado. Himmler deu-me permissão para a levar comigo se o desejar.

— Posso levar a minha criada?

— Naturalmente. Mando um carro vir buscá-la dentro de uma hora.

— Colocou o boné, fez continência e saiu.

Enquanto Rosa fazia as malas à pressa, Elsa contou-lhe a conversa.

— Seria estranho, baronesa — disse Rosa —, talvez vir a ver ambos os seus filhos juntos.

— Já se passou muito tempo desde que isso aconteceu, muito tempo. — Elsa colocou as suas jóias na caixa habitual. — Põe isso na minha mala de mão grande. Ah, e isto. — Retirou uma pistola Walther PPK de uma gaveta, verificou-a com minúcia de especialista e enfiou-a na mala de mão. Sorriu serenamente. — É melhor estarmos preparadas.

EM FERMENVILLE, Max tomava uma bebida na messe dos oficiais ao princípio da noite quando Bubi entrou. Max pediu desculpa, afastou-se de um grupo de oficiais e foi cumprimentá-lo.

Bubi. — Depois, franziu a testa. — Há algum problema?

— Anda ali para o canto. Precisamos de privacidade — disse Bubi.

— O que é que se passa? — perguntou Max. Bubi mandou o criado embora.

— Conheces Château Morlaix, a uns sessenta quilômetros daqui?

— Claro. Há lá uma estação de abastecimento da Luftwaffe.

— Aterrei lá hoje ao princípio da tarde. Vim de Berlim num Storch com a tua mãe e a criada dela.

— Ela está presa? — perguntou Max, ansioso.

— Não do modo como pensas. Lê isto, Max. — Tirou uma carta do bolso e deu-a a Max. Era papel de qualidade, e o cabeçalho

estava impresso em preto:

*DER REICHSFÜHRER — SS*

*Berlim, Abril de 1944*

*O portador age sob as minhas ordens pessoais em assunto da maior importância para o Reich. Todo o pessoal, civil e militar, deve ajudá-lo do modo que ele achar apropriado.*

*Heinrich Himmler*

Estava assinada pelo Führer. Max devolveu-a.

— Bubi, o que há? Ovi dizer que uma unidade Panzer das SS havia tomado o Château Morlaix.

— Sim, sob as minhas ordens diretas. Um anel de aço.

— Por causa da minha mãe? Fale, Bubi.

— Não, por causa do teu irmão.

— Harry, no Château Morlaix? — Max empalideceu. — O que é isto? Himmler não é do tipo de proporcionar reuniões de família. O que é que ele quer?

— Mais tarde, Max, Mais tarde. Se puderes ir buscar as tuas coisas, vamos embora.

## 7

Em MORLAIX, Harry estava reclinado na cama, folheando uma revista, com a perna esquerda engessada em cima de uma almofada, quando a porta se abriu.

— Coronel, tenho aqui a sua mãe — disse o maior Muller. Elsa entrou no quarto, e Muller retirou-se, fechando a porta. Harry fitou-a e sorriu.

— Meu Deus, Mutti, não envelheceu nada. É incrível. — Largou a revista e estendeu os braços, e ela correu para ele.

Posteriormente, com a mãe sentada ao lado da sua cama, ele perguntou:

— Então, não faz ideia do que se passa aqui? Ela abanou a cabeça.

— Já te contei tudo o que sabia... Bubi Hartmann, Himmler. Max, é claro, contou o teu aviso quando caíste ao mar. Onde é que obtiveste a informação?

— Faço voos especiais para os Serviços Secretos Britânicos. As pessoas com quem lido têm contatos em Berlim.

— Compreendo. — Ela acendeu um cigarro. — Então, não casaste?

— Mutti, ainda só tenho vinte e cinco anos.

— O teu pai tinha vinte e dois quando se casou comigo.

— Bem, tenho andado muito ocupado.

Ela assentiu com a cabeça.

— Há alguma moça na tua vida? Alguém decente?

— Talvez. A mãe dela era inglesa, e o pai é um general americano. Ela é uma cirurgiã brilhante.

— Parece promissora. Estou impressionada.

— Não fique, Mutti. Ela merece o melhor.

Antes que ela pudesse responder, a porta abriu-se e apareceu Bubi.

— Outra visita, meu coronel. — Afastou-se e deixou entrar Max.

O JANTAR foi servido na magnífica sala de jantar do château. Harry foi levado para baixo numa cadeira por duas ordenanças das SS. Muller, Schroeder e dois jovens tenentes juntaram-se ao grupo.

A comida estava excelente: sopa de tartaruga, carneiro assado na perfeição, uma salada excelente, bom champanhe e um ótimo vinho tinto de antes da guerra.

— Tenho que admitir que as SS sabem fazer bem as coisas, major Muller — disse Elsa.

— Qualquer outra coisa para a senhora seria totalmente inaceitável, baronesa — respondeu ele galantemente, e ergueu o copo. — Ao coronel Kelso e ao barão Von Halder, irmãos de armas.

Todos se levantaram, exceto Elsa e Harry, e brindaram.

— E agora, major, se nos dá licença — disse Bubi.

— Com certeza, coronel.

Depois de Muller e seus oficiais saírem, Max perguntou: — Muito bem, Bubi, qual é a jogada?

Bubi estava de pé junto à lareira.

— Todos acham que o problema em relação à invasão é descobrir onde os Aliados atacarão. O Führer não concorda, acha que devíamos reunir os nossos esforços em algo que valha mesmo a pena. — Fez uma pausa. — Como assassinar Eisenhower.

Ficaram todos espantados.

— Mas isso é uma loucura — disse Max.

— É, mas infelizmente Himmler concorda com ele. Através dos meus agentes em Londres, coronel Kelso, eu sei tudo sobre o brigadeiro Munro, o major Carter, Cold Harbour e o SOE, na Baker Street. Sei que tem uma amiga, a Dra. Molly Sobel, cujo pai é um general a serviço de Eisenhower. Sei que transporta Eisenhower frequentemente como piloto. O fato de ter caído em nossas mãos levou o Führer a conjecturar um projeto, na sua opinião, brilhante.

Fez uma pausa, e Max pediu: — Continua, Bubi.

— É mais ou menos assim. O coronel Kelso foge, rouba o Storch da pista de aterrissagem e regressa, sendo recebido como herói. Eisenhower desejará vê-lo. Mesmo que não queira, é certo que ele

transportará o general em alguma ocasião. No momento certo, vai assassiná-lo.

Fez-se um profundo silêncio; depois, Harry desatou a rir às gargalhadas.

— E como vou conseguir fazer tudo isso de muletas?

— Não será o coronel — respondeu Bubi. — Será Max.

— Oh, meu Deus! — exclamou Elsa.

Max bebeu um gole de vinho e pousou o copo.

— E por que faria eu tal coisa? Sou piloto de caça, Bubi. Não sou assassino.

Bubi veio até a mesa e serviu mais vinho, consideravelmente perturbado.

— Sou apenas um moço de recados. Tenho a faca de Himmler na minha garganta também. Isto não é obra minha.

— Muito bem. Conta o pior — disse Max.

— A baronesa, lamentavelmente, tem convivido com o grupo de amigos completamente errado. Dezoito presos, dez executados, dois deles mulheres. Chama-se culpa por associação. Se vocês dois não cooperarem, pior para ela.

Elsa atirou-lhe vinho no rosto.

— Porco!

Max levantou-se de um salto e agarrou-lhe os braços.

— Mãe, não seja tola. Ele tem tantas hipóteses de escolha como nós.

— É ridículo — disse Harry. — Para fazer isso, precisa da minha cooperação. Precisa da minha vida em pormenor, da minha namorada Molly, dos meus amigos em Cold Harbour. — Abanou a cabeça. — Não o farei.

Bubi limpou o rosto, e Max pediu: — Dá-nos algum tempo.

— Até amanhã de manhã — disse Bubi. — É o melhor que posso fazer.

ELSA RETIRARA-SE, e as ordenanças das SS levaram Harry para o quarto e ajudaram-no a deitar-se. Pouco depois, a porta abriu-se, Max entrou e disse: — Duas sentinelas. Estão a tratar-te muito bem — disse em inglês.



— Gosto do uniforme — disse-lhe Harry. — Ficas muito elegante. Max foi até a

cadeira onde estava pendurado o casaco de Harry e examinou as medalhas.

— Tu também não andas a dormir na forma. — Puxou de uma cadeira e tirou a cigarreira. — Então, cá estamos nós, maninho, juntos de novo. — Deu um cigarro a Harry e ofereceu-lhe fogo. — A única coisa que falta é Tarquin. Como está o nosso velho amigo?

— Nem me digas nada. Acompanhou-me em todas as minhas missões.

— O que aconteceu desta vez?

— Fui derrubado. Bati numas árvores ao cair.

Harry encolheu os ombros.

— O Lysander quebrou no meio e incendiou-se. Lembro-me de agarrar a mochila quando me atirei do avião, mas tinha a jaqueta em chamas. Quando os rapazes das SS me arrastaram para longe, o Lysander explodiu.

— E Tarquin também?

— Ao que parece. Era o meu amuleto. Agora desapareceu.

— Não digas disparates. Tu eras o teu próprio amuleto: um grande piloto. — Max sorriu. — Quase tão bom como eu. Vou pedir a Bubi que mande uns homens procurarem.

— Falando em Bubi, onde exatamente ele se encaixa nisto tudo?

— Ah, voamos juntos em França nos velhos tempos. — Max contou-lhe a história e concluiu: — O que ele disse é verdade. Ele está nas mãos de Himmler tanto quanto nós. — Foi até a janela e olhou.

— O que vem agora? — perguntou Harry.

— Não sei. Veremos o que ele tem para dizer amanhã.

— Queres dizer que serias mesmo capaz de ir à frente com isso? Matar Eisenhower?

— Ele não me diz nada. Pertence ao outro lado. Já matei muitas pessoas e tu também. É a guerra. — Max foi até a porta e virou-se: — E essa tal médica, gostas dela?

— Ela me ama. Eu não sei bem o que é o amor. Parece que não tive tempo. Sabes como é?

— Receio bem que sim. — Max abriu a porta. — Até amanhã.

NO AEROPORTO de Lisboa, Joel Rodrigues apanhou o voo da 1 da madrugada para Londres como correio da embaixada. O voo não foi bom. Trovejava, o avião ia superlotado, todos os lugares ocupados, muitas pessoas enjoaram. De qualquer modo, Joel sobreviveu com a ajuda de meia garrafa de brandy que se lembrara de enfiar no bolso.

No Aeroporto de Croydon, entrou numa fila para passar a alfândega e a segurança e apercebeu-se subitamente da presença do irmão do outro lado, a acenar-lhe.

Joel fez-lhe sinal também.

— O passaporte, por favor — pediu o oficial de segurança. Joel entregou-lho.

— Imunidade diplomática. Embaixada Portuguesa.

— Compreendo. — O oficial examinou o passaporte. Com que frequência as pequenas coisas transportam a semente do desastre: Joel cometera uma falta grave que outros, Himmler, por exemplo, deveriam ter previsto. O passaporte tinha carimbos de chegadas e saídas de Berlim.

A BRIGADA ESPECIAL da Scotland Yard estava sempre presente no aeroporto. Por acaso, nessa manhã, o inspetor Sean Riley, um irlandês alto e magro, encontrava-se relativamente perto dali.

O oficial da segurança fez um aceno de cabeça, e Riley deu um passo em frente.

Não pegou no passaporte, apenas lhe deu uma olhadela, viu tudo, ergueu o olhar e sorriu: — Bem-vindo a Londres, Mr. Rodrigues. Joel passou por eles e abraçou o irmão.

Quando se iam embora, Riley fez sinal a um jovem de gabardina coçada.

— Segue aqueles dois até os confins da Terra, Lacey.

— Com todo o prazer — assentiu Lacey, e foi atrás deles.

OS AGENTES dos Serviços Secretos da Grã-Bretanha não têm poderes de detenção. É por isso que trabalham sempre em conjunto com a Brigada Especial. Por acaso, Riley trabalhava para a secção D

do SOE e para o respectivo chefe, Munro. Eram 8h30 quando telefonou para a Baker Street. Munro atendeu, e Riley contou sobre Joel Rodrigues.

— A questão — terminou Riley — é que havia um carro da Embaixada Portuguesa à espera, e o meu rapaz, Lacey, ouviu o motorista chamar Rodrigues ao outro homem também.

— A sério? — perguntou Munro. — Mais alguma coisa?

— Sim. Pararam num apartamento em Kensington Gardens e depois seguiram para a embaixada. Lacey regressou e foi saber informações sobre o apartamento. Está em nome de um tal Fernando Rodrigues. Já me informei acerca dele: é adido comercial.

Munro suspirou.

— São sempre, Sean, mas acho que este é dos bons. Os carimbos de Berlim no passaporte são o mais importante. Quero vigilância total: fotografias, tudo.

— Vou tratar disso, brigadeiro.

O DESJEJUM em Morlaix foi um assunto privado. Harry conseguiu descer as escadas com ajuda das muletas e sentou-se numa ponta da mesa. Comeram em silêncio: ovos mexidos com bacon, torradas, café excelente. Por fim, Bubi olhou para o relógio.

— São nove e meia. Volto às dez. Espero uma resposta. — E saiu.

— Ele pode ir para o inferno — disse Elsa em inglês, e acenou à ordenança, que lhe serviu mais café.

— Não é assim tão fácil — disse Max.

— Lembra-te de quem és, Max: barão Von Halder, o Barão Negro, o maior ás da Alemanha. O que é que podem fazer-te?

Max abanou a cabeça.

— Ainda não entendeu, não, Mutti? Nas mãos de pessoas como Himmler, nós não somos nada.

— Ele tem razão. Estamos metidos numa bela enrascada — concordou Harry.

— Querem dizer que iriam avante com essa ideia ridícula? — disse Elsa. — Estou desesperada com vocês dois. — Levantou-se.

— Mutti, temos de pensar em você — declarou Max. Ela recompôs-se.

— Sou Elsa von Halder. O Reichsmarschall Göring é meu amigo. Não se atreveriam a tocar-me. — Saiu como um navio de vento em popa, batendo com a porta atrás de si.

NA SALA DE ESTAR, Bubi supervisionava a montagem de uma câmara de projeção de dezesseis milímetros. Mandou sair a ordenança que o ajudara, tirou um rolo de filme de uma lata e cuidadosamente enfiou-o no projetor.

— Muito bem, Bubi, o que é isto? — quis saber Max. Estava de pé junto à janela, e Elsa e Harry ocupavam o sofá .

— Eu diria que é muito cedo para se ver um filme — disse Elsa.

— Antes de começarmos, deixem-me repetir que estou apenas a obedecer a ordens. Não tenho qualquer voto na matéria — disse Bubi.

Nesse momento, ouviu-se o ronco de um avião nos ares, efetuando a aproximação para pousar. Bubi olhou pela janela. Não era possível, e no entanto, no seu íntimo, ele sabia que era.

— Esperem aqui — disse, e saiu. Só dez minutos depois a porta voltou a abrir-se.

Bubi Hartmann vinha à frente, seguido pelo Reichsführer Himmler, de uniforme preto e boné, os olhos brilhando por trás dos óculos de aros metálicos.

— E então, Hartmann, o assunto já está resolvido?

— Receio que não, Reichsführer.

— Tal como eu receava. Então, vamos continuar. — Virou-se para Max, Harry e Elsa. — O coronel Hartmann disse que já explicou o objetivo da sua presença aqui. Parece que estão se fazendo de difíceis.

— Não pode tratar-me assim — disse Elsa, orgulhosa até o fim, à beira das lágrimas. — Sou a baronesa Von Halder e ...

— A senhora é uma traidora do Reich — contrariou Himmler tranquilamente. — Muitos dos seus malditos colegas já pagaram o preço da traição. Se fosse à minha maneira, a senhora teria ido pelo mesmo caminho. Porém, a senhora serve para um objetivo.

Max levantou-se. — Maldito!

— A conspiração contra o Führer tem apenas uma sentença: morte por enforcamento com corda de piano, devendo a execução ser filmada como registro para, digamos, encorajar os outros? — Acenou a Bubi, que ligou o projetor.

O filme era absolutamente terrível, uma desgraçada vítima após outra trazida pelos guardas das SS, todas as insígnias arrancadas dos uniformes. Com um nó de corda de piano à volta do pescoço. As últimas convulsões eram pavorosas de se ver. Especialmente angustiante foram as execuções das duas mulheres, uma das quais aparentava pelo menos setenta anos.

Quando o filme terminou, o silêncio era de estupefação. Subitamente, Elsa teve um espasmo, levantou-se, foi até a lareira e vomitou.

Foi Himmler quem falou primeiro: — Deploro qualquer tipo de violência, mas quando confrontado com traição, o Terceiro Reich tem de se proteger. Todos os traidores têm de aceitar a mesma punição. — Virou-se para Max e Harry. — No seu caso, têm a oportunidade de prestar um grande serviço. Em troca, a vida de sua mãe será poupada. Se insistirem em ser difíceis,,, — Encolheu os ombros.

Elsa arrastou-se de volta ao sofá, de lenço no rosto, e Himmler olhou para Max.

— Pretende ser sensato, barão, creio eu.

— Sim, raios o partam! — respondeu Max.

Himmler olhou para Harry.

— E o senhor, coronel?

Harry manteve-se calado, lívido. Himmler inclinou-se um pouco e falou baixinho: — Quase nem preciso salientar que, se a sua mãe tem de pagar o preço final, também o barão Von Halder pagará. Vai sacrificar a ambos, coronel?

— Seu reles canalha — disse Harry, mas Himmler percebeu que tinha vencido.

— Excelente. — Himmler virou-se para Bubi. — Vou andando. Deixo este assunto nas suas mãos competentes, coronel.

Fez um aceno de cabeça e saiu da sala. Elsa soluçava em silêncio, enquanto Max acendia um cigarro e Harry olhava fixamente

para a parede.

— Achas mesmo que sou capaz de fazer isso, Bubi? — perguntou Max.

— Com a ajuda do teu irmão. Tens vinte e quatro horas.

— Seu porco! — disse Elsa. — Como pode participar disto?

— Já disse, Himmler pôs a faca na minha garganta — explicou Bubi. — Sou parcialmente judeu, Achei que ele não sabia, mas aquele diabo sabe tudo.

— Lamento muito — disse Max com genuína compaixão.

— Também eu, mas agora estamos presos — disse Bubi, e respirou fundo. — Vamos por partes. Temos de fazer alguma coisa em relação a teu rosto.

— Meu rosto?

— Sim. Teu irmão tem uma cicatriz bem à vista na bochecha esquerda. Vamos ter de tratar disso. Depois, Schroeder fala contigo.

— Vamos começar com isso, então — disse Max, e deixou que Bubi fosse à frente. Quando os outros já se tinham afastado um pouco, pôs a mão no braço de Harry: — Havemos de arranjar solução, mano.

Harry acenou sombriamente.

O DR. SCHROEDER preparou uma seringa.

— Isto é um anestésico local que lhe vai paralisar o rosto durante duas horas.

Max estremeceu quando a agulha lhe entrou na face.

— E agora?

Schroeder examinou a face esquerda de Harry.

— Um bom trabalho e relativamente recente. Tenho razão?

— Sim.

Schroeder virou-se para Max. — Digamos que bateu com o rosto na queda, provocando uma contusão no lado esquerdo. Como a cicatriz do seu irmão é recente, é razoável concluir que os pontos podiam ceder.

— Se assim o diz. — Subitamente, Max deixou de sentir o rosto.

— Seria então necessário suturá-la de novo — concluiu Schroeder, e acenou com a cabeça. — Que é o que eu vou fazer.

- Mas ele não tem cicatriz — disse Harry.
- Certo, mas em breve terá.

ELSA ficou horrorizada ao ver o rosto de Max.

— O que é que te fizeram? — perguntou-lhe quando se sentaram para almoçar.

— Tem de ser, Mutti. Harry tem uma cicatriz, por isso eu tenho que ter uma cicatriz.

A mãe ficou fora de si.

— Mas teu rosto lindo. — Virou-se para Bubi. — Ouça, estive pensando numa coisa. Mesmo que isto dê certo, mesmo que Max faça o que se preparou para fazer, como ele escapará?

Servindo-se de batatas, Bubi replicou: — Bem, ele tem acesso ao avião. Pode muito bem regressar nele.

— E se não conseguir?

— Temos agentes em Londres na Embaixada Portuguesa. Havemos de arranjar uma passagem para Lisboa de barco.

— Passagem para Lisboa? — gritou Harry. — Com todas as fronteiras fechadas devido à morte de Eisenhower?

Fez-se uma pausa. Elsa olhou-os fixamente.

— Queres dizer que vai levar avante esta loucura?

— Não vejo que tenhamos alternativa, Mutti. Estou pensando em ti.

— Não — gritou ela. — Não atires as culpas para cima de mim. Não admito.

Levantou-se e correu. Na sua suite, Elsa sentou-se no banco da janela a fumar um cigarro nervosamente e contou tudo a Rosa Stein.

— Mas com o Reichsführer Himmler com controle total, o que se pode fazer? — perguntou Rosa cuidadosamente.

— Eu vou a Berlim. Vou apelar ao Führer.

— Baronesa, tenho de lhe dizer umas coisas: em primeiro lugar, estamos aqui prisioneiras, por isso Berlim está fora de questão; em segundo lugar, o Führer escuta Himmler, e não a senhora. — Abanou a cabeça.

Elsa ficou a olhá-la.

— Tem que haver qualquer coisa que eu possa fazer.

Rosa fitou-a tristemente.

— Não, não há nada que possa fazer.

Bateram à porta. Elsa foi abri-la. Bubi e o major Muller entraram. Ela olhou-os friamente. Bubi respirou bem fundo.

— Lamento dizer-lhe que, por ordem direta do Reichsführer Himmler, será transferida para o pavilhão de caça no outro extremo da propriedade.

— Recuso-me a ir. — Elsa levantou-se com ar desafiador.

— Então, tenho instruções para levá-la de volta a Berlim, à força se necessário.

Nessa altura, ela pareceu envelhecer e sentou-se.

— Não, vocês ganharam. Eu vou, mas será que posso ver os meus filhos? Uma última vez?

— Depois de Max ir embora, poderá ver Harry. É o melhor que posso arranjar.

Bubi virou-se para Muller. — Cuide da baronesa, major.

— Com certeza, meu coronel.

Lá fora, no corredor, Bubi acendeu um cigarro com as mãos trêmulas, os pensamentos cheios de desprezo por si próprio.

— Aonde tudo isso vai acabar? — murmurou. Foi até a biblioteca, onde Harry e Max viam fotografias.

— Aqui sou eu e Molly em Cold Harbour — dizia Harry.

— Muito bom. Ela parece simpática.

Bubi, que tomava notas, disse: — Tenho arquivos de Berlim. Vejamos o que é preciso: pormenores sobre a Dra. Sobel, Cold Harbour, Eisenhower e o seu quartel-general em Southwick. Suspirou. — Temos um longo dia à nossa frente, senhores.

Sombriamente, os irmãos mergulharam no trabalho.

O PAVILHÃO DE CAÇA era bastante confortável. A sala de estar tinha uma lareira e tecto com vigas de madeira, e havia outra lareira no quarto maior. Rosa abriu as malas, e Elsa deambulou de quarto em quarto, incapaz de se acalmar.

Havia um armário de bebidas na sala. Tomou um grande brandy, mas em vez de a acalmar, isso pareceu deixá-la pior. Voltou lá acima



ao quarto. Rosa estava a abrir as malas pequenas, colocando as jóias em cima da cômoda. Pegou na Walther PPK.

— Onde ponho isto, baronesa?

Elsa estendeu a mão e disse: — Eu arrumo.

Voltou para o andar de baixo e colocou a Walther no sofá ao seu lado. Max era como se já estivesse morto, e a seguir acabariam com Harry, e tudo por causa dela: ela era a única razão para os filhos fazerem aquilo. Ela sabia qual era seu dever.

— Rosa, vem cá.

Rosa apareceu instantes depois.

— Sim, baronesa?

— Telefona para o chateau. Pede ao coronel Hartmann que venha aqui imediatamente.

O pavilhão tinha um homem na entrada e havia guardas na vizinhança. Espreitando pela janela, Elsa viu o carro chegar, foi para o sofá e sentou-se. Havia escondido a Walther entre as almofadas e chamou Rosa.

— Depois de trazer o coronel, vá para a cozinha e não saia de lá.

— Muito bem, baronesa.

A campainha da porta tocou. Rosa foi abri-la e fez entrar Bubi, seguido de Muller e Schroeder.

— Ah, baronesa. Há algum problema? — perguntou Bubi.

— Só o fato de vocês existirem, suas feras nazistas. E o problema da minha própria existência. Afinal, sem mim, vocês não podem obrigar meus filhos a nada. — Ergueu a mão, empunhando a Walther. Ao ver aquilo, Bubi compreendeu as intenções dela e gritou: — Não! Jogou-se para um lado, e Muller, atrás dele, foi atingido com os dois primeiros tiros. Schroeder procurou atrapalhadamente sua Mauser e disparou três vezes por instinto, atirando Elsa contra o sofá.

Bubi ergueu-se, acocorando-se junto de Muller.

— Está morto.

Schroeder, debruçando-se sobre Elsa, disse:

— Ela também. — Olhou para a Mauser — Nunca matei ninguém. Parecia entorpecido.

— A culpa não é sua. Ela queria morrer.

Bateram à porta, e Bubi abriu. Era um sargento, consternado.

— O major Muller e a baronesa estão mortos — informou Bubi, e virou-se para Schroeder. — Tome conta disto. Mantenha tudo abafado. Nem o barão nem o coronel Kelso podem saber.

Schroeder estava perplexo, mas depois acenou com a cabeça.

— Vou já tratar disso. — Fez uma pausa. — E a criada, coronel?

Bubi praguejou e subiu as escadas correndo, mas não havia sinal de Rosa Stein.

— Havia aqui outra mulher, a criada — gritou ao sargento. Manda os guardas procurarem-na.

NA COZINHA, de porta parcialmente aberta, Rosa havia testemunhado a cena pavorosa e ouvira tudo. Terrivelmente assustada, só pensou em fugir. Agarrando numa velha gabardina pendurada num prego, vestiu-a e abriu a porta exterior.

Foi então que teve o seu primeiro golpe de sorte, pois os guardas, atraídos pelo barulho dos tiros, correram para o lado da frente da casa. Ela apressou-se pelo relvado até o portão no muro de tijolos, respirou fundo e fugiu em busca de salvação.

MAX E HARRY ainda estavam na biblioteca quando Bubi entrou, forçando um sorriso: — Ainda a trabalhar? Estão confiantes?

— Deves estar a brincar, Bubi — disse Max. — Isto não é brincadeira.

— Eu sei, eu sei, mas com sorte pode ser muito rápido. Podes entrar e sair em dois dias, Max. Já dei instruções aos diplomatas que estou a usar para verificarem as carreiras navais. — Abriu um ficheiro e tirou de lá uma folha. Está tudo aí.

Max assentiu com a cabeça.

— Quando é que parto?

— Por volta das quatro da manhã. Roubas o meu Storch, e não deves demorar mais de uma hora até Cold Harbour.

— Umas rajadas de metralhadora na fuselagem dariam um bom toque — comentou Harry sarcasticamente.

— Na verdade, é uma excelente ideia. — Bubi levantou-se. — Podemos jantar às nove, se quiserem.

— E nos despediremos da mamãe — disse Max a Harry.

— Lamento, mas não é possível — contrariou Bubi. — A sua mãe tem-se revelado difícil, no mínimo. Himmler deixou ordens explícitas para que, no momento em que a operação começasse, ela fosse mantida à parte. Não podem vê-Ia, Max, e ponto final.

— Então, Bubi — pediu Max.

— Depois de partires, deixo o teu irmão vê-Ia. — Bubi quase se engasgou com a mentira. — É o máximo que posso fazer. — Saiu.

— O tempo escasseia, Max. Achas que és capaz? — perguntou Harry.

— Viste aquele filme. Aquelas mulheres a espernearem penduradas da corda, de olhos arregalados. Eu ia ao inferno caçar o próprio Demônio antes de permitir que aquilo acontecesse à minha mãe.

NAQUELA MESMA ALTURA, em Londres, Fernando e Joel Rodrigues apresentaram-se no apartamento de Sarah Dixon. Lacey e um fotógrafo especialista da Scotland Yard, um agente chamado Parry, seguiram-nos de perto e fotografaram-nos a entrarem e a saírem. Depois, seguiram-nos ao longo de Westbourne Grove até o restaurante italiano que Sarah e Fernando frequentavam há anos.

— Há qualquer coisa de estranho nisto — disse Lacey. — Já vi aquela mulher.

Volto já.

Entrou no restaurante que estava razoavelmente cheio. Post se no

o fim do balcão e pediu um copo de vinho. Quando o chefe de mesa passou, puxou-o, mostrou-lhe o distintivo e perguntou-lhe os nomes dos dois homens e da mulher na mesa junto à janela.

— A senhora é Sarah Dixon. O homem mais alto é o Sr. Rodrigues, da Embaixada Portuguesa. O outro nunca o vi.

Lacey deu uma palmadinha no ombro do empregado e saiu ao encontro de Parry, no outro lado da rua.

— Está tudo bem? — perguntou Parry.

— Ótimo. Vamos tirar o rolo e revelá-lo imediatamente. — Lacey fez uma pequena pausa. — E esta? Acabei de me lembrar de onde a

conheço.

NO SEU APARTAMENTO, na Haston Place, Munro estava sentado à lareira, saboreando um cacau quente, quando o telefone tocou.

— Munro.

— Aqui Carter. Temos um problema, brigadeiro.

Era uma expressão que só usavam nas situações mais extremas.

— Grave? — perguntou Munro.

— Muito grave, brigadeiro. O inspetor-chefe e um de seus homens estão comigo. Acho que devíamos ir vê-lo.

— Imediatamente, Jack.

Apareceram cinco minutos depois Carter, Riley e Lacey.

Riley descreveu a chegada de Joel Rodrigues a Croydon, a argolada dos carimbos de Berlim no passaporte. Falou na investigação de Lacey e o pôs a par de tudo.

Estalou um dedo, e Lacey passou-lhe uma pasta de arquivo. Riley abriu-a e extraiu películas em preto e branco.

— Os irmãos Rodrigues e a mulher, brigadeiro.

— Mrs. Sarah Dixon faz parte do pessoal administrativo da Baker Street, brigadeiro — informou Lacey.

Carter pegou a deixa.

— O inspetor Lacey reconheceu-a. As funções dela nas operações especiais dão-lhe acesso ao quartel-general do SOE.

— Santo Deus! — exclamou Munro. — Será que ninguém investigou esta mulher?

Carter suspirou.

— Podem simplesmente ... tê-la deixado passar.

— Isto pode ser grave — disse Munro, abanando a cabeça.

QUANDO BUBI foi ter com os irmãos para jantar, teve um choque. Por uma fração de segundo, pensou que era Harry que estava junto à lareira de uniforme americano, mas depois percebeu que Harry, sentado a seu lado, muletas no chão, envergava um jaqueta de piloto da Luftwaffe.

— É inacreditável — disse Bubi.

— É melhor acreditar — disse Max. — Muller não nos faz companhia?

— Não. Foi chamado a St.-Malo. E Schroeder está ocupado.

Virou-se para a ordenança junto à porta. — Podemos jantar.

— Sim. Vai para uma morte certa, mas faça-o de barriga cheia.

Max sentou-se à mesa. — Esqueci de alguma coisa, Harry?

— Basta ter calma. Ainda há de haver pessoas que não vais reconhecer. O general Sobel, por exemplo. Descontraí, deixa-os virem falar contigo.

— Farei o possível. — Max deu uma olhada na janela. — Ouve que chuva. Pobres coitados dos marinheiros no mar numa noite destas.

— Diz antes, pobres coitados dos pilotos. — Harry pegou num copo de vinho. — Não consigo lembrar-me de nenhum brinde apropriado.

— Que tal, que o céu nos ajude a todos? — propôs Max.

## 8

ARRASTANDO-SE pela floresta, Rosa estava num estado deplorável e completamente encharcada. A escuridão adensara-se de tal modo que de vez em quando ela chocava com as árvores. Um relâmpago rasgou o céu, iluminando momentaneamente tudo.

Havia um caminho e uma espécie de cabana. Cambaleou nessa direção, encontrou uma porta e abriu-a. Parecia estar quente lá dentro, e quando um relâmpago rebentou de novo, ela viu fardos de palha. Deitou-se num monte e gostou do cheiro. Fechou os olhos e adormeceu instantaneamente.

O STORCH ESTAVA na chuva, e Max, de gabardina militar pelos ombros, acendeu um cigarro enquanto um sargento-ajudante das SS disparava uma rajada para a fuselagem perto da cauda com uma Schmeisser e depois outra para a asa de bombordo.

— Excelente. — Bubi voltou-se para Max. — Parece que chegou o momento.

— O momento da verdade. — Max estendeu a mão. — Dá-me a tua Walther, Bubi, e o carregador suplente. Digo que a roubei ao guarda que derrubei e depois matei outro.

Bubi tirou a Walther e o carregador do coldre e entregou-os.

— Vai lá. — Bubi estendeu-lhe a mão. — Lamento.

— A culpa não é tua, Bubi. Vou andando.

Caminhou até o avião e subiu para a carlinga. O sargento-ajudante das SS fechou a porta atrás dele. Max ligou a ignição. Um momento depois, o hélice começou a girar, depois acelerou. A chuva martelava o pára-brisas, mas, como sempre, aquilo a que ele chamava a sensação de voar envolveu-o. Fora para isto que nascera: para voar.

O Storch começou a rolar e virou-se contra o vento. Max percorreu ruidosamente a pista, puxou o manche e elevou-se lentamente na escuridão.

O vento contrário atrasou Max, mas o voo decorreu sem problemas. Manteve silêncio de rádio durante os primeiros quarenta minutos e depois entrou em contato.

— Cold Harbour, Cold Harbour, diga se me ouve, câmbio.

Obteve resposta quase instantânea.

— Aqui é Cold Harbour, ouço alto e bom som. Identifique-se.

— Coronel Harry Kelso, fugindo da Bretanha num Storch da Luftwaffe. Hora de chegada prevista: vinte minutos.

— Aguarde. — O radiotelegrafista da RAF estava em choque; pegou o telefone e ligou para o quarto de Julie Legrande.

A MADRUGADA espalhava-se no céu. A luz estava muito estranha, e o mar, escuro e tempestuoso por baixo dele. Naquelas condições, Max estava totalmente exposto, um alvo perfeito para qualquer Spitfire ou Hurricane que por ali andasse. Não teria qualquer hipótese, seria despedaçado no céu em segundos. Riu-se. Que final para aquele assunto deplorável, mas isso não ajudaria sua mãe nem Harry, nem mesmo o pobre Bubi.

Julie falou pelo rádio: — Harry?

— Tenho a costa à minha frente. Sim, sou eu, Julie. É um milagre. Estou contigo dentro de dez minutos — disse. — Amassado, mas não derrotado.

— Eu te espero. Vou telefonar a Munro em Londres.

— Sim, acorda o velhote. Terminado.

— CÉUS, JULIE! Tens certeza? — exclamou Munro.

— Eu própria falei com ele, brigadeiro.

— Estarei aí logo que possível.

Desceu as escadas até o apartamento da cave, onde vivia Jack Carter, abanou-o na cama e contou-lhe.

— Não posso acreditar! — exclamou Carter.

— Vamos andando, Jack. Telefone para Croydon e reserve um Lysander.

— Vou já tratar disso. — Carter sentou-se e estendeu a mão para agarrar na perna postiça. — Molly já sabe?

— Claro que não. Vou contar agora.

Voltou, bateu na porta do quarto e entrou. Ela já estava acordada há algum tempo; desde a notícia do desastre que dormia mal. Sentou-se.

— Tio Dougal? O que é?

— Notícias espantosas, minha querida. — E sentou-se na cama.

MAX APROXIMOU-SE pelo lado do mar e avistou Cold Harbour tal qual Harry havia descrito: o salva-vidas atracado ao molhe, o pub, as casinhas e, finalmente, a abadia e o lago. aterrissou na pista de erva e rolou em direção ao hangar. Meia dúzia de mecânicos correram na sua direção.

— Que maravilha, coronel! — disse o sargento de voo, e juntaram-se todos à sua volta. — A cara não está lá grande coisa, coronel.

— Ah, hei de sobreviver. Foi na queda do Lysander. Max fingiu examinar a fuselagem. — É preciso reparar isto. Decolei debaixo de fogo. — Foi buscar a capa militar alemã no Storch, Julie apareceu no jipe, freou fundo, saiu e lançou-lhe os braços ao pescoço.

— Nem sabes como é bom te ver, Harry Kelso. Mas, meu Deus, teu rosto.

— E é por isso que não te dou um beijo. Dói. — Conseguiu fazer um sorriso amarelo. — Mas ainda consigo mastigar, e sabes que mais? Estou esfomeado.

— Eu te levo ao Enforcado. Vá lá, entra. Sentou-se no lugar do passageiro. Havia um maço de cigarros Senhor Service e um isqueiro no porta-luvas.

— Não te importas que me sirva?

Enquanto ele abria o maço, Julie comentou: — Sempre achei que detestasses essa marca. Só te vi fumar Players.

Ele recuperou rapidamente. — Julie, meu amor, depois do que passei, sou capaz de fumar qualquer coisa.

— Sim, imagino — assentiu ela com um sorriso. Ultrapassada a primeira barreira, são e salvo, Max recostou-se, com a adrenalina a correr, todos os sentidos alerta.



ZEC ACLAND estava ajoelhado junto à lareira a colocar mais lenha quando a porta se abriu e Julie entrou no pub seguida por Max. Zec teve a maior surpresa da sua vida.

— Ora, Deus do Céu, coronel, e nós pensando que talvez estivesse morto e perdido.

— Quase, mas não completamente. Consegui roubar um Storch e fugir. Tive de matar a tiro um dos guardas. — Max tirou a Walther do bolso da capa. — Ossos do ofício.

— O que aconteceu lá? — perguntou Zec com uma expressão grave.

Max cingiu-se o mais possível aos fatos: a largada com êxito de Jacaud, como ele fora atacado pelos MEI09, como a patrulha das SS lhe havia salvo o couro.

— Levaram-me para o Château Morlaix. Feri o rosto na queda, mas um médico de lá tornou a suturar-me.

— E depois? — perguntou Julie enquanto se dirigia à cozinha. Consigo ouvir-te daqui.

— Vieram ordens para me enviarem para Berlim. — Estava a ganhar confiança no relato. — Percebi-me que, mal isso acontecesse, estaria acabado. A fuga foi uma sorte absurda e muito simples. Eu estivera a jantar tarde com o comandante.

Havia um guarda à minha porta, é claro, e eu fingi ir para a cama. Decidi tentar por volta das três horas. A casa de banho era muito antiquada, com uma janela de sacada. Escapei-me por ela, descí para o jardim, virei na esquina e vi um carro de serviço com motorista ao lado a fumar um cigarro. Apanhei um tijolo do canteiro e atingi-o na cabeça. Roubei-lhe a Walther. Vesti a gabardina e a boina dele e fugi no carro.

Julie trouxe um prato com ovos, bacon e torradas para uma das mesas.

— Toma lá. — Sentou-se. — E o que aconteceu depois?

— Fui até a pista de aterrissagem. — Começou a comer e gostou dos ovos e do bacon.

— Havia lá um Storch. Chovia a cântaros e não se vislumbravam os guardas. Parei perto do avião, apeei-me e foi quando ia a abrir a porta do Storch que apareceu a sentinela. Matei-a a tiro. Fiz a

decolagem mais rápida da minha vida. Duas outras sentinelas atacaram-me com as Schmeissers, mas não causaram grandes danos, e aqui estou eu. — Terminou o pequeno-almoço e sentou-se reclinado para trás. — Agora só preciso de uma boa caneca de café.

— Café? — admirou-se Julie. — E eu que pensava que tinhas mudado para chá.

Erro número dois. Max deu um sorriso amarelo. — Desde sexta-feira que só bebo café, Julie. Os SS nunca ouviram falar em chá, mas tens razão. De volta ao chá, então.

LÁ EM CIMA, na abadia, agiu cuidadosamente, deixando-se guiar por Julie até o quarto de Harry. Colocou o casaco de militar em cima da cama.

Ela o olhou.

— As tuas calças não estão grande coisa, com esse rasgão na perna esquerda. Vejamos o que tenho na despensa.

— Despensa. Sim, Harry a mencionara.

— Vou contigo — disse Max.

Ficou atônito com todos os uniformes e armamentos, mas conseguiu disfarçar. Julie encontrou calças caqui e deu a ele.

— Exército Britânico. Oficiais. Vão servir até chegares à Haston Place. Lá haverá uma farda de reserva. Nos veremos na biblioteca.

Haston Place, número três, apartamento da cave com Carter o quarto de

Munro à direita, no topo das escadas. O de Molly a seguir a esse, e Harry terceira porta na mesma correnteza. Quartel-general do SOE a dez minutos, na Baker Street.

Max desceu as escadas largas dez minutos depois. Biblioteca à esquerda, sala de jantar à direita, cozinha pela porta verde. Encontrou Julie junto à lareira a empilhar toros. Ela olhou-o.

— Assim está melhor. Tenho que ir ao pub pôr os empadões no for no para o almoço da tripulação. Suponho que queiras descansar um bocado?

— Nunca descansei na minha vida, Julie. Gostaria de passear.

— Acabei de receber um telefonema de Munro. Está prestes a partir num Lysander e trará Jack. Molly queria vir, mas tinha muitas

operações marcadas para esta manhã.

Estranha, aquela sensação de alívio.

— Tenho tempo de vê-la.

— Não devias ser assim, Harry Kelso. Devias estar ansioso. Homens! — Encolheu os ombros. — Não sei, parece que não sabem o que é romantismo.

MAIS TARDE, na abadia, sentados frente a Max na sala de jantar, Munro e Jack Carter escutaram atentamente a história que ele já contara a Julie e Zec.

— Espantoso, Harry — comentou Munro no fim —, mas não há descanso para os fatigados. Croydon é a sua próxima paragem. Telefonei a Teddy West.

Vice-marechal da Aviação West; nenhuma fotografia.

— Como está ele? — perguntou Max.

— Entusiasmadíssimo. Deixei a cargo dele dar a novidade ao comandante supremo. Munro levantou-se. — É formidável tê-lo de volta, Harry, mesmo que pareça ter sido atropelado por um camião. Molly manda saudades. Achei que talvez pudéssemos ir jantar no River Room hoje e convidar o pai dela. Festejar o seu regresso do mundo dos mortos.

ATERRISSAFAM EM CROYDON no princípio da tarde. De novo, Max foi salvo pelo acaso, pois enquanto ajudava Jack Carter a sair do Lysander, este disse: — Está ali o vice-marechal West, da Aviação. Max virou-se. West chegou mesmo a abraçá-lo.

— Não te atrevas a voltar a assustar-me daquela maneira.

— Farei os possíveis, vice-marechal — respondeu Max.

— Parece que vamos esgotar as medalhas.

NA HASTON PLACE, Max descobriu facilmente o quarto de Harry. Largou a gabardina militar em cima da cama e verificou o guarda-roupa. Os uniformes extras estavam impecavelmente pendurados, camisas e meias nas prateleiras. Sapatos suplentes.

Bateram à porta, e Carter espreitou lá para dentro.

— O brigadeiro pediu-me que o deixasse no Guy. Ele quer que a Molly examine seu rosto. Pode ter alguma fratura.

— Ótimo. Vamos lá então. No Guy, a sala das urgências estava apinhada como habitualmente. Max deitou-se na mesa de raios X e fez o que lhe mandaram. Jack Carter esperou a um canto. Um jovem de bata branca tirou raios X, assobiando alegremente. Depois, escoltou Max pelo corredor e abriu a porta.

— Ela está aqui. De estetoscópio ao pescoço, Molly estava sentada a uma secretária. Deu um salto, contornou a secretária e atirou-se para os braços dele.

— Harry, não torne a fazer isto. Nunca mais. Tenho vivido um inferno.

Ele estreitou-a com força.

— Desculpe. — Beijou-a na testa ternamente. Ela afastou-se.

— O que é isso? — Franziu ligeiramente o sobrolho. — O grande Harry Kelso demonstrando ternura e romantismo?

— Sabes o que se diz nos filmes? — disse Max suavemente. — Aquilo lá fora foi o inferno. Se calhar, originou um novo eu.

— Acredito quando vir. — Nesse momento chegaram as radiografias. Ela colocou-as no painel e acendeu a luz. Pouco depois, acenou a cabeça. — Não há fratura. Voltou-se. — Conte o que aconteceu.

E foi o que ele fez.

NO RIVER ROOM, ficaram numa mesa redonda junto à janela, e Munro pediu champanhe para si mesmo, Max, Carter e West enquanto esperavam Molly e o pai.

— A sua, Harry. — Munro ergueu o copo. — Devo concluir que já usou as suas nove vidas.

— Veremos — disse Max.

— Isso é que não — respondeu West. — Está de castigo por ordem direta de Ike. Está acabado no ar.

— Ele disse isso?

— Sim. Quer te ver, mas não sei bem quando. Vou levar Ike de avião para Southwick amanhã de manhã.

— Vai levá-lo? — perguntou Max.

— Bem, ainda tenho uns resquícios de técnica e ajuda a manter o treino.

Nesse momento, Molly e o pai acenaram, aproximando-se por entre as mesas. Max não teve problema desta vez, pois aquele tinha que ser o general Sobel e sorria abertamente. Apertou a mão de Max com força.

— Não consigo explicar o quanto isso significa. Ike ficou emocionado. — Ajudou Molly a sentar-se. — Ele quer vê-lo, Harry, mas não conseguiu esta noite. Gostaria que se encontrasse com ele às sete da manhã em Croydon.

— Com certeza. — Max pegou o copo, a mão calma, mas um turbilhão na cabeça. — Ai, não, tão cedo?

ROSA Stein dormiu pelo menos doze horas, de pura exaustão. Quando finalmente acordou, começara a escurecer lá fora. Saiu da cabana e seguiu pelo trilho, de cabeça zonzá, e quinze minutos depois chegou a uma casa. Saía fumaça da chaminé, o gado mugia no celeiro. Apareceu uma moça com um balde de leite. Era Marie, a operadora de rádio de Jacaud.

— Quem é? O que quer? — gritou ela em francês.

Rosa começou a chorar.

— Ajude-me. Por favor, ajude-me — gritou. Soluços fortes sacudiam-lhe o corpo todo.

Marie gesticulou para a porta, e Rosa seguiu-a.

MAX E MOLLY dançavam na pista cheia de gente, mas ele não era tão bom dançarino como o irmão. O fato de haver tanta gente deu-lhe uma boa desculpa para a falta de jeito. Depois de uns encontrões a mais, disse: — Desculpa, não estou a sair-me lá muito bem.

— Não faz mal. Passaste um mau bocado, Harry. — Agarrou-se mais a ele. — O tio Dougal disse que perdeste Tarquin.

— É verdade. Deve ter ardido na queda.

O chefe de mesa surgiu no limite da pista e fez um sinal.

Não posso acreditar! Sempre que aqui venho, acontece isto disse Molly, afastando-se para falar com o empregado; depois, voltou.

— O bom velho hospital outra vez.

— Eu espero por ti acordado — declarou Max ao regressarem à mesa.

— Não contes muito com isso. Se passar da meia~noite, fico no hospital.

Molly partiu no carro de serviço de Munro, e West ofereceu-se para levar os outros no seu. Lá fora, Max disse: — Ouça, quero andar um pouco, brigadeiro. Sinto-me um pouco eletrizado.

— É perfeitamente compreensível, meu caro — disse Munro. — Dê umas voltas por aí, divirta-se.

— Até amanhã em Croydon — despediu-se Sobel.

— Lá estarei.

Entraram todos no carro de West, que arrancou. Max mandou parar o primeiro táxi que apareceu e que o deixou em Westbourne Grove.

Encontrou sem dificuldade a rua secundária que dava para o bloco de apartamentos. Parou à entrada, verificou os nomes e tocou à campainha. Pouco depois, Sarah Dixon disse: — Sim?

— Mrs. Dixon? O dia do julgamento chegou.

— Suba — replicou ela calmamente. — Segundo piso.

Ele empurrou a porta e entrou. Da porta do outro lado da rua, Parry fotografara-o duas vezes, uma das quarenta e oito pessoas que fotografara naquela noite. Estava aborrecido e com frio.

— Maldito ianque — murmurou. — Veio à procura de uma prostituta, com certeza.

ERAM 3 DA MANHÃ quando Jacaud chegou à quinta de Marie. Foram para a cozinha, e Jacaud sentou-se na ponta da mesa enquanto Marie ia buscar Rosa.

Tarquin, o urso, estava sentado na outra ponta, e Jacaud observava-o melancolicamente.

— Para ti está sempre tudo bem. — Fora em tempos professor universitário de Filosofia, mas todas as suas noções filosóficas tinham voado janela fora. Já não acreditava nas pessoas.

Marie trouxe Rosa para a cozinha, e Jacaud interpelou-a num alemão correto: — Ouça, ninguém lhe fará mal se contar a verdade.

Conte-me quem é e o que se passa.

Quinze minutos depois, ele continuava sentado, de sobrolho franzido, enquanto ela terminava. Foi Marie quem disse: — Isto é uma loucura. Um irmão fingindo que é o outro para matar Eisenhower? Não acredito nisto.

— Tive uma ideia — disse Jacaud. — Arranjamos maneira de Helene, aquela amiga de Jules, dormir com Schroeder, o médico das SS. Manda Jules à casa dela, e se o alemão estiver lá, tragam-mo. Ele pode confirmar a história desta mulher.

Vinte minutos depois, o capitão Schroeder, dormindo entrelaçado na deliciosa Helene, acordou com o cano de uma Colt automática na garganta e Jules sentado na borda da cama.

— Levante-se, vista-se, ou estouro seus miolos.

Helene levantou-se, alarmada, e Jules deu-lhe um sorriso.

— Tu não, querida. Serviste bem à França. Continua a dormir.

SCHROEDER, convencido de uma morte certa, foi muito cooperativo. Sentou-se na extremidade da mesa e falou.

— Têm de compreender que ela queria morrer — disse quando terminou.

— Ele ajudou alguma coisa? — perguntou Marie em francês a Jacaud.

— Ah, sim — respondeu este. — Ele sabe bastante. Vou fazer um relatório. Tens que transmitir a Munro para a Baker Street imediatamente.

Ela abanou a cabeça.

— Impossível. Eles só iniciam a escuta às sete.

— Está bem, às sete então.

EM CROYDON, com o aeródromo afogado em neblina, Tom Sobel bebia café e olhava melancolicamente para o exterior.

Max surgiu da sala de comando.

— Em Southwick está bom. Não há qualquer problema em aterrar lá.

— Bem, ainda bem, mas onde raio está Teddy West? Nesse momento, aconteceram duas coisas. Parou lá fora um carro de onde

se apeou Eisenhower; depois, um tenente aviador vindo da sala de comando entrou à pressa com uma mensagem que entregou a Sobel.

Sobel leu-a e olhou para Eisenhower quando este entrava.

— Más notícias, general. O carro de serviço de Teddy West teve um acidente a caminho daqui. Não foi muito grave, mas ele precisa de tratamento hospitalar.

— Raios — disse Eisenhower. — Temos uma conferência importante, Tom, como sabe. Pode arranjar outro piloto rapidamente?

Max percebeu a inevitabilidade da situação

— Já tem um, general. Eu o levo.

Eisenhower voltou-se e estendeu a mão, exibindo aquele sorriso famoso.

— Folgo em revê-lo, coronel. Que acontecimentos extraordinários. Quer mesmo voar? Está com péssimo aspecto.

Max estendeu as mãos.

— Firmes como uma rocha, meu general.

Ike olhou de relance para Sobel.

— O que acha, Tom?

— Se o coronel Kelso diz que sim, por mim está tudo bem, meu general.

— Muito bem, coronel — assentiu Ike —, vamos andando. Max passou para a antecâmara, despiu a gabardina e enfiou um jaqueta de aviador. Mudou a Walther e o carregador extra da gabardina para um dos bolsos e saiu.

MUNRO E JACK CARTER decidiram comparecer cedo no quartel-general do SOE.

Chegaram às 6h45. Jack dirigiu-se ao seu gabinete, enquanto Munro subia as escadas em direção ao dele. Estava o inspetor Parry sentado no banco à entrada.

— Veio cedo — comentou Munro. — Lacey disse para me assegurar de que o senhor recebia as fotografias da vigilância à tal Dixon logo de manhãzinha.

Munro entrou à frente no gabinete.



— Vejamos. Parry foi colocando fotografia após fotografia em cima da mesa.

— Bastante vulgares no geral. — Riu. — Para dizer a verdade, deve operar ali uma casa de pegas. Aqui está uma boa de um oficial americano. E a entrada do bloco de apartamentos de Sarah Dixon.

Munro olhou para a fotografia, atordoado.

— Oh, não. Não! Bateram à porta, e Carter entrou com uma mensagem na mão.

— Acabei de receber isto de Jacaud, brigadeiro. Não codificado e assinalado como urgência máxima.

Munro leu-a e depois disse:

— Esse não é Harry Kelso na fotografia. É Max, o irmão dele, e está cá para assassinar Ike. — Pegou no telefone. — Ligue-me para Croydon. — Um momento depois, falava com a sala de comando. — O voo do general Eisenhower já partiu? Escutou, depois pousou o auscultador. — Reserve-me um avião para Southwick, Jack. Prioridade máxima.

— Mas, brigadeiro, e se ele ...

— Se ele mata Ike e Tom Sobel e foge para França? Só nos resta esperar que isso não aconteça, porque nada podemos fazer para evitá-lo. Vou segui-los. Aguarde o forte. Prenda os irmãos Rodrigues e mande Riley deter a Dixon. — Levantou-se. Diga-lhe que não tencionamos enforcá-la se cooperar.

NO LYSANDER, Max voava a cinco mil pés através de nuvens dispersas. Eisenhower e Sobel iam sentados atrás a gritar um com o outro por sobre o barulho do motor.

Max estava dominado por emoções conflituosas. Conhecera o comandante supremo, apertara-lhe a mão, reconhecera-o e, contudo, o homem em si não tinha qualquer significado para ele. Seria simplesmente puxar da Walther, virar-se e atingir Eisenhower no meio dos olhos, mas isso significava matar igualmente Sobel, o pai de Molly, o que a tornaria uma vítima em toda esta lamentável embrulhada. Como se sentiria Harry se ele voasse para Morlaix com dois cadáveres, sendo um deles o pai da mulher que ele amava? Porque ele amava-a; Max sabia-o, agora que a conheceu.

Por outro lado, e a Mutti? Se ele não matasse Eisenhower, ela morreria. Que deveria fazer? Voar para Southwick e esperar por nova oportunidade? Virar-se para trás agora e despachar aquilo? Max nunca se sentira assim em toda a sua vida. Dissera a Harry que iria ao próprio inferno para salvar a mãe, então porquê aquela estranha hesitação?

A decisão foi-lhe tirada das mãos pouco depois. Ouviu-se um rugido súbito, e o Lysander abanou à passagem de uma sombra negra que o sobrevoou, guinando para bombordo.

— O que é aquilo? — quis saber Eisenhower.

— Um caça noturno Junkers — respondeu Max. — Vindo da França, à procura de vítimas. Segurem-se, cavalheiros.

Todos os instintos de pilotagem no corpo de Max entraram em alerta total, e ele mergulhou em voo picado com o Junkers na sua cauda. Uma rajada furou a asa esquerda e estilhaçou a capota. O Junkers virou num círculo largo.

Max gritou lá para trás: — Ele é demasiado rápido para nós, mas, por outro lado, nós somos demasiado lentos para ele. — O Junkers estava a cerca de quinhentos metros de distância, a virar, e Max falou pelo rádio: — Lysander Um a caminho de Southwick a ser atacado sobre as South Downs.

O Junkers reapareceu outra vez e Max virou abruptamente, evitando as rajadas do inimigo. A partir daí, ele embrenhou-se na pilotagem. Picou mais depressa ...

dois mil pés, mil pés, os montes verdejantes das Downs tornavam-se cada vez mais nítidos lá em baixo. O Junkers falhou o alvo, virou e atacou de novo. Max desceu até os seiscentos pés e depois, inesperadamente, baixou os flaps, no velho truque que já usara tantas vezes. O Lysander quase parou no ar, e o piloto do Junkers, virando freneticamente para evitar o choque, perdeu o controle e precipitou-se na floresta lá em baixo. As chamas irromperam enquanto Max puxava o manche para subir, nivelando a mil pés.

— Estamos bem aí atrás? — perguntou. Eisenhower e Sobel estavam atordoados, e subitamente Max compreendeu que era o

momento ideal. Ainda podia sacar da pistola, matá-los a ambos e fugir para França. Mas não ia fazê-lo.

Qualquer coisa se alterara naqueles escassos minutos; havia sido tomada uma decisão sem que ele tivesse sequer que refletir sobre ela. Enquanto a adrenalina do duelo aéreo lhe percorria as veias, ele tivera a certeza de que era um piloto, e não um assassino.

contactou Southwick:

— Estamos aí dentro de quinze minutos.

A CEM METROS da Embaixada Portuguesa, Jack Carter estava sentado no banco de trás de um carro à espera. O homem de cabelo grisalho e fato azul que caminhava apressadamente pelo passeio era o coronel Cunha, chefe da segurança da embaixada. Carter abriu a porta, e Cunha juntou-se-lhe.

— Há quanto tempo, Jack. Disseste que era urgente.

— E é. Fernando e Joel Rodrigues estão a soldo dos nazis em Berlim. — O coronel Cunha abriu a boca, e Carter levantou a mão. — É uma certeza. Posso fornecer-te provas.

Cunha tirou um cigarro da cigarreira e acendeu-o.

— Eles vão invocar imunidade diplomática, Jack.

— Ou seja, tu vais. É justo. Já não nos servem para nada. Metem-nos no avião desta noite para Lisboa e diz-lhes que nunca mais voltem.

— Obrigado, Jack. És muito simpático.

— Posso dar-me a esse luxo. Estamos a ganhar a guerra. — Esticou o braço e abriu a porta, o coronel Cunha saiu e afastou-se.

Quando Jack voltou para o seu gabinete, Sarah Dixon estava a assinar uma declaração, com Riley sentado a seu lado e Lacey junto à janela.

— Tem tudo? Riley acenou com a cabeça.

— E mesmo o gêmeo alemão.

— O que é que acontece agora? — perguntou Sarah Dixon. — Vou a julgamento?

— Céus, não! — replicou Carter. — Você já não é importante. Fica detida, é claro. A seguir à guerra, logo veremos.

Ela sorriu, e Riley e Lacey levaram-na.

NO AERÓDROMO de Southwick, o Lysander rolou pela pista até parar, e um grande grupo correu na sua direção: oficiais da administração e pessoal da RAF

Eisenhower ergueu os braços e acenou-lhes.

— Eu estou bem e o general Sobel também, graças ao melhor piloto com quem já

voei. — Virou-se para Max. — Coronel Harry Kelso, pela autoridade investida em mim como comandante supremo, pretendo condecorá-lo com a Distinguished Flying Cross. — Apertou a mão a Max e virou-se para Tom Sobel. — É melhor irmos andando.

Tom Sobel pôs o braço à volta dos ombros de Max.

— Estou orgulhoso de si, meu rapaz, e Molly ficará ainda mais. Olhe, porque é

que não vai almoçar qualquer coisa à messe dos oficiais? Vá descontrair-se.

— Ótimo — disse Max. — Sou capaz de fazer isso mesmo. Sobel afastou-se, seguindo Eisenhower, e Max acendeu um cigarro com as mãos trémulas. Que aconteceria agora a Mutti e a Harry? A chuva começou a cair, e um major da Real Polícia Militar aproximou-se e abriu um guarda-chuva.

— Tenho que o manter seco, coronel, para o brigadeiro Munro, que está quase a chegar.

Nesse momento, Max percebeu que estava apanhado.

— O que é que se passa?

— O meu nome é Vereker. Os dois cabos ali ao fundo são homens meus. — Max olhou e viu-os, com a típica boina vermelha da Real Polícia Milita. — Não sei o que se passa aqui, mas tenho ordens para o prender.

— Parece interessante — disse Max.

— Sei que tem uma arma, coronel. Se ma puder entregar discretamente, fico-lhe muito agradecido.

— Ah, eu sou sempre discreto. — Max tirou a Walther e o carregador sobresselente da jaqueta e entregou-os. — O que é que fazemos até o brigadeiro chegar?

Vereker fez deslizar a Walther para a algibeira.

— Que tal uma bebida na messe? Acho que posso confiar em si. Afinal, para onde pode fugir?

— Nunca foi dito nada de mais verdadeiro, major — sorriu Max. Vá à frente.

Vereker e Max sentaram-se num banco à janela saboreando um uísque e um cigarro e esperaram. Que teria Munro descoberto e como?, questionava-se Max. Não que isso tivesse importância. Estava tudo acabado, e que Deus ajudasse a sua mãe e Harry.

Quando Dougal Munro finalmente entrou na messe, hesitou, depois foi ter com eles.

— Major — disse a Vereker. — A partir deste momento, está obrigado a cumprir o Decreto de Sigilo Oficial. Vamos usar o seu gabinete.

Momentos depois, Munro sentou-se à secretária de Vereker e entregou-lhe um documento dobrado.

— O seu mandado para esta detenção, major. Vereker examinou-o e levantou os olhos, espantado.

— Mas isto está em nome do Oberstleutnant barão Von Halder.

— Correto. Parece que o coronel Harry Kelso caiu na Bretanha na semana passada e escapou, regressando num voo triunfal num Storch da Luftwaffe roubado. Só que não era Harry Kelso: era o irmão gêmeo.

— Mas por quê? — Vereker estava confuso.

— Para assassinar o general Eisenhower.

— Mas isso é uma loucura, brigadeiro. Ele acabou de salvar a vida de Ike.

— Pois é. Bizarro, não é? — Munro virou-se para Max. — Quando chegou o momento, não foi capaz, pois não?

— Bom, eu estava pensando em fazê-lo, mas depois apareceu o Junkers. Foi estranho. Se eu fosse fatalista, teria deixado simplesmente as coisas acontecerem, e seríamos os três abatidos juntos. Uma solução perfeita.

— Não é fatalista?

— Nunca fui. E quando aquele sujeito me apareceu pela cauda... Encolheu os ombros. — Eu sou um piloto de caça. Reagi instintivamente. Posso matar gente, mas não dessa maneira.

— Acho que compreendo.

— O que deixa a minha mãe e Harry em maus lençóis. Franziu o sobrolho. — Mas, espere aí. Ainda não me disse como é que me pegou.

— Vigiávamos Sarah Dixon. Tínhamos uma câmara da Polícia a verificar toda a gente que fosse ao bloco de apartamentos, e lá estava o senhor. Foi uma burrice.

— Bem, eu não passo de um amador neste tipo de coisa.

— E depois recebemos um relatório do meu agente principal em Morlaix e agora sei tudo: Bubi Hartmann, a sua mãe, Harry, o horrível dilema em que Himmler os colocou.

— Como pôde saber tudo isso?

A criada da sua mãe, Rosa Stein, foi encontrada perdida na mata e, graças a Deus, caiu nas mãos do meu agente.

— Rosa? Perdida na mata? De que diabos está falando?

E então Munro contou.

## 9

MAX DEIXOU-SE FICAR ALI SENTADO, pálido e abatido. Vereker abriu o armário, serviu brandy num copo e entregou a Max, que o bebeu de um trago e olhou para Vereker com um sorriso horrível no rosto.

— Agora, já sabem o tipo de pessoa com quem estão lidando. Certifiquem-se de que ganham os bons.

— Lamento, Max — disse Munro.

— A culpa é nossa. Hitler tomou o poder, nós relaxamos e nos deixamos ir na corrente. Nós não éramos nazis, não parávamos de o dizer a nós próprios, só que acabei por abater mais de trezentos aviões para eles. E o que dói mesmo é que ainda não acabou. Eles ainda têm Harry.

— E Bubi Hartmann mentiu-lhe.

— Sim, Bubi mentiu. Mas acho que o compreendo um pouco. Ele tem sangue judeu, sabe, e Himmler descobriu. Bubi estava tão pressionado como nós.

Max puxou de um cigarro com as mãos trémulas. Vereker ofereceu-lhe fogo.

— E agora? — perguntou Max. — Sou preso na Torre de Londres?

— Vamos para Cold Harbour — disse Munro. — Isto já durou tempo demais, e eu quero-o fora daqui antes que Ike o mande chamar. Virou-se para Vereker e ordenou: — Diga a Ike que precisei da perícia do coronel Kelso para inspecionar os destroços daquele Junkers. E lembre-se: isto nunca aconteceu.

NO INÍCIO DA TARDE, sobrevoaram Cold Harbour e aterraram com alguns solavancos desconfortáveis. Julie apareceu no jipe e desceu.

— Ainda bem que estão de volta. Ainda a tempo do almoço.

— Por que não? Agrada-lhe, Max. — perguntou Munro.

— Como disse, porque não?

— Max? O que é isto? — indagou Julie.

— Vamos sair da chuva que eu conto-lhe. Zec era a única pessoa no bar, sentado à

lareira a ler um livro. Ergueu o olhar e sorriu.

— Bem-vindos.

— Deixe-me que lhe apresente o Oberstleutnant barão Von Halder, irmão de Harry Kelso — disse Munro.

— Credo! — exclamou Zec. Max foi atrás do balcão e serviu-se de um maço de cigarros Players. Acendeu um e fez um sorriso cansado ao voltar.

— Acabe com isto, brigadeiro. Vou dar uma volta, se não se importa. Almoço Mais tarde.

A porta fechou-se atrás dele, e Munro virou-se para os outros.

— E uma história podre, mas aqui vai. Quando ele terminou, Julie soltou uma exclamação:

— Que horror! Pobre senhora.

— Nunca ouvi nada assim — observou Zec. — Mas o que é que pretende agora, brigadeiro? Devia tê-lo levado para Londres.

— Correto, mas a resposta é que não faço a mais pequena ideia.

Munro suspirou. — Este trabalho torna-nos tão mentirosos. Não consigo deixar de pensar que há alguma maneira de usarmos isto. Vou deixar em banho-maria durante algum tempo.

A porta abriu-se, e entrou Max. A parte ilesa de seu rosto recuperara um pouco de cor.

— Estou capaz de demolir um dos seus empadões. Estou esfomeado.

— E uma caneca de cerveja — assentiu Zec. — Faça-lhe companhia.

— E eu também — acrescentou Munro. — Foi uma manhã, no mínimo, agitada.

Julie trouxe empadões de carne e rim com batatas, e ao começarem a comer, ouviram o troar de motores no céu. Julie foi à porta e espreitou.

— Um Lysander — disse. — Mas quem será?



— Quem quer que seja, em breve saberemos — disse Munro. Foi cerca de quinze minutos depois que a porta se abriu e entrou Jack Carter a coxear, seguido por Molly.

— Não culpe Jack, tio Dougal — disse ela imediatamente. — Fui eu que o obriguei a trazer-me.

— Mandaram recado de Southwick, brigadeiro — disse Carter. O general Eisenhower anda a tentar entrar em contato consigo.

— Bem, eu não recebi o recado, e por ora continuo perdido. Jack virou-se para Max.

— que grande voo esta manhã!

— E de família — disse Max. — Tal como Harry, a única coisa que fazemos bem é voar.

— Gostaria de conversar consigo. Pode ser, tio? — perguntou Molly.

— Acho que podemos quebrar as regras. Ela saiu, e Max seguiu-a. Caminharam até a

ponta do molhe, onde ela se sentou num banco e ele se encostou ao gradeamento.

Havia uma estranha intimidade entre eles.

— Jack contou-me tudo. Lamento muito pela sua mãe.

— Também eu. E também lamento por Harry, ainda lá preso.

— Diga-me como está ele.

— Gosta muito dele, não gosta?

— Sem dúvida.

— Ele só pode dar-lhe desgostos. E eu sei porque à minha volta só há desgosto.

— Não tem importância. O amor não procura a razão. O amor está para lá da razão.

Então, conte-me lá.

— Ele está razoável. Um tornozelo quebrado, mas o capitão Schroeder fez um bom trabalho com ele, tal como fez com meu rosto.

— Horrível, tudo isto. — Abanou a cabeça. — Mas matar Eisenhower ...

— Se tivesse visto o filme que Himmler nos obrigou a ver, com as execuções dos alegados traidores ... É inconcebível.

— Compreendo. A sério. A ironia é que, se fosse qualquer outro a pilotar o avião de Eisenhower, o general estaria morto. — Levantou-se.

— Deve haver alguma coisa que possamos fazer.

— Enviar os comandos? — Max abanou a cabeça. — Coisas destas levam tempo a organizar. Os irmãos Rodrigues vão voltar para Portugal rapidamente. Irão mandar os relatórios nem que seja para ganharem mais algum dinheiro.

Caminharam ao longo do molhe.

— Isto é horrível — disse ela, os olhos cheios de lágrimas. Sinto-me tão inútil e não há nada a fazer.

Max pôs o braço à volta dos ombros dela.

— E daí não sei. Estive a pensar, Molly, e se eu me tornasse o orgulho da Luftwaffe outra vez? Vestia o uniforme certo na despensa de Julie e esgueirava-me para o aeródromo, onde estão dois Storchs. Estaria em Morlaix numa hora, aterrava no aeródromo e depois logo se via.

— É uma loucura — disse. — Morte certa para si.

— Assim é morte certa para Harry. Pelo menos, estaríamos juntos.

— É fantasia. Não é possível. Quando chegaram ao pub, Jack Carter estava lá fora com Julie no

jipe, prontos para levar Max até a casa. Max entrou, e Julie arrancou. Molly entrou no pub, onde Munro estava debruçado no balcão a conversar com Zec e a tomar um uísque. O brigadeiro voltou-se.

— Então, não tem ideias nenhuma para ajudar Harry? — perguntou Molly. ,

— Não. É impossível.

— Max acha que não.

— Conta-me lá — pediu Munro, de sobrolho franzido. E ela contou.

MAX PASSOU a tarde meditando no quarto trancado para onde Jack o levara. Não havia mais nada para fazer senão pensar, e por fim cansou. Deitado na cama, acabou por adormecer. Eram 6h30 quando Jack foi buscá-lo.

— Hora de jantar, meu rapaz. Não gostamos de te deixar sozinho.

— É muito civilizado da sua parte — disse Max, e seguiu-o escadas abaixo até a biblioteca, onde encontrou Munro com Zec Acland e Molly, sentada junto à lareira.

— Ah, cá está você — disse Munro. — Então, o que é que toma? Uísque?

— Na verdade, preferia um brandy com soda. Carter serviu-o, e Max perguntou: — Então, e agora?

— Não tenho certeza — disse Munro.

— Sempre pensei que a Torre de Londres era o indicado para pessoas como eu.

— Meu caro, nunca houve alguém como você. — Munro estava exasperado. — Raios, Max, estou sempre pensando que você é Harry.

— Desagradável, não é? O que tem Eisenhower a dizer?

— Ele ainda não sabe. Todo este assunto é explosivo, como diriam os nossos amigos americanos. Publicidade é a última coisa de que precisamos, com a invasão dentro de uma questão de semanas.

Julie espreitou e anunciou: — O jantar está na mesa. Zec foi o primeiro a levantar-se.

— Pessoalmente, penso sempre melhor de barriga cheia. Sentaram-se à volta da mesa e saborearam a sopa de cenouras de Julie, linguado de Dover e batatas fritas. A conversa era esporádica.

— Vamos passar à biblioteca — sugeriu Munro por fim.

— Francamente, já estou farto. — Max levantou-se. — Quando decidirem o que fazer comigo, digam-me, mas acho que vou para o meu quarto. Jack?

Carter levantou-se.

— Com certeza, meu caro. Os outros reuniram-se na biblioteca. Quando Jack entrou, estavam todos sentados em silêncio. Ele foi ao

aparador, serviu-se de um uísque e ergueu o copo.

— Um brinde, meus senhores. E se me permitem, ele é um tipo absolutamente impecável, mesmo sendo um ás da Luftwaffe. Guerra é guerra, um jogo estúpido sobre o qual não temos qualquer controle.

— Mas nós temos controle — disse Molly. — Tio Dougal?

— Está bem, rendo-me. Dê-me um brandy, Jack, e eu conto-lhe uma conversa interessante que Molly teve com Max.

Quando terminou, foi Carter quem disse:

— E acredita nisso, brigadeiro, que ele vai mesmo tentar salvar o irmão?

— Por amor de Deus, Jack, use o seu excelente cérebro — explodiu Molly. — Ele é um grande homem, um homem bom a quem aconteceu tudo. Fizeram chantagem com ele e com o irmão para o obrigarem a um ato horrível. Depois, assassinaram-lhe a mãe.

— E agora Harry está naquele maldito chateau à espera do desfecho

— acrescentou Julie. — Himmler executa-o sem pensar duas vezes.

Estamos a falar do Diabo na Terra.

— Enquanto ficamos aqui sentados e não fazemos nada — disse Molly.

Fez-se silêncio enquanto Munro meditava. Foi Zec quem falou.

— Eles são bons rapazes, brigadeiro. Merecem uma oportunidade. Munro acenou com a cabeça.

— Têm todos razão, é claro. Não estou a inventar desculpas, mas gostaria de pensar que, no meu íntimo, eu sempre soube porque é que trouxe Max para aqui em vez de o levar para Londres.

Então, o que é que fazemos, brigadeiro? — perguntou Carter. Vai dizer-lhe?

— Céus, não! Isso seria simples demais. Deixamo-lo fugir.

NO CHÂTEAU MORLAIX, Bubi Hartmann e Harry estavam a acabando de jantar. Nenhum dos dois falara muito. Bubi estava absorto, aguardando notícias de Inglaterra e também preocupado

com o desaparecimento de Schroeder. Por fim, Harry pegou nas muletas.

— Acompanho-te ao quarto — disse Bubi. Subiram as escadas, e Bubi fez sinal ao guarda das SS, que abriu a porta.

— E a minha mãe, Bubi? Quando é que a vejo? — perguntou Harry.

— Amanhã, Harry. Acho que posso prometer isso. — Bubi virou costas, e Harry entrou no quarto. Sentia-se estranhamente inquieto e foi espreitar através da janela de grades, pensando em Max e no que estaria a acontecer-lhe. Por fim, deitou-se e adormeceu.

Lá em baixo, Bubi estava sentado a um canto da sala de estar bebendo mais brandy do que devia. Ia agarrar na garrafa quando o telefone tocou. Olhou para o relógio, franzindo as sobrancelhas: 10 horas. Quem poderia ser? Atendeu o telefone, e a telefonista disse: — Tenho uma chamada para si, coronel.

— Quem é?

— Bem, ele é claramente francês, embora fale bem alemão. Insiste em falar consigo pessoalmente.

— Passe-me.

— Coronel Hartmann? — perguntou Jacaud.

— Quem fala?

— Ah, eu sou o chefe daquilo a que o senhor chama a sua oposição nesta zona. Um amigo meu, um tal brigadeiro Munro, entrou em contato comigo.

Bubi quase se engasgou.

— O que é que você quer?

— Nada — disse Jacaud. — Venho apenas partilhar informação. Creio que os nomes seguintes lhe dirão alguma coisa. Os irmãos Rodrigues estão no avião de regresso a Lisboa. Sarah Dixon está detida, assim como o barão Von Halder. E aqui vai uma boa para si: o barão ia a transportar Eisenhower para Southwick quando um Junkers que por ali andava os atacou. Acredita que o barão fez o palhaço despenhar-se? Salvou a vida a Eisenhower.

— Desgraçado! — exclamou Bubi.

— Você é que está desgraçado. O grande dia está para breve. Ali, a propósito, obrigado por Schroeder. Vamos precisar de um bom

médico quando a verdadeira luta começar.

Desligou o telefone. Bubi ficou ali sentado a apertar o telefone, com o terror estampado no rosto. Estava tudo acabado. Ele estava acabado. Não tinha quaisquer ilusões sobre o preço a pagar pelo fracasso naquele assunto. Acendeu um cigarro, nervoso. Havia uma coisa que ele podia fazer. Pelo menos, tinha uma linha prioritária para Berlim. Telefonou à secretária.

— Trudi, sou eu.

— Coronel, o que é que se passa?

— Escuta. Foi tudo um fracasso. Os irmãos Rodrigues, a tal Dixon e Max: todos presos. Foge daí, Trudi. Usa a tua autoridade como minha secretária enquanto ainda vale alguma coisa e foge. Se pudesses avisar o meu pai, agradecia-te.

Ela chorava.

— Isto é horrível.

— Foge a sete pés, meu amor. Bubi teve uma estranha sensação de alívio. "Que diabo", pensou. "Vamos acabar com isto." Telefonou para o gabinete de Himmler.

Momentos depois, Himmler disse:

— Então, coronel, tem boas notícias para me dar? Bubi deixou subitamente de se importar e declarou:

— Pelo contrário, Reichsführer, todas más.

— Conte-me — ordenou Himmler depois de uma pausa. E foi o que Bubi fez, experimentando um gosto perverso, indo aos mais pequenos pormenores, como o de Max até ter salvo a vida de Eisenhower.

Quando terminou, Himmler disse:

— Uma aventura malfadada desde o início, coronel, mas devo confessar que me deixei levar pelo entusiasmo. A morte da desgraçada baronesa mostrou uma deplorável falta de controle da sua parte, e agora passamos pela vergonha de o barão Von Halder cair nas mãos dos Britânicos. Terá um avião no château esta noite com o Standartenführer Fassbinder a bordo. Amanhã, ele encarregar-se de trazer Kelso para Berlim.

— E quanto a mim, Reichsführer?

— Já agora, também pode vir com eles. Depois, resolvemos o futuro.

Desligou, e Bubi pousou o telefone. Acabara de receber a sua sentença de morte, assim como Kelso. A tampa do caixão fechara-se. Bubi pegou na garrafa de brandy e subiu as escadas para o quarto. Bebeu outro grande copo. Tirou o cinto e o coldre, retirou a sua Mauser novinha em folha e fez um sorriso. O

Standartenführer Fassbinder ia ter uma surpresa. Bubi nunca gostara do safado, e era melhor cair a lutar. Deitou-se e mergulhou num sono embriagado.

MAX ESTAVA DEITADO a fumar um cigarro quando a porta se abriu com um rangido. Olhou para o relógio: 2 horas.

Max, sou eu. — Julie acendeu a luz. Max sentou-se.

— O que é que se passa?

— Está tudo uma grande confusão. Ninguém parece saber o que fazer, exceto Molly.

De que é que está a falar?

— Depois de se ter vindo embora, Molly contou-nos o que lhe disse lá no molhe acerca de roubar o Storch e ir até lá buscar Harry.

— E que disse Munro?

— Ele achou que era uma loucura. — Encolheu os ombros. — Mas eu não. Lutei contra os nazis na Resistência e não gosto deles, Max. O que é que hei-de fazer? Gosto de si e estou provavelmente um bocadinho apaixonada por Harry, mas não diga a Molly. Seja como for, você merece uma hipótese: você e Harry. Se quiser lá ir, eu ajudo-o. Verifiquei aquele Storch em que você veio e o depósito está atestado. A tripulação de terra está na cama. Por isso, vamos lá.

Na despensa, Max vestiu um uniforme da Luftwaffe. Julie até lhe arranjou uma Cruz de Cavaleiro para usar. Escolheu uma Walther, enfiou um carregador na coronha e enroscou um silenciador na ponta. Colocou um carregador extra no grande bolso da perna das calças.

Carregado para matar um urso: era o que o meu avô costumava dizer.

— Se estiver pronto, levo-o lá acima. Max desceu atrás de Julie até a porta dos fundos e na travessia do pátio até o jipe. Depois de ligar o motor e arrancar, ela disse: — Verifiquei o boletim meteorológico. Cerca das quatro horas, prevê-se que este nevoeiro levante, e estará uma lua cheia lá em cima.

Ao aproximarem-se do aeródromo, Max comentou:

— É a segunda vez numa semana que aceito uma missão impossível. A minha mãe pensava que o caso Eisenhower era uma loucura, que eu ia para a morte.

— Ainda cá está.

— Por pouco. Isto é uma loucura, Julie?

— Deus me ajude, mas não sei. Max acendeu um cigarro.

— Bom, posso estar de volta aqui cerca das cinco horas se o controlador de serviço no Aeródromo de Morlaix aceitar o famoso Barão Negro. Eles nunca souberam bem o que eu andava a fazer, compreende? Acho que tenho urna hipótese desde que Bubi tenha mantido tudo em segredo.

O Storch estava no parqueamento. Julie parou, saíram e dirigiram-se a ele.

Reinava o silêncio. Max abriu a porta, depois beijou Julie no rosto.

— Que Deus a abençoe.

— E a ti também, Max.

Ele sentou-se no lugar do piloto,

— A propósito, onde está Munro?

Julie foi apanhada de surpresa.

— Não sei bem.

— Ora, Julie. — Ele sorriu, fechou a porta e ligou o motor. Um momento depois, elevou-se na noite.

NO ENFORCADO, Zec avivava o fogo. Jack Carter e Molly encontravam-se sentados num canto perto da lareira e Munro estava ao balcão. A tripulação do salva-vidas dispersava-se pelo salão.

— O que é que se passa, Zec? Disseste que era urna coisa especial — disse um deles.



Nesse momento, ouviu-se o barulho do Storch a passar lá por cima.

— O que é isto? — perguntou outro homem. Zec olhou para Munro, que disse:

— É o coronel Kelso a caminho de França para tentar um resgate, provavelmente a missão mais arriscada alguma vez levada a cabo a partir de Cold Harbour. Positivamente suicida. Se tiver êxito, talvez o vejamos às cinco. Por outro lado, ele pode precisar de ajuda no mar.

— E é por isso que vos quero a postos — disse Zec. — Alguma objeção?

Um dos homens riu-se.

— Vá lá, Zec, ateia o fogo, cala-te e vamos buscar as cartas. Zec tirou um baralho de cartas da algibeira.

— A que é que gosta de jogar, meu brigadeiro?

— Pôquer — respondeu Munro. — Sempre tive um fraco por um bom pôquer. Infelizmente, só jogo a dinheiro.

Ouviu-se um coro de gargalhadas. Alguém juntou duas mesas, e sentaram-se todos a sua volta.

MAX NÃO CONTATOU Morlaix até estar muito perto. A viagem desde Cold Harbour para a Bretanha fora feita a quinhentos pés. Sentia-se calmo, com total controle, sem medo nenhum.

— Vou buscar-te, Harry — murmurou calmamente. No château, inquieto, Harry acordou como que de um sonho, ficou a olhar para o tecto e depois o sonho desapareceu. Deixou-se ficar ali deitado, desperto e ansioso por qualquer razão, e pegou num cigarro.

O controlador de serviço em Morlaix era o sargento Greiser. Não havia nada para fazer, nenhum tráfego desde a chegada do Standartenführer Fassbinder à meia-noite. Greiser estava a bocejar quando, às 3.30, a voz de Max surgiu no rádio.

— Atenção, Morlaix. Diga se me ouve, escuto. Greiser agarrou no microfone.

— Alto e bom som. Identifique-se.

— Barão Von Halder em missão especial. Estou aí dentro de cinco minutos. Não avise ninguém da minha chegada. Tenho ordens

diretas do Reichsführer Himmler.

Terminado.

Incrivelmente excitado, Greiser acendeu as luzes de iluminação da pista, saiu da casa do rádio e correu debaixo de uma chuva miudinha até o hangar que abrigava o ME109 de Fassbinder. Estava lá uma jovem sentinela com a sua Schmeisser pendurada ao ombro.

— O que é que se passa?

— Vem aí um Storch.

— A esta hora da madrugada? Quem é?

— Mete-te na tua vida — respondeu-lhe Greiser.

O Storch fez uma aterrissagem perfeita e rolou até parar. Max desligou os motores, saiu e aproximou-se.

— Você é... — perguntou Max.

— Greiser, Herr Baron. — O sargento pôs-se em sentido. — É uma grande honra.

Max acendeu um cigarro.

— Confio em si, Greiser. Isto é um voo especial. Tenho que ir ao château buscar um passageiro. Tem algum veículo que eu possa usar?

— Um carro de serviço, Herr Baron. Eu mesmo o levo lá.

— Não é necessário. Volto dentro de meia hora. Leve-me ao carro. Greiser levou-o a um segundo hangar onde estava o carro, fez continência e Max arrancou.

No château, um jovem guarda das SS aninhava-se na guarita da sentinela. Max parou o carro junto à cancela.

— Levanta isso! Barão Von Halder! Acabei de chegar e estou cansado.

O rapaz nem chegou a interrogá-lo. Deixou-se levar pelo uniforme da Luftwaffe, os galões de Oberstleutnant e a Cruz de Cavaleiro. Foi aos tropeções à cancela e levantou-a. Max passou com o carro, seguiu pelo caminho até a entrada principal e parou. Estava um guarda à porta.

— Barão Von Halder — repetiu Max. — Estão à minha espera. Este guarda era mais velho e mais severo, uma postura diferente.

— O seu passe, Herr Baron.

— Com certeza. — Max tirou a Walther com o silenciador da algibeira da perna e deu-lhe um tiro no meio dos olhos. Arrastou o corpo para a sombra, depois abriu a porta da rua e entrou. Estava um jovem cabo sentado à mesa. Ergueu o olhar, e Max abateu-o com dois tiros no coração.

Estava tudo em silêncio. Ele deteve-se um momento, depois subiu as escadas. O ambiente era estranho, onírico, como se nada daquilo estivesse a acontecer, e, porém, estava. Nunca se sentira tão determinado, tão forte, na sua vida.

Caminhou com total certeza, quase como um gato, os pés silenciosos ao longo do tapete do corredor até o quarto do irmão.

O guarda estava sentado lendo um livro, com a Schmeisser no chão. Ergueu o olhar, mas Max encostou-lhe o silenciador à testa e disparou. Depois, rodou a chave na porta e entrou.

— Harry, sou eu.

Deitado na cama, Harry não conseguia acreditar. Sentou-se.

— Max? Mas que diabo?

— Escuta, correu tudo mal, eu fui preso e Munro levou-me para Cold Harbour. Roubei um Storch e vim aqui. Vou te levar de volta para a Inglaterra. Achas que te deixaria aqui? Nas mãos de Himmler?

— Mas, e a Mutti?

— A Mutti está morta. Foi morta a tiro ainda antes de eu partir. Mentiram-nos, Harry. Bubi mentiu. Vamos.

— Oh, não — gemeu Harry. Calçou o sapato direito, pegou nas muletas e esforçou-se por seguir Max, com a cabeça num remoinho.

No alto das escadas, a porta de uma casa de banho abriu-se, e Bubi saiu de lá.

— Max, és tu! Max podia tê-lo morto. Em vez disso, deu-lhe duas pancadas na cabeça, e Bubi tombou como uma pedra.

— Vamos — disse Max a Harry, e desceram as escadas. — Vamos embora daqui para fora.

Ajudou Harry a entrar no carro de serviço, meteu-se lá dentro e arrancou. No portão, a sentinela abriu a cancela num ápice. Passaram, e Max acelerou de volta ao aeródromo. Estacionou ao lado do Storch e depois ajudou Harry a entrar, fechou a porta e deu

a volta para o lado do piloto. Ao entrar, Greiser veio a correr pelo pátio.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, Herr Baron?

— Não, obrigado. Você foi esplêndido — disse Max. Rolou até o outro extremo da pista, virou-se contra o vento e acelerou depois fragorosamente pela pista fora.

Instantes depois, o Storch elevava-se, desaparecendo no escuro.

NO CHÂTEAU, Bubi levantou-se, cambaleante; tinha sangue no rosto. Depois, correu pelo corredor fora para dar o alarme. Cinco minutos depois, desceu os degraus do chateau à pressa e saltou para dentro do seu carro.

— Para o aeródromo — disse ao motorista. Tinha de ser o aeródromo, era a única maneira de Max cá chegar Ambos juntos uma vez mais. O suficiente para deixar até Himmler satisfeito. Podia mudar tudo.

Zec jogou longe as cartas.

— Chega, brigadeiro. Acho que já nos custou umas dez libras.

— Não consigo evitar jogar bem — desculpou-se Munro.

— E eu não consigo evitar o meu nariz. No mar cheiro as coisas, brigadeiro, coisas no vento. Não consigo ficar aqui sentado. Tenho um pressentimento de que é melhor estarmos vinte ou trinta milhas ao largo e esperarmos.

Munro nem hesitou.

— Vergo-me perante a sua experiência superior.

— Vamos imediatamente. — Zec virou-se para a tripulação. Mexam-se!

NO AERÓDROMO, Bubi saltou do carro de serviço e correu pela pista. Abriu a porta da casa do rádio.

Greiser voltou-se, surpreso.

— Coronel!

— O barão Von Halder esteve aqui?

— Sim, coronel. Aterrissou num Storch, disse que vinha numa missão especial para Himmler e levou um carro de serviço. Há vinte minutos, ele e um passageiro levantaram voo outra vez.

— Seu imbecil! — Bubi virou-se e correu para o ME109 no hangar.

O Storch era lento, mas o ME109 era muito rápido. Ainda podia inverter a situação.

A PREVISÃO METEOROLÓGICA de Julie revelou-se correta, pois quando o Storch começou a sobrevoar o mar, o manto de nuvens desapareceu e a Lua surgiu com uma luz branca e forte. Max virou-se e falou com Harry, que tinha os auscultadores e o microfone extras.

— Estás bem?

— Nunca me senti melhor.

— Conseguimos, mano — sorriu Max. — Tenho pena de Bubi, mas adoraria ver o rosto de Himmler.

— Também eu. — Harry verificou os instrumentos. — Devemos chegar dentro de meia hora.

Ouviu-se um rugido súbito e o Storch balançou com a turbulência do ME109 ao virar para se posicionar a estibordo. A voz de Bubi estalejou nos auscultadores.

Volta para trás, Max. Acabou a brincadeira. Não posso deixar-te fazer isto. É uma sentença de morte para mim e para os meus.

E a nossa mãe, Bubi? Mentiste-nos.

— Não tive culpa, juro.

— Lamento — disse Max —, mas a vida é dura. Vá lá, Bubi, queres mesmo que volte para trás?

— Se não o fizeres, tenho de abater-te.

— Bubi, eu sempre gostei de ti, mas nunca tiveste muito jeito. O que é que achas, mano?

— Manda-o passear — disse Harry.

— Ouviste, Bubi. Se queres tentar abater-nos, força. É muito mais rápido do que espernear com uma laçada no pescoço pendurada de um gancho de matadouro.

Picou rapidamente para os mil e quinhentos pés. Bubi atacou a cauda do Storch.

Voaram peças de fuselagem e das asas. Max continuou a picar, e Harry perguntou:

— Não vais tentar aquele velho truque?

— Salvou Eisenhower no outro dia. Depois, conto-te. Aos setecentos pés, Bubi atacou de novo e o Storch estremeceu. Max gritou ao sentir uma pancada nas costas. Baixou os flaps, o Storch quase parou e Bubi Hartmann, sem ter para onde ir, mergulhou no mar.

Nunca falha — gaguejou Max. — Não achas?

— Faz-me lembrar aquelas primeiras lições — disse Harry. Onde estaríamos agora?

— Já foi há muito tempo. — Max engasgou-se e brotou-lhe sangue da boca.

— Oh, não! — exclamou Harry.

— Chama Cold Harbour. Estamos a perder potência — disse Max.

— Cold Harbour, Cold Harbour, aqui coronel Kelso e irmão num Storch muito danificado.

Foi o salva-vidas que respondeu.

— Aqui Zec, coronel. Estamos vinte milhas ao largo no Lively Jane. Dê-me a sua posição.

Harry assim fez, acrescentando:

— O meu irmão foi atingido.

— Lá estaremos, rapaz. Estamos a menos de três milhas.

O Storch desceu, visível no luar luminoso, com o mar negro por baixo. A alvorada despontava no céu a leste. No Lively Jane, foi como se toda a tripulação visse o avião ao mesmo tempo. Molly, na popa, debruçou-se na amurada com Munro, enquanto o barco corria sobre as ondas.

O Storch estava agora claramente visível, uma milha para bombordo, fumegante.

Aos quatrocentos pés, o motor calou-se e o hélice parou. Fez-se silêncio, só se ouvia o barulho do vento, e Max tossiu de novo.

— Põe o colete salva-vidas.

— Não adianta. Estou a afogar-me no meu próprio sangue. Cem pés mais abaixo, roçando a crista das ondas, Max guinou para bombordo e amarou paralelo à mareta.

O Storch parou. Harry abriu a porta e desapertou o cinto. O avião já estava a afundar-se. Ele tentou desapertar o cinto de Max, mas

parecia encravado.

Max tossiu, e nova golfada de sangue jorrou-lhe da boca.

— Estou arrumado. Vai-te embora daqui.

— Max — gritou Harry. — Não!

O barão Von Halder reuniu os seus últimos átomos de força e deu-lhe um soco na boca. Harry caiu para trás pela porta aberta. Uma onda apanhou-o e puxou-o para fora. Atrás dele, o Lively Jane deu a volta, mas Harry só tinha olhos para o Storch: a asa de bombordo debaixo de água, o aparelho a inclinar-se. Uma última visão do irmão no cockpit. Só uma sombra, e depois o avião desapareceu sob as ondas, sumindo-se para sempre.

DOIS MEMBROS da tripulação o puxaram para o barco, e mãos pressurosas o subiram para bordo. Caiu no convés, e alguém lhe enrolou um cobertor à volta dos ombros.

— Harry, és tu, não és? O que é que aconteceu? — quis saber Munro.

— Max me libertou. Bubi Hartmann nos seguiu num MEI09. Disparou muito contra nós. Max foi atingido nas costas, depois fez Bubi cair ali atrás. Fim da história.

Molly tinha um braço à volta dele.

— Anda. Deixa-me examinar-te.

— Para quê? Para me dizeres que eu devia estar morto? Já sei disso há anos. Creio que o meu irmão sabia o mesmo. Agora, foi-se.

— O rosto de Harry parecia de pedra. — Sabes o que mais, Molly, meu amor? A minha sorte acabou com Tarquin. Sou um cadáver ambulante.

Levantou-se e foi lá para baixo.

# Epílogo

## COLD HARBOUR

1998

PASSOU-SE quase um ano desde o dia em que a minha mulher e eu regressamos a Cold Harbour, e que ano!

A pesquisa sobre Harry e Max Kelso levou-me a muitos lugares: aos arquivos do Pentágono, ao Gabinete de Registro Civil em Londres, aos arquivos da Luftwaffe na Alemanha, a Portugal continental e Madeira. Fui na pegada de um maravilhoso velhote americano de oitenta e três anos que fora piloto da RAF e acabara a guerra na Força Aérea Americana. Conhecera Harry Kelso, e a sua informação foi valiosa.

Desnecessário dizer que as principais personalidades tinham morrido todas: o brigadeiro Dougal Munro, Jack Carter, Teddy West. O general Eisenhower morrera há muito, e o major-general Tom Sobel desaparecera no canal da Mancha, a caminho da Normandia, duas semanas depois do Dia D. Tive grande sorte com o major Vereker, da Real Polícia Militar. Morreu em 1953, mas a filha teve a gentileza de me dar um envelope que encontrara entre as coisas antigas do pai: um relatório pormenorizado dos acontecimentos daquele dia em Southwick, quando prenderam Max sob as ordens de Dougal Munro.

Por que a ilha da Madeira? Muito simples. Fernando e Joel Rodrigues foram expulsos do serviço diplomático português. Abriram um bar no velho Bairro de Alfama. Com o fim da guerra na Europa, Sarah Dixon foi libertada. Um final feliz para alguém: ela foi para Portugal e casou com Fernando. Em 1950, mudaram-se para a Madeira e abriram um bar-restaurant. Ela morrera há muito, mas Fernando não, ainda andava por ali aos oitenta e nove anos, incrivelmente ativo. Ouviu o que eu tinha para dizer e riu-se quando terminei.



- Li os seus livros e, sabe o que mais? Isto é um bom enredo.
- Tal como os meus outros enredos? — perguntei.
- Só que este é verdadeiro. — Riu de novo e passou a esclarecer alguns pontos. Morreu poucos meses depois.

O AVIÃO que Denise alugara era um Archer, um monomotor. A razão da viagem era simples. Eu enviara um exemplar datilografado da história a Zec Acland para Cold Harbour. Telefonara-lhe no dia anterior a perguntar se podíamos aparecer por lá.

E aqui estávamos, a voar para oeste, sob um céu de chumbo, sinais de chuva.

Imerso nos fatos do livro como estivera durante tanto tempo, pensei em 1940: a Luftwaffe voando por aqui, a RAF levantando voo para interceptá-los, a Batalha da Inglaterra, Harry e Max, os jovens heróis de ambos os lados, mais de cinquenta por cento dos quais morreram. Era um pensamento deprimente: aqueles aviões todos no fundo do Canal, e num deles estavam os restos mortais do Obertleutnant barão Von Halder.

Ouviram-se trovões no horizonte ao mesmo tempo que Denise guinava, descendo sobre Cold Harbour. A aldeia estendia-se lá em baixo: O Enforcado, as casas de campo, o Lady Carter amarrado ao cais. Pairamos sobre a abadia, o lago e aterramos. Denise rolou em direção aos hangares do tempo da guerra, onde um velho Land Rover aguardava com Zec Acland encostado a ele.

Saímos.

Zec aproximou-se, e Denise deu-lhe um beijo.

— Você não está nada mais velho.

— Tem muito jeito para as palavras, moça. Têm Tarquin ali dentro?

— Claro que sim — disse ela.

— Tragam-no. Vamos até lá abaixo ao Enforcado, comemos umas sanduíches e bebemos um copo. — Sentou-se ao volante, e nos juntamos a ele, com Tarquin na sua nova mochila impermeável.

Uns minutos depois, parou junto ao pub, saímos do carro e entramos. Não estava lá mais ninguém, mas afinal eram só 11 horas. Porém, a lenha na lareira ardia luminosamente, e eu fui

invadido por uma estranha sensação de déjà vu, não só porque Denise e eu já ali estivéramos em circunstâncias dramáticas. Tinha a ver com tudo o que ali acontecera: Dougal Munro, Jack Carter e Molly, Julie Legrande e Max e Harry.

— Betsy! — chamou Zec. Ela espreitou da cozinha.

— Ora viva!

— Estamos prontos. — Zec virou-se para Denise e perguntou: — Podemos vê-lo?

— É claro. — Ela abriu a mochila, retirou Tarquin e sentou-o no balcão.

Zec sentou-se e olhou-o fixamente durante algum tempo com lágrimas nos olhos.

— Seu patife maravilhoso.

Betsy apareceu com um monte de sanduíches.

— Que tal uma bebida?

— Para mim, chá — disse Denise. — Vou voar.

— Abre aquela garrafa de champanhe que meti no frigorífico, e eu também bebo um pouco — disse Zec.

Atacamos os sanduíches, que estavam deliciosos.

— O que achou do manuscrito que lhe enviei? — perguntei.

— Razoável. — Deu uma gargalhada subitamente. — Não, bolas, estava fascinante. Mas tem algumas lacunas.

— Tais como? — Bebi um pouco de champanhe.

— Vou deixar que Lady Carter as preencha. Ela nos espera.

Denise parou de comer.

— Lady Carter? Mas este é o nome do barco salva-vidas.

— Só podia ser. O marido ofereceu um barco novo há dez anos, antes de morrer, e o Real Instituto de Socorro a Náufragos batizou-o com o nome dela.

— Lady Carter? — perguntei.

— A mulher de Jack Carter. Sir Jack Carter, depois da morte do pai. Jack terminou a guerra como coronel. Instalou-se aqui e comprou a abadia.

— E Lady Carter? — perguntei, embora já desconfiasse da resposta.

— Lady Molly, como a chamam as pessoas daqui. Molly Sobel, como era antes. Foi médica nestes lados durante anos. Uma santa.

Denise olhou para mim, uma interrogação no olhar, depois virou-se para trás, para Zec.

— Tiveram filhos?

— Não. Jack foi atingido em Dunquerque e perdeu a perna, ficando incapacitado, se é que me entende. Não que isso fizesse diferença. Depois de Harry, nada fazia diferença.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Vou deixar que seja ela a contar. Ela está à nossa espera. E tragam Tarquin.

NA ABADIA, não perdeu tempo com a porta da frente, contornou uma esquina e seguiu por um terraço que dava para um maravilhoso jardim de rosas. As janelas de sacada encontravam-se abertas, e lá estava ela, sentada na biblioteca, junto à lareira.

Tinha oitenta anos, o cabelo branco como uma auréola, o rosto ainda jovem, maçãs proeminentes. Levantou os olhos do manuscrito, o meu manuscrito, e o pôs de lado.

— Reconheço-o pelas fotografias na contracapa dos livros.

— Lady Molly. — Peguei-lhe a mão. — A minha mulher, Denise.

Ela puxou Denise para perto.

— Disseram que é excelente piloto.

— Obrigada — disse Denise.

— Fiquei fascinada com o livro. Tantas coisas que eu nunca soube. — Hesitou. — Será que posso ver Tarquin?

Denise abriu a mochila, tirou-o e entregou a ela. Lady Molly olhou-o, fascinada.

— Oh, Tarquin. — Abraçou-o com os olhos cheios de lágrimas. — Onde o encontraram? Harry achava que tinha sido destruído na queda do Lysander.

— Ao que parece, Marie ficou com ele para a filha — disse eu. — Marie morreu na luta da Resistência depois do Dia D. A criança foi adotada por parentes, e nunca mais se soube de Tarquin.

— Até o encontrarmos numa prateleira de uma loja de antiguidades em Brighton — disse Denise. — Como foi lá parar,

nunca saberemos. No entanto, o nome o seguiu.

Fez-se uma pausa.

— Há uma lacuna — disse eu com alguma timidez. — O que aconteceu a Harry depois. Não consegui descobrir.

LADY MOLLY SORRIU. — Bem, Eisenhower teve de ser informado, mas ficou decidido manter tudo ultrassecreto. Quero dizer, a ideia de que o comandante supremo tinha estado em perigo antes do Dia D era impensável. Harry continuou fazendo transportes ocasionais para Munro. Nunca estava satisfeito, mesmo depois de promovido a coronel. Após o acidente na Mancha e do que aconteceu a Max, nunca mais foi o mesmo. Disse que era um cadáver ambulante. Acho que queria prová-lo. Acho que queria estar com Max. Eles eram um, compreende? Permutáveis de um modo difícil de explicar. Será que Max era Harry, ou Harry era Max?

Denise segurou a mão dela e perguntou gentilmente: — O que aconteceu?

— Foi tão estúpido, tão incrivelmente estúpido. Quase no fim da guerra, o meu tio tinha uma missão de resgate de um general alemão. Harry ofereceu-se como voluntário para fazer o voo daqui num Arado, usando a insígnia da Luftwaffe.

Aterrissou, embarcou o homem, voou de volta pela França. Foram atacados por um Mosquito da RAF e sofreram graves danos.

— E caíram na Mancha? — perguntei.

— Não, não. O tempo estava péssimo, mas ele conseguiu chegar a Cold Harbour: eu estava aqui com o meu tio e com Jack. O Arado rolou até parar, e quando abrimos a porta, o general alemão estava histérico no banco de trás, e Harry, morto nos comandos.

Ficou a olhar para o passado, angústia na expressão, e Denise abraçou-a. Por fim, Lady Molly recompôs-se.

— É tão importante tornar a ver Tarquin. Ele voltou para casa. Pertence-lhe de direito — disse Denise.

— Oh, não. Fico muito agradecida. — Lady Molly hesitou. — Se eu pudesse pedi-lo emprestado... Pode ser? Apenas um empréstimo temporário.

— Com certeza — disse Denise.

— Obrigada — disse Molly, levantando-se. — Agora, gostaria que viessem comigo. Há uma coisa que devem ver.

Caía uma chuva miudinha. Ela pôs uma capa nos ombros e aninhou Tarquin no braço esquerdo. Zec tirou dois guarda-chuvas que estavam no bengaleiro, deu-nos um e colocou-se ao lado de Lady Molly, cobrindo-a com o outro. Denise e eu fomos atrás.

Havia um muro de pedra, uma velha igreja de pedra cinzenta, ciprestes e um maciço de faias. Zec abriu um portão e entramos no cemitério. Seguimos por um caminho estreito entre campas, muitas claramente antigas. Por fim, paramos no canto mais afastado, sob um cipreste. A campa estava bem tratada, tinha flores frescas e a erva cuidadosamente aparada.

A lápide era uma laje de ardósia da Cornualha, e a inscrição estava gravada a ouro.

— Aqui estamos. — Ela sorriu e segurou Tarquin com força.

Dizia:

MARÇO DE 1945.

EM TERNA MEMÓRIA DO CORONEL HARRY KELSO E DE SEU IRMÃO, OBERSTLEUTNANT BARÃO VON HALDER. JUNTOS POR FIM. IRMÃOS DE ARMAS.

A chuva aumentou, e Zec aproximou-se mais, segurando o guarda-chuva. Havia algo de selvagem nele, assim parado, o braço à volta de Lady Molly. Denise esforçava-se por conter as lágrimas.

Lady Molly voltou-se.

— Não tenha pena, minha querida. Foi há muito, muito tempo, e agora que já não tem importância vou contar uma coisa que nem aqui o querido Zec soube.

Zec franziu o sobrolho, intrigado, e ficamos à espera.

— Tal como descobriu, em 1930, quando o pai deles morreu e eles tinham doze anos, Elsa pretendeu regressar à Alemanha com o filho mais velho, Max, o barão, ficando Harry com o avô.

— Exatamente — disse eu.

— Harry contou uma versão diferente pouco antes de morrer. Tive sempre a impressão de que ele pressentiu a morte chegando.

Contou que, quando a decisão do avô lhes foi apresentada, os garotos não gostaram da ideia. E havia outro problema: Tarquin, o urso, que havia voado na França com o pai. Quem ficaria com Tarquin? Isto tudo se passou entre eles. Abe e a mãe não souberam de nada.

— O que eles fizeram? — perguntei.

— Decidiram que Tarquin devia ficar na América, na casa onde o pai havia nascido. Depois, jogaram uma moeda para o alto para ver quem iria viver na Alemanha com a mãe.

Zec ficou abismado, e Denise disse: — Oh, não!

— Sim, minha querida — disse Molly. — Harry Kelso era o barão Von Halder, e Max era Harry Kelso.

Foi a coisa mais espantosa que jamais ouvi. Cortou-me a respiração. Foi Denise quem disse: — Juntos por fim. Mas, de certo modo, estiveram sempre juntos.

— Exatamente. — Lady Molly sorriu. — Agora, vamos voltar. E caminhou à nossa frente, Zec segurando o guarda-chuva por cima dela.

DESPEDIMO-NOS, e Zec levou-nos ao aeródromo. Deu-me um aperto de mão e beijou Denise.

— Tome cuidado, moça.

Entramos no Archer. Denise sentou-se do lado esquerdo, e eu tranquei a porta. Quando ela ligou a ignição e o motor começou a trabalhar, a chuva redobrou de intensidade, e havia neblina lá longe no mar.

— É melhor correr — disse Denise. — Isto vai piorar antes de melhorar.

Aceleramos pela pista afora e levantamos voo em direção ao céu cinzento, subimos até mil pés e, de repente, ela virou para bombordo.

— O que é está fazendo? — perguntei.

— Só quero dar uma última olhadela.

Mas ao passarmos sobre a terra, a neblina já se havia espalhado. Não havia sinal de Cold Harbour. Era como se nunca tivesse existido.

**FIM**

## Sobre o Autor

QUANDO era garoto, Harry Patterson levou umas reguadas do diretor da escola, que lhe disse: — Nunca há-de ser ninguém na vida.

Como os professores se enganam por vezes!

Pode ter levado algum tempo, mas o aluno que levou aquelas reguadas viria a ser, sob o pseudônimo de Jack Higgins, um dos autores de maior sucesso da Grã-Bretanha e do mundo inteiro.

até a data, publicou mais de cinquenta e oito romances e já foi traduzido em mais de cinquenta línguas.

O dia típico começa com natação ou sauna. Depois, gosta de saborear um pequeno-almoço inglês completo no seu restaurante preferido da ilha de Jersey, onde vive, e numa mesa de canto escreve qualquer coisa.

— Escrevo aproximadamente o equivalente a vinte folhas por dia, o que ao fim de três semanas dá cerca de oitenta mil palavras, que são o meu primeiro rascunho.

A sua rotina habitual é começar a escrever em Outubro para acabar no fim do ano.

— De Janeiro a Outubro faço pesquisa para o livro seguinte ... chamo-lhe "a época do cinema da mente". Há tempos, encontrei um homem que conhecera quando eu era estudante e trabalhava nos autocarros; ele continua a ser motorista de ônibus. Disse as coisas habituais, o grande orgulho que todos têm em mim, e depois perguntou-me: " Ainda trabalhas ou só escreves livros?" As pessoas parecem não entender que ser-se escritor é uma profissão a tempo inteiro.